

Leandro Karnal
Luiz Estevam de O. Fernandes

SANTOS FORTES

Raízes do Sagrado no Brasil





Leandro Karnal
Luiz Estevam de O. Fernandes

SANTOS FORTES

Raízes do Sagrado no Brasil

ANFITE
ATRO

Este livro é dedicado ao inegável santo forte
de Tereza de Goes Oliveira.

Os autores agradecem a Aline Vieira de Carvalho, Maria Tereza e Manuela de Carvalho Fernandes pela santa paciência com que entenderam os retiros monásticos da escrita; a Anderson Roberti dos Reis e Luís Guilherme Assis Kalil pela leitura atenta e sagradas sugestões. Fazemos santos votos de obrigado a Rui Assunção Fernandes pela meticulosa revisão e divinas melhorias de estilo. Importante ressaltar: sem a paciência do bíblico Jó demonstrada por Bruno Fiuza, da Editora Rocco, o livro nunca teria chegado ao final.

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Introdução: entrando na luz perpétua

1 São Jorge: salve, santo guerreiro!

2 São Sebastião: a dor, as flechas e o torso nu

3 São Judas Tadeu e o machado do poder

4 São Longuinho e Santo Expedito: sobre pulinhos e rapidez

5 Maria, Marias: dá-nos a bênção, ó mãe querida!

6 São Francisco de Assis: o hippie de Deus

7 São João, São João: acende a fogueira do meu coração

8 Meu Glorioso Santo Antônio

9 Santa Bárbara: na torre e no terreiro

10 Santos fora do altar: no coração do povo e longe da Igreja

O futuro dos santos e o nosso futuro: conclusões em aberto

Introdução: entrando na luz perpétua

Eles são santos: logo, devemos imaginá-los no Paraíso. Eles são fortes: implica dizer que são intercessores, que fazem o vínculo entre este mundo e o outro. Santos e fortes: estão no céu, mas não estão parados e jamais estão indiferentes. Santo forte remete a um vínculo entre mim e o santo, entre este ser de carne e osso que sou eu e aquele outro de pura luz. O santo é repleto de graças, e eu, humano, carente delas. Preciso de amparo. Meu corpo e meu espírito vivem assaltos e perigos. Percorro o vale de lágrimas, cercado de medos, submetido a desgraças, gemendo e chorando sob o peso da minha dimensão trágica. Eles habitam a glória eterna, sem medos.

Os anjos foram criados eternos e eternamente vivem na corte divina. Já os santos passaram por este mundo, e isto os torna particularmente compreensivos com seus fiéis. Hoje são luz, mas nasceram chorando, tiveram fome, ficaram doentes e sofreram como eu. Um dia, cada um deles, a sua maneira, encarou a morte. Percorreram todo o arco da existência.

O segredo dos santos está no cruzamento entre o divino e o humano. Suficientemente humanos para estarem ao meu lado e me entenderem. Suficientemente santos para estarem junto ao Criador e contemplá-Lo. Humanos com a centelha do Espírito, mas almas que habitaram no invólucro da carne. São como eu, mas estão além de mim.

...

Vivemos a era dos gurus. Há sites e blogs de moda e de gastronomia, enólogos

que nos guiam nos meandros de Baco, psicólogos que oferecem questionários para medir nossa felicidade. Os santos são grandes gurus, arcanos e guias. Ao contrário dos filósofos clássicos que iluminaram uma parcela pequena de letrados, os santos são mais abrangentes. Indicaram comportamentos, exaltaram virtudes em grau heroico, agiram em vida e continuam agindo após a morte. Esta é a crença forte na intercessão do santo. Como toda fé, nasce do reconhecimento da minha fraqueza e da minha necessidade de amparo.

Deus é, para o fiel, a fonte de todo poder. Toda força é originada de Deus. Só Deus cria: isto une teólogos luteranos, calvinistas, católicos, islâmicos e judeus. A tradição protestante estabeleceu uma ligação direta entre o indivíduo e o Todo-Poderoso. As tradições católica e ortodoxa lançaram mão de intermediários, advogados e canais de acesso a Deus. Para os protestantes, o culto aos santos é idolatria, pois todos temos a faísca santa dentro de nós. Basta desenvolvê-la, nutrir a semente até tornar-se árvore. Para os católicos, invocar a ajuda de santos é um recurso válido e amparo diante das incertezas da vida. Os devotos dos santos fortes não se preocupam com teologias elaboradas em gabinetes e bibliotecas. Não debatem as sutilezas conceituais da latria (adoração devida a Deus), dulia (veneração aos santos) e hiperdulia (dedicada à Virgem Maria). Apenas sentem que precisam de ajuda. Teologia é recurso mental sofisticado. A necessidade imediata e prática dispensa este tipo de sutileza. O fiel não é metafísico; o aqui e agora é mais forte do que a especulação sobre as causas primeiras. A fé de alguém diante do seu santo de eleição não diminuiria diante dos protestos de todos os teólogos e, obviamente, não depende da aprovação deles.

Não entraremos no Fla-Flu teológico sobre idolatrias e venerações. Não cabe ao historiador julgar. Este livro não pretende de forma alguma questionar se é correto ou não venerar uma imagem ou o que ela representa. Partimos do pressuposto de que milhões de seres humanos acreditam em santos, em particular no Brasil. Esta crença existe e conforta muita gente. Esta crença produz história e fatos concretos. Este, portanto, é um livro sobre o que é a fé de muitas pessoas e suas relações com a identidade brasileira, sobre como ela

funciona para as pessoas. E, se o historiador não julga, tampouco o religioso deve julgar.

Claro que um devoto calvinista diz, e com argumentos bíblicos, que a simples imagem de um humano contraria o Decálogo. O Antigo Testamento é muito sensível à chamada “idolatria”. Eventualmente, o Deus que abomina imagens de homens, de animais ou de qualquer ser é o mesmo que ordenou que Moisés fizesse uma serpente de bronze para que o povo se curasse ao olhá-la. Ordenou também que dois querubins fossem colocados sobre a arca da aliança. Ali, na urna dourada onde estavam as leis que estabeleciam a proibição absoluta de imagens, havia dois querubins, ou seja, duas imagens. O próprio Deus é menos rigoroso com as regras do que os teólogos que falam em seu nome. Felizmente a definição mais tocante para os fiéis é que Deus é amor e amar implica, por vezes, ir além da lei.

É importante que os críticos da devoção aos santos saibam que o fiel que a eles recorre jamais imagina violar uma regra divina. Diante de uma estátua de São Judas Tadeu, nenhum devoto sente algo que não seja piedoso e doce. A santidade, as imagens, as novenas, as procissões são para os fiéis devotos como todo objeto e prática sagrada de qualquer religião, monoteísta ou não.

Deus está em toda parte e não necessita de intermediários, bradam zelosos negadores das imagens de santos. É verdade, e um devoto de Santa Rita poderia concordar. Provavelmente, se for um devoto irônico, lembraria que isto também torna desnecessário ir ao Kotel, ao Muro das Lamentações ou a Meca para circundar a Caaba. Sim, todas as fés criam locais sagrados, objetos não comuns que devem ser respeitados e práticas em torno de objetos materiais. Para o devoto de um santo, a imagem dele, o local do seu nascimento ou morte, suas relíquias e práticas devocionais são este pedaço do sagrado.

Bom senso é aquilo que apenas eu tenho. Infelizmente, a fé do outro está sempre errada e Deus se comunica de forma reta apenas comigo. Somente eu sei que estas pessoas cometem um equívoco porque são diferentes de mim e não

interpretam a Bíblia, a Torá ou o Corão da maneira correta – a propósito, a minha. Mais uma vez, se fôssemos inclinados à ironia, diríamos que é possível que as imagens impeçam a entrada de uma alma no céu, assim como a vaidade de todos que se consideram superiores aos outros pode ser o impeditivo da salvação. A virtude presumida pode ser mais grave no Juízo Final do que uma singela devoção ao bem.

• • •

A santidade é um caminho para materializar muitas coisas. É simbólica e cria redes de comunicação. Cultos criam identidade e códigos. Santos são tribais e universais. A cultura fala pelos santos de um local, e sua memória e seu culto são testemunhos vivos da sociedade. A materialidade da imagem tem muitas funções ao fiel. A primeira é servir de lugar da memória, um corpo concreto que contém algo do santo, seja sua memória, seja a imagem em si, uma relíquia. Diante dela, o crente se concentra, reza, chora, pede proteção, curas, simpatias, graças e milagres. A segunda função é dar concretude ao local onde se deve agradecer pelo que foi conseguido. A imagem ou o santuário é o local onde deposito meu ex-voto ou uma placa de agradecimento. Lá, de joelhos, agradecerei ao santo pelo que ele me fez. Como a relação entre o fiel e seu santo é extremamente pessoal e intensa, uma promessa não paga pode significar a revogação da graça alcançada, o fim da proteção. Por fim, a imagem serve para que o fiel puna o santo caso ele não cumpra sua parte da promessa. É a imagem que ficará de ponta-cabeça, num copo d'água, sem velas.

Historicamente, a santidade evidencia um cruzamento interessante entre a tradição do sagrado judaico e o hábito greco-romano de se relacionar com heróis e imagens. O cristianismo combina muitas fontes, e cada imagem de um santo tem um pouco de todas estas origens. Um santo é um documento histórico para o olhar treinado. Da mesma forma que o lindo bonsai da cultura nipônica deve conter parte de todo o universo numa pequena árvore, o santo deve ilustrar toda a possibilidade do sagrado num único ser. A santidade é humanidade e, no seu

humano-divino, todo santo mostra os limites e a glória da existência concreta da plenitude personificada numa biografia.

• • •

Falemos de identidade. Santos não são apenas intermediários. Emprestam seu nome a pessoas. Há milhares de brasileiros com nomes de Antônio, de Maria do Rosário, de Salete, de Teresinha e até de santos não oficiais, como os Cíceros. A santidade batiza cidades e acidentes geográficos: Cabo de Santo Agostinho, Angra dos Reis, São Paulo, São Pedro do Rio Grande do Sul... Há festas associadas: o dia da avó em 26 de julho, dia de Sant'Ana, o dia das mães no mês de Maria, as festas de São João que se estendem por todo o mês de junho. Santos possuem virtudes específicas: Edwiges para os endividados, José para assinalar a última esperança de chuva no Nordeste, Luzia para os olhos, Isidoro de Sevilha para a internet, Expedito para o que demanda velocidade. Estão por toda parte. Amparam tudo. Criam identidades corporativas: Lucas para médicos, Ivo para advogados, Apolônia para dentistas. Podem estar ligados a partes do corpo, como a já citada Luzia ou São Brás, bispo e mártir, que ampara todos os problemas de garganta.

Na Europa havia o costume do *onomástico*. Era a comemoração do santo ao qual tomei o nome. Se fui batizada Cecília, meu onomástico é o dia 22 de novembro, dia da santa padroeira dos músicos. Festa para Franciscos a 4 de outubro, ou Inácios a 31 de julho. Era um segundo aniversário, comemorado como tal. Pensemos no caso dos autores deste livro. Leandro, humilde na Terra, tem um São Leandro de Sevilha, mais culto e mais forte, mais importante e eterno, homônimo protetor de sua vida. Luiz tem o mês de agosto pleno de festa, pois além de seu aniversário poderia celebrar o dia 19 com São Luís de Tolosa, bispo, irmão de Carlos Martel, e o 25 com São Luís, rei da França.

As figuras de Deus e da Santíssima Trindade estabelecem uma sacralidade e majestade quase inatingíveis – do mais alto dos céus paira a imensa glória do

Criador. Mas isto também estabelece certa hierarquia. Entre mim e o mais-além de tudo que é Deus, há uma distância significativa. Os santos preenchem este imenso vácuo.

Perdi a chave do carro? Fica estranho invocar Pai, Filho e Espírito Santo para achá-la. É pouco para tanto poder, medíocre problema para tão excelsa majestade. Mas São Longuinho é um simpático diminutivo, próximo, inspira a confiança das relações familiares. Agradeço com três pulinhos. Qual o interesse do santo nos meus pulos? Como a glória de um eleito celeste pode aumentar com este ato cômico, quase patético? Não é lógico, e por isso mesmo é tão fundamental. A fé não se comunica com reflexões de causa e efeito materiais e observáveis. Ela simplesmente é. Longuinho e pulinho rimam, e isso faz parte de uma longa tradição mágica. O mais importante é que, recorrendo a ele, todos acham o que procuram, e isto é o resgate de qualquer dúvida. Mas e se alguém rezou a Longuinho e não encontrou? Lógico: falta de fé do pedinte. A religião é sempre autoexplicativa e se basta. A falha é sempre do crente.

O sacrifício faz parte de uma determinada concepção religiosa. Islâmicos, judeus e cristãos apresentam formas de negação de prazeres com vistas a um bem maior. Os jejuns de Yom Kippur e do Ramadã, a abstenção da carne vermelha na Sexta-Feira Santa, o andar de joelhos na calçada de Fátima: uma escola de educação do corpo, preparação do espírito e visibilidade da fé.

Os singelos três pulinhos para São Longuinho, triviais, são primos distantes destas grandes renúncias. Amar é sacrificar-se. O primeiro argumento que toda mãe utiliza ao demonstrar seu amor pelo filho é lembrar que ficou noites velando quando de alguma doença do rebento. Fomos amados porque alguém se sacrificou por nós. Para os cristãos, somos amados porque Jesus se sacrificou por nós. Os santos se sacrificaram em vida e, agora, lançam seu olhar benigno aos meus sacrifícios, voluntários e involuntários.

Toda mente psicanalítica esboçará um discreto sorriso neste momento. Fé e sacrifício, dor e crença: são binômios de fácil enquadramento para um olhar

profissional. Psicanalisar religiosos é fácil, quase uma tentação insuperável, de Freud a Lacan. Religião como neurose, sublimação, denegação, catarse, discurso simbólico, sublimação sexual: quase tudo salta aos olhos do observador. Sim, toda fé e prática religiosa são um prato pronto para o banquete racional.

Contemplar as imagens em êxtase de Teresa d'Ávila ou da Beata Albertoni, ambas de Bernini (figs. 1 e 2), em Roma remete, automaticamente, à análise de Lacan. As contemplações divinas viram elegias eróticas. As explicações do psicanalista são boas e sólidas sobre estas duas esculturas. Porém, ambas atraem multidões por dois enlevos não analíticos ou perfeitamente racionais: o contentamento estético da arte e a fé.

Vamos contar um episódio passado com Leandro, numa viagem a Roma. Há alguns anos, ao lado da estátua de Teresa ferida pela flecha do anjo, lia o seminário de Lacan sobre o êxtase. Foi uma tarde de encantamento racional. Percebia que, ao longo das horas, as pessoas que ali vinham buscavam outras coisas, da beleza do barroco ao simples *selfie* com a estátua atrás. Alguns faziam o sinal da cruz tradicional. Muitos apelavam a uma fé mais recente: a rede social. Leandro parecia ser o único que tinha Lacan como guia. Naturalmente, a imensa vaidade o fazia crer, ao entender as complexidades lacanianas, ser dono de uma racionalidade invejável e superior aos que buscavam um *like* na foto ou apenas se persignavam. Conselho do velho Doutor Bacamarte, o alienista de Machado de Assis: quando você é o único a se achar racional, há chances sólidas de que seja o louco. A racionalidade é uma forma socialmente valorizada de insanidade e cria vícios que satisfazem, exatamente como uma prática mágica.

• • •

Este livro trata de alguns santos populares no Brasil. Não contempla todos. A escolha pode ser contestada. No Rio de Janeiro, há alguns anos, encontramos uma devota de Santa Mafalda, provavelmente a única que conheceremos durante toda nossa vida. Para ela, a omissão de Santa Mafalda neste texto será

muito sentida. Porém, se omitíssemos Judas Tadeu ou Antônio, mais gente ficaria triste.

Existem devoções que estão acima de Santa Mafalda em número de seguidores, mas abaixo de São Judas Tadeu ou Santo Antônio. Constituem um vasto campo. Por exemplo: o Menino Jesus de Praga, São Francisco de Paula ou Santa Inês. São centenas de exemplos. Existem também os lembrados uma vez por ano, mas sem devotos expressivos, como o papa São Silvestre, mais associado a uma corrida do que às graças alcançadas. Santa Maria Goretti, apesar de ser uma santa recente, já entrou em relativo declínio, permanecendo em muitos nomes, mas em poucos corações.

Para alguém que nasceu numa cidade chamada São Leopoldo é curioso nunca ter encontrado um devoto do imperador austríaco, sempre representado com uma igreja nas mãos. Já para quem nasceu paulista, topar com o santo padroeiro do estado continua comum e constante. Existem santos citados em milhares de páginas intelectuais, como Tomás de Aquino, Anselmo de Cantuária ou Roberto Belarmino, mas há poucas devoções populares a eles. Há santos tradicionais que constavam até do cânon da missa, como as Santas Perpétua e Felicidade, e fora de determinados círculos italianos causam encantamento mais pela combinação dos nomes poéticos do que pela vida exemplar ou graças alcançadas. Existem santos corporativos demais, ou seja, muito ligados a um grupo religioso, como Santo Estanislau Kostka, padroeiro dos noviços jesuítas, mas um ilustre anônimo fora do círculo inaciano. Existem as multidões difíceis de distinguir, como a Santa Úrsula e as onze mil virgens.

Por fim, há santos absolutamente anônimos para a imensa maioria das pessoas, mesmo as católicas. São milhares de obscuros bispos da Alta Idade Média, abades dos confins do mundo, condessas de lugares ermos e mártires sem muito holofote. Estes cumprem exemplarmente a humildade do quase anonimato, não recebem orações há séculos e surgem como pequenos rostos quando um pintor retrata a multidão dos bem-aventurados no céu. No célebre “Enterro do conde de Orgaz”, de El Greco, há santos grandes e imponentes no primeiro plano:

Santo Agostinho, Santo Estêvão e São João Batista. Depois, à medida que nos afastamos das grandes figuras, o Paraíso continua povoado por um grande grupo, cada vez menos nítido. Se houvesse rede social no céu, seriam os que nunca recebem uma curtida, mas resistem com seu perfil no ar. Dos milhares de santos do panteão católico, constituem a maioria, perdidos nas brumas do tempo e enterrados nas areias do esquecimento. Cantam hosanas a Deus, mas em coro; jamais fazem o solo guardado para as estrelas do espetáculo místico. Chamemos do olvido alguns: São Cornélio (papa), Santa Bega, Santo Enódio de Pavia, Santo Anseges, Santo Orsiésio... Não desejamos que repousem em paz, porque isto já fazem há séculos. Desejamos que um dia deixem de repousar e sejam chamados ao palco.

Santidade tem um toque nacional e local. Santos também conhecem conjunturas. É possível encontrar muitos devotos de São Toríbio de Mongrovejo em Lima e poucos ou nenhum em São Paulo. São Filipe de Jesus é quase apenas mexicano. Dentro de um país também há variedades. Nossa Senhora do Caravaggio tem muitos fiéis no Rio Grande do Sul, mas é quase desconhecida no Norte do país. Nossa Senhora Desatadora de Nós reúne milhares em Campinas e tem um grupo crescente de devotos, mas menos do que Nossa Senhora Aparecida.

Esta obra escolheu alguns dos santos mais populares do Brasil. Deus é um, mas seus santos são milhares. “Na casa de meu pai há muitas moradas”, garantiu Jesus. Considerando o volume de santos oficiais, devem ser imensos condomínios de bem-aventurados. O maravilhoso da santidade é que, ainda que escrevêssemos vinte volumes alentados, deixaríamos muitos de fora.

• • •

Santos estão no céu – é isto que significa, em última instância, ser santo. Canonizar é garantir, com a autoridade do papa, que determinada alma está junto a Deus. Originalmente, os santos surgiam por tradição ou aclamação

popular. Depois, passaram a ser atributo específico do bispo de Roma.

A biografia do santo demonstra a vivência das virtudes de forma heroica. Todos podemos ser bons ou caridosos ou pacientes. Os santos o foram em elevado grau. Uns foram santos confessores, ou seja, confessaram sua fé, inclusive em situação de risco. Outros são mártires, deram a vida pelo que acreditavam, segurando uma palma na mão como símbolo da suprema opção. Ou são virgens e guardaram absoluta castidade, acompanhadas as imagens pelo lírio, a flor da pureza. Podem ser doutores da Igreja, pois seu ensinamento foi considerado fundamental para a constituição do catolicismo como instituição. No caso destes, um livro marca sua posição.

Há casos muito específicos. Teresinha de Jesus jamais saiu de um Carmelo obscuro em Lisieux como missionária. Mas sua oração constante pelas missões a tornou padroeira do impulso catequético de levar a fé cristã aos quatro cantos do mundo. Junto a ela, um missionário de verdade, Francisco Xavier, que teria convertido 300 mil pessoas na Ásia. Vejam, caro leitor e estimada leitora: ambos, Teresinha e Francisco Xavier, são pedras angulares das missões, mesmo que uma seja pela oração e a outra pela ação. É o modelo Marta e Maria, as primas de Jesus que encarnam duas posições centrais na vida cristã: uma contemplava os ensinamentos do Mestre, outra trabalhava ativamente pelo sustento do Messias. Santa Marta, a que buscava deixar a vida de Jesus confortável, é a padroeira dos estalajadeiros e dos hotéis. Maria inspira a vida contemplativa.

Todo santo é um gênio teológico? Nem sempre. Eles podem ter uma capacidade intelectual enorme, como Santa Edith Stein, filósofa genial morta em Auschwitz, ou serem de uma tocante limitação cognitiva, como São João Maria Vianney, o cura d'Ars. Podem ter um gênio dócil e tranquilo como São Filipe Néri, mas podem ter um ímpeto forte e indomável, como Teresa d'Ávila. Negros como São Pedro Claver, indígenas como São Juan Diego, loiras como Santa Brígida da Suécia e Santa Clara de Assis, macérrimos como Santa Maria Egípcíaca e obesos como Santo Tomás de Aquino: os santos não têm um padrão físico único. Podem ser taumaturgos, ou seja, fazedores de milagres, como Santo

Antônio de Pádua, ou terem levado sua existência sem nada de sobrenatural ou notável, como a já citada Teresinha de Jesus.

Os santos não apresentam uma psicologia única, uma capacidade uniforme ou um tipo físico ideal. O que é comum a todos eles é sua ligação com Deus, sua convicção e fé, sua dedicação ao que acreditavam, pelo que até deram sua vida. As estradas são muitas, o veículo é o mesmo.

Há santos canonizados por motivos diametralmente opostos. São João XXIII, contrariando a poderosa cúria romana, convocou o Concílio Vaticano II, no início dos anos 1960. Com isso, deu impulso a uma renovação democratizante na Igreja. São João Paulo II foi um papa extremamente popular e midiático, mas, nas atas do mesmo concílio, vemos que o então bispo Wojtyla foi voto conservador, contrário às mudanças. Ambos foram papas e são, agora, santos. A rigor, é preciso haver milagres comprovados em seu nome. João XXIII não tem nenhum. João Paulo II tem um emprestado, pois teria curado uma religiosa que confessou a uma colega nutrir veneração a outro santo.

Como explicar que a mesma igreja tenha como santos o democrático João XXIII e o polêmico Escrivá, fundador da Opus Dei?

Pois a Igreja nem sequer precisa canonizar. A devoção popular o faz por ela. Padre Cícero foi excomungado pela Igreja, mas atrai milhões de romeiros por ano no Brasil. No Rio Grande do Sul, o índio Sepé Tiaraju é topônimo de cidade (São Sepé) e está longe do altar oficial. Há muitas maneiras de ser santo. Oficiais ou não.

• • •

Vivemos na era líquida das incertezas. Causas absolutas provocam desconfiança. Relativismos estão na moda. Neste mundo inconstante, brilham de novo os modelos dos que tinham certezas acima de tudo e miravam num ponto claro e

constante.

Os santos são os ébrios de Deus e os poetas da transcendência. A admiração por estas vidas, reais ou imersas na lenda, simboliza o que não somos e o que gostaríamos de ser. O desafio permanente de todo herói épico chega a nós com o olhar de cada santo nas estátuas ou nos singelos santinhos: isto foi o que eu fiz com a minha vida, e você? Usando linguagem religiosa, santos são um tapa na cara dos tíbios, ou seja, dos fracos e indecisos. São pessoas radicais, vão à raiz da sua entrega. Vamos, portanto, aos nossos santos.

São Jorge: salve, santo guerreiro!

“**E**ra uma vez um santo que enfrentou um dragão com seu cavalo branco”: isto parece uma fábula infantil. Dragões não existem, nem unicórnios e nem duendes. Um santo que é apresentado matando um dragão (ou seja, trata-se de um santo sauróctone) é, por definição racional, um santo fantasioso.

Santos sauróctones, como São Jorge e São Marcelo de Paris, pertencem a um tipo de narrativa medieval não muito presa ao mundo do concreto. São as muitas “legendas”, histórias de claro fundo simbólico ou fantasioso.

Papa Paulo VI, o melancólico arcebispo de Milão encarregado de encerrar e implementar as decisões do Concílio Vaticano II na década de 1960, resolveu racionalizar um pouco este universo. Para dor de muitos fiéis, o papa disse que o culto a estes santos de pouca base histórica comprovável não seria mais obrigatório na Igreja Universal (*católico*, na sua raiz grega, quer dizer *universal*). Em linguagem de burocratas, é como se chefe tivesse declarado estas festas “pontos facultativos”. O 23 de abril, dia de São Jorge, poderia ou não ser comemorado. Surgiu daí a lenda de que o papa o teria “descanonizado”. Não foi o que ocorreu. O santo guerreiro apenas sofreu um *downgrade* teológico para o mundo oficial do clero. Os ventos do concílio imaginaram que modernização significava retirar um pouco do caráter mágico das práticas católicas e garantir narrativas mais plausíveis com o mundo contemporâneo.

O papa pode mandar na Igreja, mas não nos corações dos fiéis. O culto a Jorge

não retrocedeu em nada. Na exata contramão de Roma, a cidade do Rio de Janeiro declarou feriado o dia de São Jorge. Isto nascia da grande devoção ao santo entre cariocas e fluminenses, e também da associação entre o católico Jorge e o orixá Ogum do candomblé. Por fim, quem sabe, nascia da vontade de alguns políticos em montar no branco cavalo de Jorge e galgar os montes do prestígio eleitoral. Jorge decaía na Cidade Eterna e crescia na Cidade Maravilhosa. Como diria o paciente Jó, Deus dá e Deus tira, bendito seja o nome do Senhor.

• • •

As narrativas sobre Jorge são antigas, desencontradas e, há muitos séculos, a dúvida sobre a autenticidade da sua vida é forte. Teria nascido na Capadócia, região da atual Turquia, e sido criado na região de Lida, hoje Estado de Israel. Durante a feroz perseguição do imperador Diocleciano, a última que o cristianismo sofreria, Jorge foi martirizado.

Apesar das dúvidas sobre sua biografia, o culto floresceu vigoroso. Muitas são as razões. A principal está na representação da sua luta contra o dragão, símbolo do mal e do demônio. Um especialista em santos, o arcebispo italiano Jacopo de Varazze, escreveu uma coletânea que ficou muito popular a partir do século XIII: a *Legenda Áurea* (também conhecida como *Lenda Dourada*). O dominicano coletou informações sobre os santos e, num texto que mistura história e fantasia, fez uma espécie de dicionário da santidade.

A *Legenda* narra que em Silena, cidade do norte da África, havia um dragão que atacava a todos. Para acalmar o ser pestilento, o povo local passou a providenciar ovelhas diariamente. Consumidas todas, passaram a oferecer jovens da cidade. Por fim, restava apenas a filha do rei para o terrível sacrifício. A princesa foi levada até o local onde o dragão a comeria.

Neste momento, surge a figura do cavaleiro Jorge. Começam a falar e a moça explica o que estava por ocorrer. Narra o autor da *Legenda*:

Enquanto conversavam, o dragão pôs a cabeça para fora do lago e foi se aproximando. Toda trêmula, a moça falou: Fuja, meu bom senhor, fuja depressa. Jorge montou imediatamente em seu cavalo, protegeu-se com o sinal da cruz, e com audácia atacou o dragão que avançava em sua direção. Brandindo a lança com vigor, recomendou-se a Deus, atingindo o monstro com força, jogando-o ao chão e disse à moça: Coloque sem medo seu cinto no pescoço do dragão, minha filha. Ela assim o fez e o dragão seguiu-a como um cãozinho muito manso.^[1]

Os elementos aqui contidos seriam reforçados por milhares de imagens: o cavaleiro com armadura, a lança, a princesa e o dragão. Jorge encarna força e a coloca sob a proteção de Deus. Faz o sinal da cruz e usa seu braço e lança. Protege fracos como a donzela e enfrenta a encarnação do mal. Tornou-se o cavaleiro por excelência, abnegado, incapaz de ter medo, e enfrenta inimigos com a couraça da fé. É natural imaginar o motivo do seu sucesso enorme.

Há santos muito afetivos, como Antônio de Pádua ou Francisco de Assis. Há santas virgens, como Inês, que mostram sua pureza e sua entrega a Deus. Jorge é o masculino a serviço do Senhor e um guerreiro da dedicação a Deus. Gostamos da energia do guerreiro. Santo a cavalo com lança e um ser repulsivo, o dragão do mal, sendo domado a seus pés. O mal é forte e Jorge é mais forte ainda.

Os elementos protetores estão presentes numa das mais difundidas orações de invocação da força do santo guerreiro:

Eu andarei vestido e armado com as armas de São Jorge para que meus inimigos, tendo pés, não me alcancem, tendo mãos, não me peguem, tendo olhos, não me vejam, e nem em pensamentos eles possam me fazer mal. Armas de fogo o meu corpo não alcançarão, facas e lanças se quebrem sem o meu corpo tocar, cordas e correntes se arrebentem sem o meu corpo amarrar.

Jesus Cristo, me proteja e me defenda com o poder de sua santa e divina graça, Virgem de Nazaré, me cubra com o seu manto sagrado e divino, protegendo-me em todas as minhas dores e aflições, e Deus, com sua divina misericórdia e grande poder, seja meu defensor contra as maldades e perseguições dos meus inimigos.

Glorioso São Jorge, em nome de Deus, estenda-me o seu escudo e as suas poderosas armas, defendendo-me com a sua força e com a sua grandeza, e que, debaixo das patas de seu fiel ginete, meus inimigos fiquem humildes e submissos a vós. Assim seja com o poder de Deus, de Jesus e da falange do Divino Espírito Santo. São Jorge Rogai por Nós. Amém.

A primeira parte da oração usa a linguagem de estratégia de guerra e mostra a força e os recursos dos inimigos. Só Jorge possui a energia necessária para

enfrentar gente que tem armas para me atacar, cordas e correntes para me escravizar. A materialidade do santo é fundamental. Meu protetor deve ser igualmente forte como meus detratores.

A força de Jorge é apresentar símbolos claros. Um santo guerreiro, como o arcanjo Miguel. Guerreiro do bem e defensor da luz. Monta um cavalo branco e exibe uma armadura medieval, obviamente anacrônica – Jorge teria vivido durante a Antiguidade; se tivesse existido, teria usado, provavelmente, uma couraça ou armadura segmentada ou em escamas, em estilo romano. Luta contra o símbolo do mal, o dragão, a encarnação reptílica do demônio, dos vícios e do pecado. O dragão também é o mundo pagão e rural, simbolizando pessoas e regiões que não ouvem o chamado cristão.

O dragão, negativo no Ocidente, odeia o gênero humano. Mata e fere com seu hálito venenoso e seu fogo. Suas escamas duras são quase impenetráveis. Simboliza o mal absoluto que devota energia destrutiva aos filhos de Eva. Só um guerreiro protegido por Deus pode estabelecer uma energia superior a ele. Reconhecer a proteção do santo guerreiro é um gesto de humildade: eu, sozinho, não tenho como enfrentar as mazelas demoníacas e o desgaste dos inimigos cotidianos. Recorrer à proteção de Jorge é reconhecer minha posição na pirâmide do poder, abaixo de Deus, abaixo de Jorge, mas capaz de estar acima do dragão do mal se Deus e Jorge me ampararem.

• • •

No Brasil do candomblé, Ogum é orixá guerreiro, ligado ao ferro, à agricultura e às técnicas. É um senhor da guerra e pode ter sido o culto mais antigo da tradição iorubá. Os protegidos por Ogum, seus filhos, são particularmente ativos, trabalhadores e dotados de coragem. Em muitos terreiros a imagem de São Jorge está presente associada a Ogum. Existem cultos que associam Ogum a Santo Antônio, também. Jorge/Ogum protege policiais, ferreiros e caminhoneiros.

Há centenas de igrejas de São Jorge no Brasil. Sua imagem virou *cult* como adereço em correntes e tatuagens. Uma das mais conhecidas fica numa igreja na Praça da República, no Rio. Cercada por uma grade, em ambiente com vários panos e fitas da cor vermelha, fica a estátua equestre do santo. No dia 23 de abril, feriado na capital fluminense, a nave fica apinhada (fig. 3). Muitas graças a agradecer e muitos pedidos a fazer. Ali o decreto de Paulo VI é ignorado e não existe debate sobre a historicidade das narrativas do santo. Ali não existe uma linha clara entre as crenças religiosas de matriz europeia ou africana. Há apenas fiéis repletos de fé e com lábios de súplicas. Trata-se de uma experiência que sempre nos leva a reflexões importantes sobre o Brasil: o povo, variado em aparência, formação e renda, unido em torno da imagem do santo a cavalo. O povo, sem debates teológicos ou históricos, apenas crendo, pedindo e agradecendo.

A mesma cruz vermelha que adorna a bandeira da Inglaterra, protegida de Jorge, está espalhada pela igreja. Aristocratas ingleses e transeuntes da Praça da República com um só coração. O nosso com mais matriz africana. Jorge usa um penacho de plumas vermelhas e brancas sobre o elmo. Está concentrado no dragão e nunca desvia o olhar. Tem um dever a cumprir e exerce a atividade com zelo extremo. O burburinho das procissões e o incenso não o distraem.

Na cidade de São Sebastião (outro guerreiro), o culto a Jorge tem raízes sólidas e impressionantes. Há muito a descobrir da fé brasileira naquela igreja. O mundo é perigoso; os políticos, pouco confiáveis; as incertezas, imensas; e a morte, certa. Só podemos contar com ele que nos defende. Salve Jorge!

1. VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 367.

São Sebastião: a dor, as flechas e o torso nu

*Sebastian, Sebastião
Diante de tua imagem
Tão castigada e tão bela
Penso na tua cidade
Peço que olhes por ela*

*Cada parte do teu corpo
Cada flecha envenenada
Flechada por pura inveja
É um pedaço de bairro
É uma praça do Rio
Enchendo de horror quem passa*

(“Sebastian”, Gilberto Gil e Milton Nascimento)

Os portugueses eram muito devotos de São Sebastião. Quando nasceu o aguardado herdeiro da dinastia de Avis, a 20 de janeiro de 1554, deram-lhe o nome do glorioso santo do dia.

O mártir atravessou o oceano. Na luta pelo controle do que hoje é o litoral da cidade do Rio de Janeiro, portugueses católicos e franceses protestantes e católicos enfrentaram-se em batalhas difíceis. Os dois lados dispunham de aliados indígenas. Uma das batalhas, a de Urucu-Mirim, ocorreu em 1567, no dia de São Sebastião, e acabou associando o santo à vitória católica lusitana. Estácio de Sá, sobrinho do governador-geral Mem de Sá, faleceu pouco após a luta, vítima de uma flechada no rosto. A devoção pelo santo permaneceu. O rei era D. Sebastião e o padroeiro era o santo. Sob o olhar de dois Sebastões, o Rio

se tornava um bastião da presença portuguesa.

Quem era o santo cravado de flechas aclamado protetor do Rio de Janeiro? Sebastião era um soldado nascido na região da atual França, por volta do ano 256. Em posto de destaque militar, ele viu surgir a última grande perseguição aos cristãos durante o Baixo Império Romano. Os imperadores Diocleciano e Maximiano promoveram uma onda feroz de ataque aos discípulos de Jesus em finais do século III.

Sebastião professava sua fé em segredo. Mas houve um episódio que o revelou, segundo a *Legenda Áurea*. Dois gêmeos, Marceliano e Marcos, iriam ser sacrificados se não renunciassem a sua fé. Os dois estavam resolutos e preparados para o martírio. Para pressioná-los, os romanos trouxeram o pai e a mãe para que fizessem discursos comoventes no intuito de convencê-los a retornar à fé anterior, ao sacrifício idólatra. As lágrimas dos progenitores não lograram êxito. Aumentava a pressão psicológica: os algozes trouxeram as esposas e os filhos para que chorassem diante dos dois cristãos e lembrassem que ficariam viúvas e órfãos em função da recusa de queimar incenso aos deuses. As esposas gritavam que eles tinham coração de ferro e que preferiam sua crença aos seus deveres de esposos e pais.

A pressão funcionava. Os jovens começaram a fraquejar. Era demais. Eles se inclinaram ao sacrifício aos deuses de Roma quando Sebastião saiu da guarda e tomou a palavra: “Fortíssimos soldados de Cristo, não percam uma coroa eterna deixando-se seduzir por miseráveis lamentos.” A frase surpreendeu a todos. Sebastião estava condenando a si mesmo ao tentar salvar a alma dos gêmeos. Narram as fontes religiosas que, enquanto Sebastião prosseguia no discurso, agora dirigido aos pais dos irmãos, uma luz vinda do céu o envolvia em divino brilho. Vendo aquilo, a mulher do carcereiro, uma muda chamada Zoé, aproximou-se e, por sinais, pediu perdão pelos maus-tratos aos cristãos. Sebastião invocou o nome de Jesus, e a muda falou, para espanto geral.

Os milagres se multiplicaram. Muitas pessoas se converteram a partir daqueles

episódios. O prefeito de Roma, sofrendo de um reumatismo terrível, sentia dores excruciantes e pediu para ser batizado, obtendo a cura imediata do seu sofrimento. O caso do militar Sebastião começava a se tornar público e perigoso para os planos dos pagãos.

A fúria veio pesada. Os irmãos foram amarrados a uma estaca e trespassados por lanças. Quase todos os convertidos do episódio foram assassinados. Tinham ficado firmes na fé graças a Sebastião. A raiva, agora, era contra o milagroso militar. Um grupo de arqueiros profissionais da Mauritânia atou Sebastião a uma árvore, e ele foi crivado de flechas, a mando do próprio Diocleciano, segundo a *Legenda Áurea*. Essa imagem é a mais popular: o santo com o corpo à mostra, crivado de setas. A narrativa dizia que ele se parecia com um “porco-espinho”, tamanha a quantidade de flechadas mortais. Curiosamente, este não foi o seu martírio.

Uma viúva chamada Irene recebeu permissão para enterrá-lo. Ao tratar o corpo para o sepultamento, descobriu, espantada, que Sebastião ainda vivia de forma miraculosa. A caridosa Irene, que seria declarada santa também, tratou das feridas e conseguiu a recuperação do soldado. Assim que se sentiu restabelecido, o santo foi até o imperador e fez um discurso violento contra a perseguição aos cristãos. A aparição daquele a quem julgavam morto surpreendeu a todos. Capturado novamente, foi espancado até a morte. Depois, seu corpo foi atirado no esgoto romano, a cloaca máxima, para que não fosse recuperado e venerado.

O corpo do santo e suas relíquias são importantes. Muitas vezes, o próprio santo, como São Marcos em Veneza, indicou o local onde seus restos estavam. Assim aconteceu a Sebastião, que apareceu a uma cristã e disse onde estava seu corpo. Reencontrados, seus restos foram depositados em uma catacumba cristã, aquela que, no futuro, seria conhecida como Catacumba de São Sebastião. Começava a força da tradição de um santo mártir e milagroso.

• • •

Sobre a Catacumba de São Sebastião ergueu-se uma igreja que seria diversas vezes refeita e aumentada: a Basilica di San Sebastiano fuori le mura, São Sebastião extramuros, nome dado por estar além da proteção das muralhas de Aureliano. A igreja receberia uma linda imagem de Sebastião deitado, obra do escultor Giuseppe Giorgetti, do século XVII.

A memória do militar corajoso também é celebrada na igreja de San Sebastiano al Palatino, onde antes se venerava uma antiquíssima imagem de Palas-Atena que se acreditava ter vindo de Troia. Naquele local do monte Palatino, segundo a tradição, ocorrera o martírio final de São Sebastião, antes de seu corpo ser arremessado ao esgoto.

Na Alta Idade Média, Sebastião começou a ser associado à proteção contra pragas. Durante o período Lombardo na Itália, uma epidemia violenta foi contida quando se construiu um altar em honra ao santo. Sendo a peste um dos grandes medos do homem medieval e moderno, Sebastião foi consolidando a fama de protetor contra os surtos de doenças nas cidades. Todas as invocações e preces a ele trazem esta marca:

São Sebastião,
glorioso mártir de Jesus Cristo
e poderoso advogado contra a peste,
defendei a mim,
minha família e todo o país
do terrível flagelo da peste
e de todos os males
para que servindo a Jesus Cristo
alcancemos a graça de participar
de vossa Glória no céu

Se você é um católico devoto e tradicional, esta parte inicial sobre Sebastião lhe deve ser familiar. Existem, no entanto, narrativas menos ortodoxas.

• • •

O corpo de São Sebastião é interessante. Atado a um carvalho, árvore símbolo da perseverança e da fidelidade, ele se exhibe por inteiro ao fiel, flechado e sem sofrimento. Desde muito cedo a representação artística do mártir dá ênfase ao corpo de um militar no apogeu da sua força, cingindo apenas uma pequena peça de tecido ao redor dos quadris.

Ao redor do corpo de Cristo crucificado, a história da arte criou a *perizoma*, ou *perizonium*, a faixa de pano que cobre o pudor do Messias, mas exhibe tronco e pernas. Alguns Cristos feitos por Michelangelo são raros exemplos de nudez sagrada. De forma similar, Sebastião ostenta sua faixa de pano em contraste com todo o corpo forte e exposto. Esse tema recebeu imediata atenção dos artistas, especialmente a partir do fim da Idade Média. Pier Paolo Campi (1668-1764) o esculpiu dessa forma e podemos admirar a estátua em Santa Ines, na praça Navona, em Roma (Sant’Agnese in Agone). O jovem santo seminu foi pintado por Mantegna, Antonello da Messina (fig. 4), El Greco, Il Sodoma, Andrea della Robbia, Ticiano, Rubens, Guercino, Guido Reni, Mattia Preti, Ribera, La Tour e Luca Giordano, somente para citar alguns, todos reinventando a mesma cena: torso quase nu e flechado. Pela lista parcial, vemos que Sebastião foi um dos grandes temas da iconografia da arte ocidental.

Talvez pelo corpo exposto, talvez pela juventude, talvez por ter de ocultar algo essencial, Sebastião foi adotado como padroeiro dos gays. Por ser padroeiro contra a peste, foi identificado pela comunidade gay como protetor contra a epidemia de HIV.

A tradição de um santo que se expõe sobre um tema delicado e sofre perseguições vira, na leitura do viés identificado, uma forma de “sair do armário”. Alguns autores fizeram narrativas sobre o santo com tal recorte. É o caso de Oscar Wilde, Federico Garcia Lorca, Rainer Maria Rilke, Thomas Mann, Yukio Mishima e Jean Cocteau.

Por vezes, a figura do mártir foi associada ao sofrimento de pessoas perseguidas por homofobia. É o caso da imagem “São Sebastião e Matt Shepard justapostos”,

por JR Leveroni, que compara o martírio de Sebastião com a morte de um gay contemporâneo, Matthew Shepard (1976-1998). O jovem Shepard foi espancado e morto por dois homens na Universidade de Wyoming e seu caso ajudou a reforçar leis contra ódio e homofobia.

O caminho do escândalo sempre foi caro à arte. Em 1911, estreou *Le Martyre de Saint Sébastien*, de Gabriele D'Annunzio e Claude Debussy, no teatro do Châtelet. A obra foi de grande impacto, pois aproximou São Sebastião do mito pagão de Adonis. Além disso, era ainda mais radical o fato de o santo cristão ser interpretado por uma mulher, russa e judia, a atriz Ida Rubinstein.

O corpo flechado, mas indiferente à dor ou até mesmo obtendo certo êxtase com o quase martírio, inspirou leituras ainda menos ortodoxas. Nos anos 1980 e 1990, num contexto de assolação e estigmatização da homossexualidade com a epidemia de AIDS, Ron Athey, Joel-Peter Witkin e David Wojnarowicz fizeram interpretações com evidentes traços sadomasoquistas. Como advertimos, este trecho seria menos querido pelos leitores ortodoxos, mas fundamentais para entender as apropriações da fé no mártir Sebastião.

Ao escrever sobre o túmulo de Keats, Oscar Wilde presta esta singela e ímpia homenagem ao santo, morto jovem e cheio de vigor, em associação com o poeta:

*Rid of the world's injustice, and his pain,
He rests at last beneath God's veil of blue:
Taken from life when life and love were new
The youngest of the martyrs here is lain,
Fair as Sebastian, and as early slain.*^[2]

O jovem e belo Sebastião continua seduzindo almas piedosas e corpos supliciados.

• • •

Oxóssi é filho de Oxalá e de Iemanjá. Dos pais ilustres brotaram a força e a

astúcia na arte de caçar. É uma entidade que fornece fartura e alimento. Seus símbolos são o arco e a flecha, e todos aqueles que saem diariamente para caçar ou para ganhar seu salário e trazer comida para casa estão sob a proteção das armas de Oxóssi. Oxóssi preside a quinta-feira, seu dia da semana preferido.

No Brasil, Oxóssi foi associado a São Sebastião nos terreiros do Rio e, por vezes, com São Jorge nos terreiros da Bahia. As pessoas protegidas pelo orixá/santo são espertas e com grande capacidade de concentração. Alegres, ainda que por vezes possam parecer grosseiras, encantam pela simpatia.

A associação de Oxóssi com Sebastião talvez venha por serem ambos guerreiros e portarem armas. A flecha da primeira tentativa de martírio do santo é outro elemento que pode ter colaborado para ligá-lo ao orixá arqueiro. Os teólogos e puristas torcem o nariz, mas o sagrado continua a se fundir e a apresentar forças amplas, que vão englobando universos distintos.

A ideia de sincretismo é um pouco combatida hoje, porque implica a crença de que tenha existido um puro que se associe a outro puro. Ora, qualquer nome ou tradição religiosa é fruto de dezenas de associações e sobreposições diversas. Essas questões sobre origem são importantes para o especialista, jamais para o fiel. São Sebastião e Oxóssi são procurados pelo poder e a capacidade de obter benefícios aos fiéis. Viva São Sebastião e Okê Arô Oxóssi!

2. Segunda e definitiva versão do poema “The Grave of Keats”, de 1877. Na tradução de Oscar Mendes, “O Túmulo de Keats”: Libertado da injustiça do mundo e de sua dor,/ repousa por fim sob o céu azul de Deus:/ arrebatado da vida, quando a vida e o amor eram novos,/ aqui jaz o mais juvenil dos mártires,/ belo como Sebastião e tão precocemente assassinado. (WILDE, Oscar. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993, p. 911).

São Judas Tadeu e o machado do poder

Há muitos anos, em São Paulo, o dia 28 de cada mês causa algum transtorno ao trânsito do Jabaquara, na zona sul da metrópole. Os fiéis de São Judas juntam-se aos milhares no santuário que o invocam como padroeiro. O fato se repete a 28 de agosto, 28 de setembro: há sempre um grande fluxo até lá, por vezes estimado em mais de 60 mil pessoas. Então, finalmente, chegamos ao dia 28 de outubro, celebração máxima do apóstolo. O ligeiro transtorno do trânsito vira caos. Já houve estimativa de mais de duzentas mil pessoas ao longo do dia. Todos querem entrar para assistir a uma das muitas missas celebradas. Há graças a agradecer e novos pedidos a fazer. Basta ficar um par de horas ali para constatar duas coisas: São Judas Tadeu é popular e é milagroso.

As causas que demandam atendimento rápido devem ser encaminhadas para Santo Expedito. A área de São Judas Tadeu é uma contradição em termos: é o santo das causas impossíveis. Aqui se caracteriza, de fato, o milagre. A força divina opera onde não seria possível nem lógico esperar resultado. O santo das causas impossíveis e perdidas é popular por conseguir o que, na tradição, outros santos não conseguem.

São Judas é um fenômeno importante. Sendo apóstolo, é um culto antigo e sólido. Porém, a explosão de fé que ele provoca é algo mais recente. Santo Antônio é uma devoção constante na Colônia, no Império e na República. São Judas virou “pop star” após a Segunda Guerra Mundial.

O nome Judas era bastante comum na Palestina do início da Era Cristã. Está associado à ideia de louvor a Deus. Na língua siríaca surge Tadeu com o mesmo significado. Há vários Judas e alguns Tadeus nas fontes. A tradição agregou na figura de Judas Tadeu o apóstolo, o parente de Jesus e o autor de uma epístola.

Talvez, por ser parente de Jesus, ele tivesse grande semelhança com o Mestre. O santo dos impossíveis teria nascido em Caná, o mesmo lugar onde Jesus faria seu primeiro milagre, transformando água em vinho durante um casamento. Existe uma tradição que afirma que São Simão, o mesmo apóstolo que seria martirizado juntamente com Judas Tadeu, era o noivo das bodas de Caná e que, após ter presenciado o milagre, teria passado a seguir Jesus.

No Evangelho mais antigo, o de Marcos, é reproduzida uma pergunta feita em Nazaré a Jesus: “Não é esse o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão”? (Mc 6,3 e também Mt 13,55). Judas é da família de Jesus, existindo um debate a respeito do sentido da palavra irmão como sendo primo, filhos anteriores de São José (por vezes tido como viúvo ao casar com Maria) ou filhos nascidos após Jesus. Outra fonte (Clemente de Alexandria) indica que o pai de Judas Tadeu era Alfeu (ou Cleofas), irmão de São José. A mãe do santo das causas impossíveis seria uma prima-irmã de Nossa Senhora. Logo, pelos dois lados, o apóstolo seria parente de Jesus a ponto de ser chamado de irmão. Seria ainda tio do apóstolo São João Evangelista. Por muitas fontes e tradições, São Judas Tadeu é associado de maneira estreita à família de Jesus.

Apóstolo e parente direto de Jesus: Judas Tadeu já possui uma ligação expressiva com o tema central dos evangelhos. Porém, também é associado à autoria de um dos 27 livros do Novo Testamento: a Epístola de São Judas. Na tradição católica, o apóstolo e o autor da carta são os mesmos.

Trata-se de um texto curto, que se inicia com uma afirmação sobre o autor: “Judas, servo de Jesus Cristo, irmão de Tiago.” O texto fala de pessoas infiltradas nas comunidades e que seriam punidas, como foram anjos rebeldes, egípcios que detinham o povo de Deus, Sodoma, Gomorra. O texto invoca o Arcanjo Miguel

e relembra crimes do Antigo Testamento, como o de Caim: “São uns murmuradores, revoltados contra o destino, que procedem de acordo com as suas concupiscências; a sua boca profere palavras arrogantes, mas estão sempre prontos a bajular quando o seu interesse está em jogo” (Jd versículo 16).

A curta epístola é um manifesto contra a cizânia infiltrada nas comunidades cristãs e marca bem a junção da mensagem de Jesus com a tradição da revelação do Antigo Testamento. Para os verdadeiros cristãos, a epístola dirige uma exortação:

Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé e orando no Espírito Santo, guardai-vos no amor de Deus, pondo a vossa esperança na misericórdia de nosso senhor Jesus Cristo para a vida eterna. Procurai convencer os hesitantes; a outros procurai salvar, arrancando-os ao fogo; de outros ainda tende misericórdia, mas com temor, aborrecendo a própria veste manchada pela carne (Jd versículos 20 a 22).

Há uma curta e fundamental passagem no evangelho de João que fala de uma pergunta de Judas Tadeu. “Senhor, por que te manifestarás a nós e não ao mundo?” (Jo 14,22). Estamos diante de uma mudança religiosa. A tradição judaica estabelece que a revelação divina tinha escolhido um povo. A resposta de Jesus supera a noção de “povo eleito”, algo que seria aprofundado por Paulo de Tarso. “Se alguém me ama”, diz Jesus, “guardará minha palavra, e o meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14, 23).

O trecho de João ao narrar a resposta de Jesus ao parente é fundamental. Cada pessoa que aceite Jesus torna-se uma morada da Boa-Nova, do Evangelho. Não existirá mais um “Santo dos Santos”, um espaço sagrado e inacessível no Templo de Jerusalém; nem um povo distinto de todos, nem algo que distinga os homens a não ser sua adesão à palavra do Cristo. A ideia é uma ruptura com a sólida tradição e foi endereçada a Judas Tadeu, indicativo da posição que o apóstolo desempenhava no grupo.

• • •

Como todos os apóstolos, Judas Tadeu estava presente à ceia e testemunhou a bênção do pão e do vinho e o lava-pés. Quando o Mestre denunciou seu homônimo, Judas Iscariotes, Judas Tadeu deve ter ficado espantado com o fato. Ao se retirar do espaço da Santa Ceia, o traidor rompeu o número apostólico. Pela primeira vez em anos, os doze mais próximos ao Salvador estariam reduzidos a onze. Após a morte de Jesus, Matias seria eleito para o lugar do pecador das trinta moedas.

Em Jerusalém, o grupo assustado de discípulos se escondia com medo de que a fúria que havia perseguido o Redentor os atingisse também. Rezavam e tremiam com as mulheres do círculo íntimo do Nazareno. De repente, a sala foi tomada pelo fogo do Espírito Santo e eles foram inflados pelo entusiasmo e pelo conhecimento. Judas Tadeu foi um daqueles que recebeu a chama do Pentecostes. Estava fundada a Igreja Cristã, e a ordem de evangelizar os povos começou imediatamente, com o discurso de Pedro naquele dia.

Judas Tadeu percorreu a Galileia, região ao norte de Jerusalém e cenário da infância de Jesus. Suas andanças o levaram para o Líbano, a Mesopotâmia e Armênia. Na tradição armênia, Judas Tadeu e Bartolomeu são os introdutores do cristianismo no país. Os antigos mosteiros de São Judas Tadeu e São Bartolomeu, que estavam na região histórica da Armênia, após séculos de transformações de fronteiras, estão hoje no Irã (Judas) e na Turquia (Bartolomeu). O Mosteiro de São Judas Tadeu, no Irã, guarda as torres de forma armênia e é conhecido pela expressão Igreja Negra (Kara Kilise).

A *Legenda Áurea* descreve a pregação dos apóstolos Judas Tadeu e Simão no Oriente como um enfrentamento intenso com os sacerdotes e magos locais. Diante de advogados pagãos que desprezaram os apóstolos por estarem grosseiramente trajados, os santos afirmaram que caixas simples poderiam conter joias preciosas. Por todos os lados onde existiam disputas, os dois discípulos de Jesus demonstraram o duplo poder de pregar com sabedoria, inflados pelo Espírito Santo, e de fazer milagres que convencessem os pagãos.

A pregação do Evangelho foi se tornando perigosa no Oriente. Após terem quebrado imagens de ídolos, Judas Tadeu e Simão enfrentaram a fúria de um grupo de pagãos. Um cristão quase lendário, Abdias da Babilônia, que teria sido um dos setenta discípulos, narrou a morte do santo num livro de atribuição e data incertas. Judas Tadeu foi morto a pauladas, golpes de lança e de paus e, por fim, cortado com um machado. Sua imagem costuma apresentar um livro, símbolo do Evangelho que ele pregava, e de um machado, instrumento do seu martírio. Sua semelhança física e sua devoção ao Mestre fazem com que, por vezes, as imagens do mártir sejam apresentadas com uma medalha de Jesus no peito ou na mão. Também existe a tradição de que ele teria levado uma carta e a imagem de Jesus a Abgar, rei de Edessa. A Igreja Ortodoxa acredita que o primeiro ícone, uma imagem plasmada do rosto de Cristo em tecido, foi levado por Tadeu até este rei mesopotâmico, um dos primeiros a aceitar o cristianismo como fé oficial. As cartas entre Jesus e Abgar encontraram ampla utilização ao longo da Idade Média, mas são documentos não oficiais para a Igreja Romana.

O corpo do apóstolo foi supostamente transportado até Roma, atraindo grande quantidade de fiéis. Santa Brígida da Suécia, no século XIV, teve muitas visões e escreveu sobre elas. Numa delas teria visto Jesus, e o próprio Redentor a orientou a pedir a intercessão de Judas Tadeu para problemas em sua vida, confirmando a importância do parente do Nazareno no céu. Foi por meio dessa revelação do próprio Cristo que Judas Tadeu foi apresentado como o intercessor das causas impossíveis. Outros santos, como São Bernardo e Santa Gertrudes, também tiveram visões de mensagem semelhante. A tradição foi aumentando no fim da Idade Média. Os missionários levaram sua imagem e seu culto ao Novo Mundo e há muitos devotos no México, no Peru e no Brasil. São Judas Tadeu foi ficando mais famoso a cada século.

• • •

Embora haja muitos devotos de Judas por aqui, registrou-se, porém, pouca devoção ao santo no período colonial e no século XIX. Ele embarcou em navios

e cruzou o oceano, mas parecia não aderir ao solo. Difícil explicar o motivo – talvez um certo horror ao nome Judas, que compartilha com o traidor Iscariotes.

Em 1940, o arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, autorizou o padre João Buescher, da Congregação do Sagrado Coração de Jesus (dehonianos), a iniciar a igreja no Jabaquara em memória do santo. O padre tornou-se um zeloso propagador da devoção ao santo do dia 28 de outubro.

Aqui começa um elemento fundamental do culto de São Judas Tadeu: os santinhos. A cada graça alcançada, o católico imprimia um milheiro de imagens do santo com sua oração no verso e assumia a obrigação de divulgar o favor celeste. A propaganda boca a boca e via santinhos foi se alastrando. O velho santo adquiriu uma nova popularidade.

A igreja foi sendo ampliada e, em 1963, iniciou-se a obra da igreja nova. Em 1997, o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns decretou que o templo fosse denominado Santuário de São Judas Tadeu. Os milagres continuaram se multiplicando e atraindo mais pessoas a cada ano. Os santinhos passaram a ser mais abundantes e eram deixados em lugares públicos. Um fiel guardava a imagem na carteira ou na bolsa e, de repente, ao ler a oração, tinha a ideia de fazer o pedido. Ao ser atendido, imprimia mais santinhos. A devoção tornara-se uma “epidemia piedosa”.

Existem muitas orações oficiais e oficiosas para o santo de Caná. Uma das mais comuns, a Oração Milagrosa de São Judas Tadeu, chega a inventariar o esquecimento do nome do Santo:

São Judas, glorioso Apóstolo, fiel servo e amigo de Jesus, o nome do traidor foi causa de que fosseis esquecido por muitos, mas a Igreja vos honra e invoca universalmente como o patrono nos casos desesperados, nos negócios sem remédio. Rogai por mim. Fazei uso, eu vos peço, desse particular privilégio que vos foi concedido, de trazer visível e imediato auxílio, onde o socorro desapareceu quase por completo.

Assisti-me nesta grande necessidade para que possa receber as consolações e o auxílio do céu em todas as minhas precisões, atribulações e sofrimentos, alcançando-me a graça de ... (aqui se faz o pedido particular), e para que eu possa louvar a Deus convosco e com todos os eleitos por toda a eternidade.

Eu vos prometo, ó bendito São Judas, lembrar-me sempre deste grande favor e nunca deixar de vos honrar, como meu especial e poderoso patrono, e fazer tudo o que estiver a meu alcance para incentivar a devoção para convosco.

Amém.

São Judas, rogai por nós e por todos que vos honram e invocam o vosso auxílio.

[*Rezar Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória ao Pai 3 vezes*]

Como em quase todas as devoções, existe um louvor ao santo e sua glória, um pedido de intercessão, o enunciado específico da graça pretendida e uma promessa de zelar pela difusão do culto. A oração é também um contrato com obrigações de ambas as partes. Ao final, seu poder milagroso é confirmado pelas orações mais tradicionais do Pai-Nosso, da Ave-Maria e do Glória ao Pai, todas repetidas pelo número da Trindade.

Além de São Paulo, a devoção a São Judas começou a crescer no Rio, como na paróquia de São Judas Tadeu, no Cosme Velho, fundada em 1945 pelo cardeal Dom Jaime de Barros Câmara. Em 1968, a Igreja de São Judas Tadeu no Cosme Velho ficou pronta e, após muitas finalizações, foi sagrada em 1985.

Há uma curiosa associação entre o culto no Rio e o time do Flamengo. Na década de 1950, o rubro-negro amargava uma sucessão de derrotas e um longo jejum de títulos. O vigário da igreja de São Judas, no já citado Cosme Velho, padre Góes, foi até a sede do clube rezar com os jogadores. Era o ano de 1952.

Os jogadores, sensibilizados com a atenção do vigário, passaram a frequentar a igreja e acender velas ao santo das causas impossíveis. A força celeste fez-se presente e, por três anos seguintes, o Flamengo sagrou-se campeão estadual (1953, 1954 e 1955).

Em São Paulo, o cavaleiro Jorge amparava seus filhos no Corinthians. No Rio, o apóstolo Judas Tadeu usava seu machado para abrir caminhos do Flamengo. Desde 2007, o dia do santo, 28 de outubro, por decreto do prefeito César Maia, é também o dia do flamenguista. A paixão brasileira pelo gramado está presente no céu.

• • •

O santo das causas impossíveis encerra e traduz grande parte do significado religioso da devoção católica aos intercessores. Para todos os seres humanos chega um dia de angústia no qual os recursos humanos disponíveis estão barrados. Pode ser uma doença sem cura, uma crise financeira aguda ou uma angústia com um filho. A impotência diante das fatalidades, o mundo hostil e as ciladas dos inimigos terrenos e espirituais sobrepujam a força da alma angustiada. Esse é o momento da intercessão, do auxílio, da busca do além para o aqui e agora.

São Judas Tadeu apresenta a faceta mágica do milagre, da imagem e do santinho. Para horror de protestantes e céticos, parte da confiança é depositada em gestos e objetos práticos. O ritual passa a ser o ato de fé em si. A materialização da graça divina está lá na peregrinação ao santuário, na imagem e na proximidade com o andor do santo em procissão.

Santo apóstolo, santo pregador e santo mártir: Judas Tadeu reúne virtudes teológicas e biográficas para ser a síntese do projeto de vida de todo cristão. É um enviado, um apóstolo, como todos os cristãos são chamados a ser. É um pregador da boa-nova de Jesus, modelo para os que foram batizados e possuem a fé na alegria do Evangelho. Por fim, é, pelo martírio, uma testemunha, alguém capaz de dar o bem mais precioso de todos, a vida, por aquilo que acredita. São Judas Tadeu é a síntese da entrega do verdadeiro cristão.

A separação ou oposição entre teologia e magia é um esforço intelectual e refinado. Mártir, doutor da igreja, virgem, confessor, lendário, histórico, simbólico ou concreto: o que o fiel busca no dia 28 de outubro não é uma discussão bibliográfica e especulativa. Diante da imagem do parente de Jesus está um olho marejado e mãos tensas postas em oração. Ali só existe a angústia diante de um desafio pessoal. Uma pessoa desesperada procura São Judas Tadeu no meio da angústia. O desespero não especula, apenas sente e pede. O impossível

torna-se viável graças ao santo do machado.

São Longuinho e Santo Expedito: sobre pulinhos e rapidez

Ambos são ex-soldados romanos e mártires, ou seja, deram a vida em defesa da fé em Cristo. Mais coincidências: são amplamente invocados em nosso cotidiano e, ainda assim, suas existências concretas, históricas, desafiam o limite da lógica. Mas quem precisa de lógica quando estamos diante de uma carteira ou chave perdidas? Nessa hora, tentar retrair os últimos gestos que legaram um importante objeto ao olvido para lembrar do instante em que sua mão se abriu e... o deixou onde mesmo? Nada de exegese nem dúvidas de método histórico: “São Longuinho, São Longuinho, se achar tal objeto, eu dou três pulinhos!”

Quem precisa de coerência narrativa ou veracidade das fontes e fatos, quando estamos diante da urgência de uma causa? Pode ser a saúde de alguém que amamos e que não esperaria pacientemente com a dúvida metódica de Descartes a lhe sussurrar na orelha: “Este santo não existe!” Para quem precisa de algo extremamente importante e não tem até amanhã para esperar, a ideia de invocar a intercessão de Santo Expedito, santo das causas urgentes, é o caminho natural. Caso a graça seja alcançada, imprimir um milheiro de folhetos, os famosos santinhos, como forma de retribuição, até que sai barato.

• • •

Começemos pelo santo sem milagres e de consistência fantasmagórica: Longuinho. A tradição nos conta uma história impressionante e violenta, mas

igualmente cheia de metáforas de conversão e fé. Um centurião romano, chamado Cássio, fora designado para guardar, junto com outros legionários, Jesus em sua agonia no Gólgota. Ao vê-Lo expirar e sentir o tremor de terra que se seguiu, Cássio reconheceu que ali morria o “Verdadeiro Filho de Deus”. Para evitar a profanação do Shabat, recebeu a incumbência de quebrar as pernas dos três ali crucificados, de forma a apressar-lhes a morte. Ao que tudo indica, Dimas (o bom ladrão, aquele para quem se reza um terço quando se quer evitar encontrar um mau ladrão) e Gestas (o que zombou do Mestre) estavam vivos. Mas o Nazareno já havia morrido e, para provar, Cássio traspassou o lado de Jesus. Era a quinta e última chaga que seu atormentado corpo recebia. Dessa ferida, segundo os evangelhos, jorraram sangue e água (Jo 19,34). O centurião, que era cego de um olho (por doença ou velhice), voltou imediatamente a enxergar tão logo os respingos atingiram-lhe a face. O sangue de Jesus, mesmo diluído, tem poder!

A narrativa sobre a vida de Cássio encontra sua primeira metáfora. A cegueira é tópica bíblica e popular. Saulo precisou ficar cego para ver e, assim, tornar-se Paulo. Tomé precisou ver para crer. “Amazing Grace” (Graça Maravilhosa), uma canção de louvor protestante datada do século XVIII, ícone da cultura norte-americana, termina seu primeiro quarteto de versos com a sentença: “Era cego e agora vejo.”

O concreto da cegueira torna-se símbolo da incapacidade dos ímpios de enxergarem as maravilhas de Deus, sua existência e a vida de retidão de seus santos. A conversão retira o véu da escuridão dos olhos como um bom cirurgião remove a catarata. Cássio era cego do olho e da alma. O sangue do Redentor o converteu e o curou, removendo uma dupla cegueira. O sangue representa a Eucaristia, e a água, o batismo. A união em Cristo se deu com o sangue e a água do próprio Redentor.

Enxergando como nunca, o santo abandonou sua carreira militar e se tornou monge, percorrendo o mundo antigo até atingir a Capadócia (na atual Turquia), onde foi martirizado. Mas como Cássio se tornou Longuinho?

• • •

A nova alcunha oferece algum registro histórico. Cássio era prenome comum no mundo romano. Já Longuinho não é um nome, mas uma espécie de apelido que remeteria à sua história. *Longinus* seria a forma latinizada de *lonche*, palavra grega com a qual o texto bíblico designa o armamento que perfurou Jesus na cruz, ou seja, Longuinho é uma corruptela de *longino*, lança. “Santo Lança” não soa lá muito bem. Longuinho certamente é mais simpático.

Toda essa história que contamos é fruto de um dos mais fascinantes aspectos da fé nos santos com alguma menção nos evangelhos: o entrelaçar de relatos bíblicos e da tradição popular e religiosa nos séculos que se seguiram ao estabelecimento do cânone. A Bíblia, de fato, menciona muitos soldados romanos que estiveram presentes nos últimos momentos de Jesus.

Em Lucas (23,46-47), vemos um centurião anônimo, aos pés da cruz, logo no momento da morte de Jesus, reconhecer que ali morria um homem justo, e dar glória a Deus. Mateus, em narrativa mais dramática, registra a mesma cena e eleva o tom: “O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, ao verem o terremoto e de tudo mais o que estava acontecendo, ficaram amedrontados e disseram: De fato, este era filho de Deus!” (Mt 27,54). Mas é João o único a mencionar a quinta chaga e o episódio da lança. Por sua vez, rebaixa a hierarquia do romano. Não era um centurião, mas um simples soldado. Nenhum desses textos nomeia o militar. Nem uma linha sequer para o milagre e a conversão miraculosa com o sangue de Cristo. E olha que os evangelhos parecem não perder a chance de narrar coisas dessa natureza.

É no decorrer da história da Igreja, entre a derrocada do Império Romano e os mil anos da Idade Média, que alguma informação extra aparece e a costura entre essa história testamentária abraça a tradição, dando corpo a este santo não canônico. Um texto apócrifo do século IV, o Evangelho de Nicodemos, é o primeiro registro que encontramos que nomeia o militar como Longino (cap.

XXVI, 7). Outra passagem apócrifa, datada do mesmo século, a Carta de Herodes a Pilatos, menciona Longino acompanhando Procla, mulher de Pilatos, ao Santo Sepulcro, ou seja, 250 anos depois, o romano que estivera ao lado de Cristo quando de sua morte ganha um nome.

Numa iluminura síria, atribuída a um artista de nome Rábula, feita no século VI, vemos a tradição começar a se fixar como memória. O soldado aparece furando o Nazareno e, na horizontal, logo acima de sua cabeça, uma legenda, em grego, confirma: Longino.

• • •

Na *Legenda Áurea*, a tradição de São Longuinho aparece em seu formato mais conhecido. Confirma tratar-se do militar da lança no calvário. Lá está o sangue lhe restaurando a visão, física e espiritualmente. Segue-se a renúncia da condição de militar e descobrimos que, instruído pelos próprios apóstolos, Longino passou seus últimos 28 anos de vida em condição monástica, na Cesareia da Capadócia, “convertendo muita gente à fé por sua palavra e seus exemplos”.^[3]

Mas vamos além. Varazze nos dá a saber que ele foi aprisionado a mando do governador local, teve todos os seus dentes arrancados e sua língua cortada – a segunda metáfora em sua vida. Ao cortarem sua língua, queriam calar as suas pregações. Falar é essencial para anunciar o Evangelho, a Boa-Nova. Isso é tão central que os Atos dos Apóstolos nos explicam como homens rudes, de pouca instrução, foram capazes de sair pelo mundo e falar a língua de quem os ouvia não como um ato de erudição, de aprendizado de novos idiomas, mas como um milagre: o Pentecostes. Se Deus separara a humanidade com as diferentes línguas no distante episódio da Torre de Babel, com o Pentecostes o Espírito Santo voltava a unir os povos. Quem falasse em nome do Deus redivivo, seria ouvido sem barreira de idioma.

Voltemos a Longino, nosso São Longuinho, ainda em seu momento solene,

longe do santo que tudo acha em troca de pulinhos. Mesmo banguela e sem língua, incapaz, portanto, de articular palavras, ele continuava falando. Milagre, claro. Conservado o uso pleno da palavra, ou seja, ainda capaz de anunciar o Evangelho, o ex-militar pegou um machado e quebrou todos os ídolos que havia em Cesareia, enquanto dizia: “Veremos se são deuses.” Frase retórica. Demônios saíram das imagens rotas e entraram no governador e em todos os seus companheiros. Estes, enlouquecidos pelos anjos caídos, começaram a latir e prosternaram-se aos pés de Longino. Inquirindo os espíritos do mal, o romano perguntou aos demônios: “Por que vocês moram dentro dos ídolos?” E obteve como resposta: “Nossa habitação é onde não se fala o nome de Cristo nem se faz seu sinal.”

Terceira metáfora: a casa de Deus. Um lar santo, uma igreja ou qualquer lugar em que se espera a presença divina deve ser mantido, cuidado. A diligência torna o lugar santo. Deus criou toda a Terra, mas mantê-la assim requer atenção dos homens, dos fiéis. É preciso falar o nome de Jesus, ou seja, rezar, orar. Além disso, fazer seu sinal, a cruz. Há um lado cênico que se requer como forma de manter o local abençoado, longe de Lúcifer e seus asseclas.

As metáforas todas – a cegueira, a fala e a morada de Deus – se entrelaçam no fim da narrativa do bispo Jacopo. O governador, enlouquecido e cego, fica sabendo pela boca de Longino que só poderia ser curado depois de matar o velho santo. Já morto, o ex-centurião rezaria pelo mandatário e lhe restabeleceria a saúde do corpo e da alma. No mesmo instante, o governador mandou que lhe cortassem a cabeça. Já recobrando algo da lucidez, foi até o corpo decapitado e prostrou-se em prantos. “Imediatamente, recuperou a vista e a saúde e, até o fim da vida, praticou boas obras.”^[4] Um homem ímpio, cego do espírito e do corpo, por obra da boa palavra de um homem que, em tese, não conseguiria falar, torna-se ele próprio a morada de Deus, um homem santo, um arrependido a perpetuar as obras do Senhor. O ciclo que começara na cruz com a conversão de Longino encontra um novo começo no anônimo governador de Cesareia.

Alguns séculos depois, no *Martirologio Romano*, editado pela primeira vez em

1586 a mando do papa Gregório XVI, vemos cinco santos com o nome de Longinus. São todos mártires, mas apenas um repete a fórmula da *Legenda Áurea*: aquele cuja festa se faz no dia 15 de março.

• • •

Há um longo caminho entre os evangelhos e o hábito de dar três pulinhos. Nesse caminho, as chagas de Cristo, a lança (cujas relíquias espalham-se do Vaticano à Áustria) e o próprio Longino vão ganhando contornos mais definidos enquanto narrativas santas. Por outro lado, *pari passu*, as lendas, não tão áureas assim, acumularam-se.

Há imagens de São Longuinho por todo o mundo cristão. Algumas são obras-primas. Fra Angelico (1395–1455) o imortalizou como legionário, perfurando Jesus com uma longa lança, parte do acervo do Museu Nacional de São Marcos, em Florença (fig. 5). Bernini, o gênio barroco responsável pela versão que conhecemos da Basílica de São Pedro, no Vaticano, o esculpiu em proporções colossais (fig. 6). Com mais de quatro metros de altura, em mármore, Longuinho está num dos quatro enormes nichos redondos ao lado do baldaquino de Bernini, bem debaixo da cúpula. Realizada entre 1633 e 1639, depois de incontáveis esboços e modelos em escala reduzida, a estátua captura o exato instante no qual o homem comum se torna o santo, seu despertar espiritual. Longuinho mira o alto, com a mesma boca semiaberta que Bernini consagrou como êxtase religioso na quase erótica imagem de Santa Teresa (precisamos represar nossa leitura lacaniana!). O elmo e a armadura depositos aos seus pés indicam que seus dias como militar foram superados. As representações artísticas dos santos costumam mostrá-los pisando aquilo que desmerecem ou sobre o qual triunfam. A lança continua em sua mão direita, não mais como um símbolo bélico, mas como instrumento da fé, uma lança sagrada.

No Santuário do Bom Jesus do Monte, na cidade de Braga, Portugal, há uma curiosa estátua equestre de São Longuinho, única que conhecemos mostrando o

santo dessa maneira. Seu escultor, Pedro José Luís, recebeu a encomenda depois que um fiel, Luís de Castro de Couto, fez uma oferta no início do século XIX. Nela, o santo é soldado, cavaleiro, e sua lança é ostentada na mesma tradição que imortalizou São Jorge ou Santiago Matamoros: um santo guerreiro.

Em Braga, desenvolveram-se tradições próprias, como a que associa o santo a uma narrativa local, completamente distinta do Longinus romano. Luís da Câmara Cascudo, folclorista brasileiro, nos brinda com a história de que nossas jovens patrícias, querendo se casar, volteavam a estátua três vezes e, dentro de um ano, teriam a vontade feita.

Por sua vez, a festa de São Longuinho é também celebrada (em datas diferentes) pelo catolicismo ortodoxo e pelo armênio. Cada celebração carrega tintas próprias. Na ilha de Marinduque, nas Filipinas, por exemplo, celebra-se o Festival de Moriones. *Morion* é o nome em castelhano do elmo espanhol usado nos séculos XVI e XVII. Os fiéis usam máscaras simulando *moriones* para representar legionários romanos e mercenários sírios, mesclando invasores de dois tempos: os da Palestina antiga e os ibéricos, no século XVI. Eles marcham por sete dias, durante a Semana Santa, procurando Longuinho. O ápice do festival é a via-crúcis, em cuja reencenação os homens literalmente revivem o sofrimento de Jesus, por vezes se crucificando.

• • •

Em nosso país, Longuinho aportou sorrateiramente. Não há registro de milagres que lhe possam ser atribuídos. Não há abundância de imagens em altares. Uma das únicas, e a mais conhecida, fica em Guararema, na Grande São Paulo. A igreja de Nossa Senhora da Escada tem fundações feitas a mando de jesuítas, em 1652. Mas a imagem de Longuinho é sem dúvida mais recente. Provavelmente veio de Portugal, e aqui ficou esquecida no fundo de uma gaveta, durante uma reforma. Desde a redescoberta tornou-se objeto de devoção, e a 15 de março celebra-se ali uma festa com congada, música, orações e muita comida. A

imagem mostra Longuinho como monge depois de sua conversão.

No Nordeste, sabemos que era associado a outros santos, que, como ele, atendiam pequenos e úteis pedidos, trocando achados por evocações simbólicas da Trindade, tais como o inaudito São Dino e São Vitor. Getúlio César, mencionado por Câmara Cascudo, registrou que desde o século passado as crianças eram instadas a fazer promessas ao lendário centurião: “Meu São Longuino, se eu achar o que perdi, dou 3 saltos, 3 gritos e 3 assobios.” Andamos simplificando as coisas de lá para cá. Hoje, bastam três pulinhos.

As explicações para os pulos passam pela rima fácil, pelo simbolismo da Trindade e por histórias bem mais pitorescas. Há quem afirme que São Longuinho era manco e que, por isso, gosta de ver as pessoas pularem. Há outros que afirmam que nosso bravo Cássio era anão e que, antes do episódio da cruz, ficava de olho debaixo da mesa onde comensais distraídos e ébrios acabavam por derrubar seus pertences em longos banquetes. Tudo o que encontrava era prontamente devolvido. Além do ineditismo dessa história, há uma incongruência etimológica: Longinus é variante de *longus*, que, em latim, quer dizer *alto*.

A internet também nos conta outra pérola: São Longuinho, que, como vimos, é um santo não canônico, teria sido canonizado durante o papado de Silvestre II, no ano de 999. O equívoco é claro: a Santa Sé só terá a prelazia única da canonização no século XII. Até lá, qualquer autoridade episcopal podia incluir mártires e confessores no rol dos santos. Mas a história é, ainda assim, deliciosa. O processo de canonização (que foi de fato instaurado no século XVIII, e cuja fórmula atual só foi consagrada por João Paulo II, nos anos 1980!) estaria já bastante encaminhado, mas os documentos se extraviaram. O papa, em pessoa, agiu como nós, brasileiros do século XX e XXI: pediu ao próprio São Longuinho para que o ajudasse a encontrar os papéis. *Voilà!* Eles apareceram, Longuinho foi santificado e Silvestre II – não cansamos de imaginar a cena – pulou três vezes.

• • •

São Longuinho tem um companheiro de lendas e de devoção no Brasil: Santo Expedito. O que se sabe com certeza sobre ele? Nada. Como tantos outros santos, Expedito tem biografia incerta e é muito provável que nem sequer tenha existido. Não é santo oficial da Igreja, mas sua devoção é aceita e até incentivada. Como funciona isso na fé católica?

Para respondermos a essa questão, passemos por dois pontos. O primeiro deles tem a ver com a escrita da vida dos santos. O segundo relaciona-se com um movimento pendular entre um certo historicismo e a tolerância ao mito dentro da Igreja.

Originalmente, desde seus primórdios, a Igreja registrava, na forma de martirólogos, a vida (e principalmente a morte) daqueles que tinham se sacrificado em nome de Jesus e da expansão da fé. Sabemos que os primeiros tempos do cristianismo não foram fáceis e que ser cristão no mundo romano pré-Constantino podia implicar perseguição, tortura e morte. O primeiro mártir da nova fé, Santo Estêvão, morreu, segundo os Atos dos Apóstolos 6 e 7, nos primeiros dias do cristianismo, pouco depois de Jesus. Condenado pelo Sinédrio, às portas de Jerusalém, o protomártir cristão foi apedrejado. A tradição coloca Paulo como uma das pessoas que assistiu a tudo isso, ou seja, o evangelho encontrava barreiras entre os judeus e entre os romanos. Numa história de percalços, vemos a narrativa do triunfo.

Em outras palavras, a cada mártir (a palavra quer dizer “testemunha” em sua raiz helênica) surgia uma nova inspiração para seguir o caminho de Deus. Viver na fé era importante. Morrer pela fé destacava o fiel dos demais. Como diria Santo Agostinho em um de seus Sermões (31, CCXIV), séculos depois do primeiro martírio: “Se Estêvão não tivesse rezado, a Igreja de Paulo não existiria.” Para que Saulo de Tarso pudesse se transformar em São Paulo era necessário que Estêvão perecesse como mártir. Em tempos de Igreja perseguida,

encurralada, escondida em catacumbas, as histórias do sangue dos mártires estabeleceram o primeiro modelo de vida de santos.

Séculos mais tarde, já respirando mais aliviada e perseguindo pagãos mais do que sendo perseguida por eles, a Igreja passa a admitir uma nova forma de relato de vida de santos. Entravam em cena os confessores, homens e mulheres que sofreram em nome da fé, defendendo-a diante de adversidades, mas não a ponto do martírio. Agora não era mais necessário morrer, mas viver pela fé. O testemunho se dava ao longo da vida do santo, não mais em seu último momento. A narrativa hagiográfica passa então a enfatizar a beatitude, o virtuosismo dos santos confessores.

O segundo de nossos raciocínios descreve um movimento pendular. Ao longo de sua milenar história, a Igreja alternou períodos em que tolerava o registro de mártires e confessores sem muito lastro histórico com épocas em que bania santos de existência mais fantasmagórica ou nitidamente inventados. E isso ocorreu não só com as hagiografias. Um exemplo: durante seus primeiros séculos, a Igreja conviveu com muitas versões dos textos bíblicos. Depois, num afã de centralização de poder, escolheu um cânone (que compõe a Bíblia que conhecemos) e deixou de lado, como apócrifos, muitos textos que eram igualmente lidos e reverenciados nos vários centros cristãos do mundo antigo. O critério para isso foi uma alegada veracidade, uma suposta maior historicidade dos documentos analisados: quanto mais próximos do tempo de Jesus e contendo mais congruências entre si, melhor. Textos escritos depois do século II e com passagens mais místicas ou suspeitas ficaram de fora (embora continuassem a ser lidos).

Com os santos, deu-se o mesmo. Num primeiro momento, mais do que terem de fato existido ou não, interessava seu exemplo, seu martírio. Isso convertia novos fiéis e mantinha firme a fé dos já convertidos. Depois, normalmente em momentos de mais estabilidade, bania-se ou se condenava ao ostracismo a memória de santos sem muita comprovação documental.

O último desses movimentos ocorreu na segunda metade do século XX. Num afã cientificista, a Igreja mandou testar a veracidade de relíquias conhecidas, como o manto de Nossa Senhora de Guadalupe, no México, e o Sudário de Turim. Paralelamente, reformou o *Martirologio Romano*. Em sua última edição, muitos santos foram expurgados. Paralelamente a esse enrijecimento de critérios, manteve-se ampla tolerância ao culto desses mesmos santos proscritos e não oficiais.

• • •

É justamente nesse cruzamento que vive Santo Expedito. Seu exemplo como mártir é útil, ajuda a fé a crescer e se multiplicar em regiões de dificuldades mais extremadas. Não é à toa que ele prosperou em regiões marginalizadas de centros urbanos da América Latina. Por outro lado, ele não consta como santo dos martirologios atuais da Igreja. Em outras palavras, o Vaticano não o reconhece oficialmente, mas tolera seu culto (bem como o de São Longuinho).

A tradição o descreve como um soldado ou centurião romano servindo na antiga Capadócia, no fim do século III, sob o imperador Diocleciano, pródigo na perseguição dos seguidores de Jesus. Entre seus companheiros de armas já se encontravam muitos cristãos. Estes também proliferavam nas franjas do império, especialmente nas zonas fronteiriças orientais, como a Turquia. Num belo dia, entusiasmado com os ensinamentos evangélicos que ouvia no acampamento militar, decidiu se converter. Nesse momento, um espírito demoníaco apareceu para ele na forma de um corvo. A ave o convidava à procrastinação: “Deixe para amanhã, deixe para amanhã!”, dizia. Em latim, isso faz mais sentido. Na antiga língua romana, *amanhã* é *cras*. E *cras*, por onomatopoeia, lembra o som que o corvo emite.

Expedito, que já adiara sua conversão outras vezes, não titubeou. Respondeu ao corvo de pronto: *Hodie!*, *hoje* em latim. Não deixe para amanhã o que pode ser feito hoje. Não procrastine. Faça na hora. Nascia o santo das causas imediatas,

urgentes.

Por alguma razão, a conversão de Expedito alarmou as autoridades e atraiu a ira de Diocleciano. O soldado devia mesmo ser de alta patente. De outra forma, como explicar que se perseguisse a ele e não aos outros soldados convertidos antes? Está vendo a lenda nascer? O general Expedito, não raro, é descrito como comandante da XII Legião Romana, a *Fulminata*, criada por Júlio César e lendária nos anais militares romanos. Há quem jure de pés juntos que Expedito foi também senador romano. Ah, bom! Agora sim fica clara a presteza com que foi perseguido.

Preso, não abdicou da fé. Flagelado, permaneceu resolutos de sua conversão. Sentenciado à morte por traição, foi decapitado em 19 de abril, dia de sua festa, em Melitene (antiga Armênia, atual Turquia). Todos os ingredientes estavam postos na panela: um ímpio pecador converte-se por meio de uma epifania, persevera na fé e oferece sua vida em martírio (testemunho). Mas, ainda assim, curiosamente, a fama de Expedito não decolou de imediato.

Alguns estudiosos dos santos afirmam que já havia algum culto em seu nome no século VIII. Evidências mais concretas, porém, remontam aos séculos XVIII e XIX, quando seu nome passa a figurar em hagiografias. Dá nome, em países de língua espanhola, a um saboroso doce, uma espécie de bolinho de chuva feito na Semana Santa, chamado Ossos de Santo Expedito.

• • •

Seu nome carrega outra curiosidade. Expedito não é um nome próprio latino. Na verdade, quer dizer *acelerado*, *rápido*, *expresso* (mesma raiz da palavra expedição). Esse estranho nome, reza a lenda, tem a ver com uma confusão feita quando da exumação de seus ossos. Suas relíquias teriam sido colocadas num ossuário e remetidas a uma igreja às pressas, com a palavra *expeditus* gravada na caixa. Ao chegarem ao destino, os responsáveis por encaminhar os restos ao seu

lugar de descanso final tomaram a fórmula estampada pelo nome do santo e o registraram como Expedito. O episódio é tão lendário quanto qualquer outro na vida desse santo. Há quem diga que isso se passou na França, na Louisiana ou em ilhas caribenhas.

Hoje, tanto pela procrastinação que foi capaz de evitar quanto pela urgência de sua conversão, é considerado patrono de muitas causas. É santo dos mercadores e dos navegantes, dos estudantes e dos hackers.

A representação imagética ganha seus contornos no século XX: um legionário pisando um corvo e segurando a cruz com a mão direita. Na cruz, a palavra *hodie*. Por vezes, na mão esquerda, a palma, símbolo da vitória da fé sobre a morte. Em outras imagens, o elmo no chão simboliza o passado militar e é metáfora da sua iluminação. Ao fundo, uma cidade marca a vida mundana e pecadora deixada para trás. Em nossas formas religiosas mestiças, é muito comum ver Santo Expedito associado a Ogum ou como cavaleiro de Ogum, na mesma linha de outros santos guerreiros.

• • •

Ao falar de sua devoção como santo forte no Brasil, é preciso notar o quão recente ela é e quão rapidamente se espalhou. Até os anos 1970, o nome de Santo Expedito não era nem um pouco comum por aqui. Tudo começou a mudar quando o mártir da Capadócia ganhou o auxílio dos meios de comunicação de massa.

A história tem início num pequeno templo na cidade de São Paulo. Concebida como capelania militar (função que cumpre até hoje), a capela de Santo Expedito, do Jardim da Luz, nasceu sob o orago de Nossa Senhora da Conceição dos Militares. A mudança se deu em 1958, quando da inauguração do atual templo.

Para além dos fiéis da corporação militar logo ao lado, a pequena igreja não recebia muito mais gente até os anos 1980. No ano de 1983, um popular programa de rádio capitaneado por Eli Corrêa começou a receber pedidos de oração e de graças alcançadas atribuídas ao desconhecido santo. O radialista procurou o pároco da capelania, o padre João Villano, e juntos começaram a divulgar as festas, a história e os milagres do santo na rádio. A campanha ganhou os jornais impressos, faixas na cidade e o burburinho das ruas. Expedito começava a fazer sentido para aqueles paulistanos, muitos não nascidos na capital.

O padre Paulo Suess, num clássico sobre o catolicismo popular no Brasil, escreveu: “Os homens da metrópole não procuram os santos por terem para com eles um relacionamento de devoção, mas por sentirem necessidade de proteção.”^[5] O Santo Expedito que surfava as ondas do rádio oferecia a proteção contra uma metrópole cheia de problemas sociais e violência. E prometia soluções rápidas para um público que não queria mais esperar. A mensagem certa na hora precisa.

Em 1984, a festa de Santo Expedito em São Paulo, de meia dúzia de gatos pingados dos anos anteriores, reuniu cerca de 3 mil pessoas. No ano seguinte, eram 15 mil. As últimas edições registraram cerca de 100 mil fiéis. No último ano do jubileu, 2000, a popularidade do pequeno templo era tamanha que o arcebispo de São Paulo o transformou em igreja jubilar, recebendo *ad tempus* o título de Santuário de Santo Expedito. Nada mal para um santo não canônico em tempos líquidos, de sucesso efêmero.

Para cada graça alcançada, um milheiro de efígies do santo deve ser emitido pelo agraciado. Chaveiros, cartazes e panfletos são opções, mas os chamados “santinhos” são ainda o carro-chefe. Em apenas uma gráfica de São Paulo, segundo o site de notícias G1, mais de 3 milhões de unidades do santinho são impressas todos os anos. Pelo jeito, teremos, por longos anos ainda, um número cada vez maior de pessoas com um santinho de Santo Expedito na carteira. Aliás, onde mesmo pus a minha? São Longuinho, São Longuinho...

3. VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 296.
4. *Id. Ibid.*
5. *Catolicismo popular no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1979, p. 46.

Maria, Marias:
dá-nos a bênção, ó mãe querida!

É um dos nomes mais comuns do mundo brasileiro: Maria. Ninguém pede à portadora para soletrar. Nunca há dificuldade de pronúncia. Maria é nome claro, direto, belo e sonoro. Conserva esta austera singeleza no inglês, Mary, ou no francês, Marie. É um nome quase universal no Ocidente.

Tão singelo e tão expressivo, tão comum e tão tocante, que chega a ser quase pejorativo de uns tempos para cá. “Oh, Dona Maria!” é uma exclamação pouco elogiosa no trânsito das grandes cidades. Refere-se a um coletivo popular, e seu uso hoje guarda um pouco do preconceito do mundo. Maria parece carregar o mundo no nome.

Mas Maria é o feminino em Deus. As referências são pequenas no Evangelho de Marcos, pouco interessado na infância de Jesus ou no que ocorreu antes de sua missão pública. Mas crescem muito em Lucas, onde o Natal é fato tocante e onde o hino do *Magnificat* é um dos pontos belos no encontro de Maria com a prima Isabel.

Maria está presente no Natal. Maria intercede pelo primeiro milagre em Caná. Adverte o filho sagrado de que os anfitriões não têm mais vinho. É mulher sensível, que guardava coisas no coração. É testemunha pouco falante e muito atuante. Está, dolorosa, junto à cruz do Filho. Constitui o primeiro núcleo de cristãos que recebeu o fogo do Espírito Santo no Pentecostes. Viu nascer Jesus e viu nascer a Igreja. É citada no Apocalipse como um grande sinal no céu, com

uma coroa de doze estrelas e com a lua debaixo dos seus pés. O dragão tenta armar ciladas a ela. Perdidos por uma mulher, Eva; salvos por outra, Maria.

Maria é o único ser humano que recebeu vários dogmas. Para os católicos é virgem antes, durante e depois do parto. É mãe de Deus e foi concebida sem pecado original. Imaculada na origem, foi assunta ao céu de corpo e alma. E, mesmo ainda não sendo matéria dogmática, é medianeira de todas as graças para o mesmo grupo católico.

Na Idade Média, a Europa cobriu-se de um manto de igrejas góticas dedicadas a ela: Notre Dames daqui e dali. A mãe de Deus ocupou belos vitrais como uma Rosa Mística. Inspirou o rosário a São Domingos e guiou a ordem do carmelo. Não que haja contradição em si, mas, para observador neutro, o cristianismo foi, em essência, um Marianismo.

A face materna de Deus, como foi chamada, foi um culto mais palatável do que o Cristo juiz. Num mundo misógino, foi a inserção do feminino, na ambiguidade do modelo de mãe perfeita e virgem intacta.

Na Idade Moderna, quando despontou o protestantismo, ela virou motivo de atrito. Os luteranos bradaram “mariolatria” contra a facção papista. A partir de então, parte da identidade católica ficou ainda mais reforçada na sua face mariana. Jesus aproximava protestantes e católicos. A hóstia, o papa, a Virgem Maria e alguns livros da Bíblia os afastavam. Na crítica protestante, os católicos passavam a ser “chacoalhadores de terços”.

No mundo contemporâneo, houve muitas aparições suas. Só para citar duas mais conhecidas: em Lourdes e Fátima ela instruiu camponeses simples sobre questões presentes e futuras. Eu sou a Imaculada Conceição, anunciou-se à simples Bernadete. Eu sou a Rainha do Rosário, falou para Jacinta, Lúcia e Francisco.

A majestade de Maria implica lista poderosa de títulos. Mãe de Deus, virgem

sempre virgem, rainha de anjos, de patriarcas e de apóstolos, torre de Davi, resgatadora de almas do purgatório, preceptora de bons partos, compadecida dos humanos. Como toda mãe, ela é una e múltipla.

Não há dúvida: Maria é a mulher mais notável da história. Nenhuma foi tão debatida, louvada, venerada, atacada e honrada. Maria guarda em si o mistério, a energia e os incômodos do feminino. Num mundo masculino, ela é uma cunha que entra de forma decisiva no universo patriarcal da Igreja. Os homens dominam a teologia, mas foram mesmerizados pela adolescente de Nazaré. Ela tinha razão: todas as gerações a chamariam de bem-aventurada. Dois mil anos de Mariologia ainda não encerraram a força de um ser que, no fundo, apenas disse “sim” a Gabriel. O “sim” mudou tudo. “Eis aqui a serva do senhor.” Como Abraão, concordou sem compreender a extensão do seu ato. Como poderia? Foi pela fé, e não pelo cálculo racional, que se entregaram. Havia algo maior. Estes saltos tiveram um poder enorme. Maria nada sabia sobre o Verbo/Logos encarnado. Apenas disse sim. É um modelo de fé e de entrega.

• • •

No Brasil, ela esteve presente de várias formas desde tempos coloniais, uma vez que o culto mariano era forte em Portugal. As igrejas da Imaculada Conceição se multiplicaram muito antes do dogma proclamado pelo papa Pio IX em 1854. Esta denominação (orago) das igrejas foi onipresente na colônia. O dia 8 de dezembro ainda é feriado em muitas cidades.

Também a diferença de identidade étnica acompanhou o culto mariano na colônia. Era sob o manto da Virgem do Rosário que muitos negros frequentavam as igrejas e capelas. Sob a proteção da Virgem do Carmo os brancos fizeram genuflexões. Ainda existem igrejas sob o curioso nome de Nossa Senhora da Conceição dos Pardos.

Nas casas grandes, a imagem de Sant’Ana mestra, ensinando a filha Maria, era

vista como modelo da educação das meninas brancas e bem-nascidas. O amor de Deus era universal, mas a identidade dos cultos na Terra consagrava as diferenças sociais. A mesma Maria e muitas melaninas: parte disto é o mistério da abrangência religiosa.

O México viveu uma explosão mariana com a aparição da Virgem de Guadalupe em 1531. O manto de Juan Diego com a imagem morena, *La Lupita*, galvanizou o vice-reino (fig. 8). Em pouco tempo, a Virgem de Guadalupe seria a rainha do México e Imperatriz das Américas. Surgida no cerro onde o povo mexicano venerava a deusa-mãe, Tonantzin, Nossa Senhora de Guadalupe foi amálgama poderoso para a jovem colônia. A identidade guadalupana foi uma das grandes forças mexicanas.

O Brasil não teve uma aparição tão espetacular. Apesar das notícias esporádicas de Nossas Senhoras surgindo em batalhas contra indígenas ou contra calvinistas holandeses, nenhuma Maria aqui assumiu a força simbólica de Guadalupe. A Terra de Santa Cruz teria de esperar até o século XVIII para algo similar.

• • •

O ano é 1717. A colônia vivia a febre do ouro. Portugal enviava autoridades novas para canalizar as riquezas do Novo Mundo. Dom Pedro de Almeida e Portugal, Conde de Assumar, veio substituir Dom Braz Balthasar da Silveira no governo da então unida Capitania de São Paulo e Minas. É aristocrata importante e faz questão de marcar sua autoridade. Sua comitiva precisa ser alimentada.

No rio Paraíba do Sul, pescadores aflitos lutam para obter o peixe do banquete aristocrático. As águas negam o seu fruto. A angústia cresce entre eles. São três homens simples: Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso. O ancoradouro simples atende pelo pomposo nome de porto de Itaguassu. Nada de peixe após muito tempo pescando. De repente, uma imagem de Nossa Senhora

da Conceição surge na rede, sem cabeça. A imagem é escura. Depois, a cabeça faltante vem junto às redes. Surpresa geral. Como na pesca milagrosa no mar da Galileia, a fé estava associada ao sucesso das redes. A imagem precedeu uma pesca abundante no rio. O Paraíba do Sul era o novo mar da Galileia. Os peixes transbordaram nas canoas humildes.

O filho de Felipe Pedroso, Atanásio, transportou a pequena imagem para um oratório modesto. Ali continuou a trajetória de taumaturga, ou seja, propiciadora de milagres. A pesca milagrosa agora veio acompanhada de algo singelo. O vento apagara as velas ao lado da estátua. De repente, sem explicação plausível, as velas se reacenderam. A vela é o símbolo da fé no mundo católico. Ela queima de si para iluminar, nega sua matéria para atingir seu fim. Maria, primeira grande fé cristã, reacendia as velas para seus devotos. Era o início de um vasto incêndio religioso. Todas as pessoas que testemunharam o fato eram moradoras humildes da comarca. Maria revelava seu poder aos pobres.

Na cidade que futuramente assumiria o nome de Aparecida, na capitania de São Paulo, o oratório virou uma pequena capela que foi sendo reformada e ampliada. Por volta de 1790, um escravo que passava acorrentado pela igreja rezou para a Virgem, e suas correntes se partiram de forma sobrenatural. A Virgem morena favorecia os filhos mais atribulados. O culto se expandiu lentamente, mas de forma decisiva.

A princesa Isabel, católica tão devota que chegou a provocar certo incômodo no pai Pedro II, que reclamava de sua excessiva religiosidade, doou uma coroa para a imagem. A pequena igreja foi ficando modesta para o afluxo de fiéis.

Em 1930, o papa Pio XI declarou Nossa Senhora da Conceição Aparecida a padroeira principal do Brasil:

[...] Por conhecimento certo e madura reflexão Nossa, na plenitude de Nosso poder apostólico, pelo teor das presentes letras, constituímos e declaramos a mui Bem-Aventurada Virgem Maria concebida sem mancha, sob o título de “Aparecida”, Padroeira principal de todo o Brasil diante de Deus. Este padroado gozará dos privilégios litúrgicos e das outras honras que costumam competir aos Padroeiros principais

de lugares ou regiões. Concedendo isto para promover o bem espiritual dos fiéis no Brasil e aumentar cada vez mais a sua devoção à Imaculada Mãe de Deus, decretamos que as presentes letras estejam e permaneçam sempre firmes, válidas e eficazes, surtindo seus plenos e inteiros efeitos.

Sob o cuidado dos padres redentoristas, o santuário mariano foi ampliando sua fama e atraindo romeiros de forma crescente. Nossa Senhora da Conceição era de todo o mundo católico. Nossa Senhora da Conceição Aparecida era exclusiva dos brasileiros.

• • •

O dia de Aparecida concentra todos os simbolismos. Dia 12 de outubro é dia do descobrimento da América e dia das crianças. Foi a 12 de outubro que o jovem Pedro I foi aclamado imperador do Brasil. Foi a 12 de outubro de 1931 que Getúlio Vargas inaugurou a estátua do Cristo Redentor, na capital da República. Pouco antes (maio de 1931), a imagem de Nossa Senhora Aparecida tinha sido levada ao Rio para ser venerada em imenso cortejo.

A data passou a ser uma conexão cívica e religiosa, celebração do catolicismo pátrio, de identidade da fé e do nacionalismo. O manto de Aparecida registra, por vezes, a bandeira do Brasil e do Vaticano.

Uma imensa basílica foi erguida em Aparecida. As obras começaram em 1955 sob a proteção do cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta. Quase trinta anos depois, foi inaugurada. Muitos detalhes decorativos foram sendo terminados depois, como as obras de Cláudio Pastro, artista sacro falecido em 2016. Em lotação máxima, 70 mil pessoas podem estar na basílica hoje.

Três papas passaram sob seus arcos. A visita triunfal de São João Paulo II e as subsequentes de Bento XVI e Francisco marcaram o reconhecimento da importância do local de culto para os brasileiros católicos. Se considerarmos que o cardeal Montini (futuro beato papa Paulo VI) esteve em Aparecida antes de se tornar papa, quatro homens que sentaram no trono de Pedro veneraram a

imagem. Um santo, um beato, um papa que renunciou e um papa em exercício: Aparecida teve audiência ampliada desde o pequeno grupo de pescadores no oratório. Quase 150 igrejas no Brasil ostentam hoje o título de Nossa Senhora Aparecida. E, mesmo naquelas igrejas com outras denominações, a pequena imagem com o manto e a coroa está em algum altar lateral. O Brasil pertence a Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

• • •

A imagem ficou tão importante que até sofreu um ataque iconoclasta: um homem tentou destruí-la em 1978, estilhaçando-a. A cabeça ficou em pedaços, e a coroa, amassada. Ao visitar o Brasil, São João Paulo II lembrou que as mãos postas em oração, contudo, não se partiram. Atacada, ela magnetizou mais fiéis.

No México há uma calçada elétrica diante do manto de São Juan Diego com a imagem de Guadalupe. O ritmo da instalação impede que a multidão se aglomere diante do rosto da “Morenita”. No Brasil há barras separando filas, mas é inevitável que os fiéis se detenham mais diante da emoção da proximidade da imagem. Há filas, mas raramente tensão. Cada devoto que veio de longe aguarda sua vez diante do recente altar recoberto de ouro e da nova coroa da Virgem.

Uma cena sempre repetida: pessoas subindo a rampa tomadas de sentimentos piedosos, um pouco contidas, gente simples na sua maioria. Vieram de muitos lugares, e muitos já visitaram a sala de ex-votos, onde cabeças de cera ou outras partes do corpo testemunham graças alcançadas pelo poder de Aparecida (fig. 7). Há vestidos de noiva, diplomas universitários, fotos de casamento, maquetes de casas e até curiosas painéis de pressão retorcidas. Os fiéis que vieram para a rampa já tiveram testemunho material do poder da Virgem. Agora, estão diante dela. A contenção se interrompe: lágrimas, algumas frases em voz alta, gestos mais dramáticos e muita emoção. É genuína e tocante a cena. Homens, mulheres, crianças e adolescentes ficam paralisados e emocionados. Encontram

ao vivo o alvo das suas orações. Aqui morre toda especulação teológica ou antropológica. Aqui fluem Maria e o povo que a ela recorre. “Filho, eis aí tua mãe” parece ser o versículo que transforma cada brasileiro ali num novo João aos pés da cruz. Maria morena, Maria poderosa e compassiva, Maria mãe e mulher: a ligação entre o fiel e a imagem é imediata.

Os romeiros medievais iam a Roma. Aparecida é a Roma tupiniquim. Nas cabeças, as melodias tradicionais como “Dai-nos a bênção, ó mãe querida, Nossa Senhora, Aparecida”, ou com toada mais sertaneja, “Sou caipira, pira pora Nossa, Senhora de Aparecida, ilumina a mina escura e funda o trem da minha vida”. Por fim, também podem pensar em “Nossa Senhora, me dê a mão, cuida do meu coração, da minha vida, do meu destino”. Todas traduzem a mesma coisa: a entrega da vida à mãe Aparecida. A Padroeira do Brasil mora no altar de ouro e nos corações.

• • •

A tradição brasileira não consagra o fundamentalismo religioso. Tivemos três visitas do Santo Ofício no período colonial. Até 1889, o Brasil era oficialmente católico. Igrejas protestantes não poderiam ter torres nem sinais externos. Também tivemos períodos de ataques deliberados de forças policiais contra centros de cultos afro em plena República. Provavelmente, a rejeição religiosa vinha, neste caso, misturada com rejeição social e racial. Apesar destes exemplos, comparados a outras regiões do mundo, a polarização religiosa extrema e permanente não é nossa narrativa mais frequente.

Um episódio destoa disto. Em 1995, o bispo Sérgio von Helder, da Igreja Universal do Reino de Deus, a IURD, estava na televisão realizando sua pregação em pleno dia de Aparecida, 12 de outubro. De repente, von Helder mostra uma imensa imagem da Virgem. Ataca sua estética. Por fim, supremo iconoclasmo, chuta a imagem ao vivo.

Agitam-se as vozes na Terra de Santa Cruz. Impacto nacional. O gesto foi infeliz e repreendido pela própria cúpula da Igreja Universal. O bispo não pertence mais aos quadros daquela agremiação religiosa.

Circulou em ambientes católicos uma história com traços clássicos de mito urbano. O bispo que chutara a Virgem começou a sofrer de dores terríveis na perna sacrílega. Estava nos Estados Unidos e teve de ser internado, pois a perna piorava cada vez mais. No hospital, isolado, recebeu uma atenção especial e sorridente de uma enfermeira negra. Após isto, recuperou-se de forma rápida. Passado algum tempo, teria retornado ao hospital para agradecer à jovem enfermeira negra que colaborara com sua recuperação. Foi informado de que o hospital não dispunha de nenhuma funcionária com aquele fenótipo.

Entenderam, caro leitor e estimada leitora? Moral da história: a própria Nossa Senhora Aparecida tinha ajudado o irreverente bispo. Houve o perdão e o milagre. Como nas histórias tradicionais de hóstias profanadas, como a cena pintada por Paolo Ucello, o objeto sacro é atacado e disto decorre uma nova revelação do poder de Deus e, neste caso, da intermediação da Virgem. Mãe é mãe.

Correu também a narrativa de que ele teria se convertido ao catolicismo. Não é verdade. O antigo bispo da Universal entrou nos quadros da Igreja da Restauração, de origem norte-americana. As guerras santas não deitam raízes no Brasil, mas as histórias continuam brotando do solo.

• • •

O Brasil é um grande centro mariano. Tomemos exemplos. A capital do Rio Grande do Sul é ligada a Nossa Senhora dos Navegantes. A festa, a 2 de fevereiro, é feriado em Porto Alegre e abastecida por muita melancia, comida típica da celebração. A arquidiocese de Porto Alegre é dedicada ao orago da Mãe de Deus. A cidade na qual Leandro nasceu, São Leopoldo, apesar do nome do

imperador do Sacro Império, tem a Imaculada Conceição no nome e no altar-mor da matriz. No centro do mesmo estado, a cidade de Santa Maria abriga o santuário de Nossa Senhora Medianeira.

Subindo um pouco, vemos a capital de Santa Catarina celebrar Nossa Senhora do Desterro, pois Desterro era o nome da cidade antes de ela ser rebatizada Florianópolis em homenagem ao segundo presidente da República. A imagem da família sagrada a caminho do exílio no Egito ainda embeleza a catedral.

O terceiro estado do Sul, Paraná, tem sua capital dedicada a Nossa Senhora da Luz. Nos três estados há milhares de igrejas marianas. Subindo pelo Brasil imenso, vamos encontrar Nossa Senhora do Livramento em Cuiabá; Lurdes em Belo Horizonte; o histórico outeiro de Nossa Senhora da Glória no Rio; a catedral de Brasília dedicada a Aparecida; a Igreja de Nossa Senhora do Ó em São Paulo e milhares de outras. Inumeráveis monumentos em pedra sobre as relações entre o Brasil e Maria. Em Sorocaba, terra natal de Luiz, a catedral, sede do arcebispado, tem a única imagem de Nossa Senhora da Ponte em todo o Brasil. A imagem veio de Portugal em 1771 e a igreja foi consagrada em sua homenagem. A ponte mais próxima dista quilômetros da catedral, mas a fé na invocação de Maria como protetora de passagens sobre cursos d'água (uma metáfora da ponte que ela faz entre fiéis e Jesus) era forte entre os lusos.

Cultos de popularidade mais recente crescem em progressão geométrica. É o caso de Nossa Senhora Desatadora de Nós, tradição espanhola que se proliferou. Em Campinas, seu santuário é muito visitado. A imagem, simbólica, mostra Maria com uma corda embaraçada de um lado e totalmente desembaraçada do outro.

Também cresceu muito um culto de uma Maria “estrangeira”. É Nossa Senhora das Graças, o culto francês ligado a Santa Catarina Labouré, na rue du Bac, em Paris. A aparição de 1832 encontra imensa popularidade neste país, com o uso, em larga escala, da medalha milagrosa. Mesmo sendo uma virgem “francesa”, na sua igreja em Paris há uma chance enorme de se ouvir português.

A comunidade portuguesa também reforçou a presença da virgem de Fátima entre nós. Onipresente em estabelecimentos comerciais de gerência lusitana, a imagem de Fátima é de grande veneração no país, que, em 2017, lembrou os cem anos da aparição e a canonização dos dois pastores menores.

A maior festa mariana de Portugal em número de fiéis é da Virgem de Nazaré. Diz uma tradição que, no século XII, um fidalgo português, Dom Fuas Roupinho, foi salvo da morte certa pela intercessão da Virgem. Na cidade de Nazaré, em Portugal, há uma imensa falésia sobre o oceano Atlântico. Perseguindo um animal com seu cavalo e iludido pela neblina, o nobre correu até a beira do abismo. No instante final, quando ele e seu cavalo estavam para despencar rumo à morte certa, Dom Fuas invocou Maria e, milagrosamente, as patas do cavalo se cravaram ao chão e o devoto sobreviveu. Começava a tradição de venerar a Virgem de Nazaré com uma imagem que, ainda segundo narrativas brumosas, teria vindo da Terra Santa. O próprio São José teria esculpido em madeira a imagem da esposa e do filho e São Lucas a teria pintado. O culto foi se fortalecendo na célebre praia e virou uma referência do catolicismo português.

No Brasil, a tradição de Nossa Senhora de Nazaré está ligada a um caboclo, Plácido, que encontrou a imagem da santa em um pequeno igarapé, onde hoje é a cidade de Belém do Pará. Seu culto começa quase ao mesmo tempo que o de Aparecida, no início do século XVIII. O ápice da celebração se dá a cada mês de outubro. Com a imagem viajando numa berlinda, uma procissão parte de uma outra igreja, para a qual havia sido anteriormente levada, em direção ao Santuário de Nazaré. Existe uma corda, e agarrar na corda do Círio de Nazaré faz parte da tradição. Há fogos de artifício, barcos, procissões paralelas e complementares. As famílias dividem o tradicional pato no tucupi e a maníçoba no apogeu da festa, o segundo domingo de outubro. O número de pessoas presentes à procissão aproxima-se de três milhões. É a maior festa católica do Brasil.

Ave-Maria, cheia de Graça, o Brasil é contigo. Não há dúvidas de que o Brasil é Mariano. O ano de 2017 é Ano Mariano, celebrando os 300 anos de Aparecida e lembrando os 100 anos de Fátima. Muitos nomes e diversos títulos, uma só Maria de Belém do Pará até o rio Paraíba do Sul.

Cada cena de Maria pode despertar identificação com alguém. A caminho do exílio, como retirante de uma situação de violência, grávida, em família, sozinha, com o menino ao colo, protegida pela mãe: esta mutabilidade é eixo central no encanto mariano. A maioria dos casamentos católicos foi celebrada no Brasil sob o canto da “Ave-Maria” de Schubert ou da de Gounod.

Tudo gira em torno de Maria. Seus pais, Joaquim e Ana, são padroeiros dos avós. Seu marido, José, ampara a busca pela chuva no sofrido sertão nordestino. Também é padroeiro dos operários e da boa morte. Maria preside partos e aceita consagrações a ela. Por fim, seu Filho, o bendito fruto do seu ventre, redime e ampara o mundo. Eis Maria na sua simplicidade majestosa. Que seu manto cubra a todos, pedem os fiéis a cada festa.

São Francisco de Assis: o hippie de Deus

Em 1970, Vinicius de Moraes escrevia um bonito poema musicado em homenagem a São Francisco. Muitos de nós ouvimos a canção na inigualável voz de Ney Matogrosso: “Lá vai São Francisco/ Pelo caminho/ De pé descalço/ Tão pobrezinho.” No texto, Francisco conversa com o vento e com o fogo, a quem chama de irmão. Conta histórias para os passarinhos.

Assim gostamos de pensar no santo de Assis. Um homem calmo, sereno, em profundo contato com a natureza e com sua espiritualidade, sem apego aos bens materiais. Um exemplo de muitas de nossas aspirações na modernidade líquida em que vivemos. Somos apressados, não conseguimos nos concentrar por mais de 15 segundos. Materialistas, consumistas, somos o que compramos. Existimos por consumir. O seráfico irmão era, na Idade Média, a imagem do oásis em nosso deserto lotado de bens e de pressa. Era calmo, contemplativo, sereno, em contato consigo mesmo, com seu entorno. Tinha tempo para conversar com todos e tudo. Tempo... Lembramo-nos vagamente do que era isso.

O mesmo Vinicius escreveu, mais jovem, um poema denso e difícil que explora a dualidade do ser humano moderno diante de Francisco. O poeta nos revela, em “A espantosa ode a São Francisco de Assis”, que se sentia impuro, inconstante, trágico. Diante do santo, ele era “o leproso e possivelmente o morto”. Ele se postava inerte, pedindo consolo daquele que era “o fiel, o calmo, o humano, o constante”.

Não é de admirar que Francisco de Assis continue um dos santos mais invocados e cultuados de nossos dias. Ele já seria inequivocamente simpático por ter inventado a tradição do presépio. É bem mais do que isso, contudo, que o faz um santo forte diante dos fortes: porque se imaginou o menor e menos importante dos homens. Mas quem foi esse homem e por que atingiu essa aura que o envolve com inabalável força até os dias de hoje?

O hábito franciscano vestiu o homem que rezou as primeiras missas no que hoje é território brasileiro. Irmãos menores, como são chamados os frades da ordem franciscana, vieram aos pares para a América portuguesa, um pouco aqui e outro ali. Fundaram igrejas, conventos, promoveram batismos, instruíram na fé, foram martirizados por todo o território colonial. Nossa memória da conquista espiritual do Brasil, contudo, está umbilicalmente ligada à imensa e profunda atuação dos jesuítas. Quase não conhecemos a atuação dos franciscanos. Ao falar em São Francisco, porém, poucos se lembram de Francisco Xavier, primeiro santo inaciano, uma lenda dentro da Companhia. Nosso imaginário nos leva para a Úmbria, para o místico irmão fundador da primeira ordem mendicante.

• • •

Bem no centro da península italiana, uma cidadezinha razoavelmente próspera seria o cenário principal de uma revolução espiritual. Estamos no fim do século XII. Nasce um menino chamado Giovanni di Pietro di Bernardone. Sabemos pouco de sua infância e juventude. Menos ainda de seus pais.

Da mãe, nem sequer sabemos o nome. Talvez se chamasse Pica. Quiçá Giovanna. Há quem diga que era francesa. Seu pai, um comerciante chamado Pietro, teria feito algum capital negociando na Provença. Daí viria a alcunha pouco comum na época: Francesco. Em homenagem à terra natal da mãe ou deslumbrado pela França, o jovem Giovanni passou a ser chamado de “Francês”.

Sua vida é um modelo clássico de hagiografia. Cresceu bom, mas libertino, materialista, avesso ao trabalho, pródigo em gastar o dinheiro paterno em noitadas com os amigos. Apaixonado por ideais belicistas e de cavalaria, envolveu-se na guerra contra Perugia. Ficou encarcerado por um ano junto a muitos outros compatriotas, à espera de um resgate de Assis. Libertado, adoeceu gravemente. Passou todo o ano seguinte febril e teve a vista afetada.

Parcialmente recuperado, decidiu investir uma vez mais no sonho de ser um cavaleiro vitorioso. Juntou-se aos exércitos papais numa guerra contra o imperador germânico, em constante disputa com Roma pelo poder da Igreja. O jovem Giovanni fracassaria outra vez, mas a semente de sua virada espiritual estava plantada. Em sonho, um senhor teria lhe ordenado que voltasse a Assis. Lá estaria sua missão, não na guerra.

Retornou sem mais tardar e, alguns dias depois, em meio a uma festança com amigos, teve nova revelação. Vocação tem origem latina no verbo *vocare*. Quer dizer algo como chamamento. Na religião, refere-se ao chamado feito por Deus a uma pessoa para que ela siga Seus desígnios. É um recurso constante na história da vida dos santos. Com Francisco não foi diferente: Deus o chamou e ele abraçou sua vocação. E o fez por meio de uma estratégia comum aos religiosos de sua época.

O final do século XII e o início do século XIII englobaram décadas de intensa mudança. As cidades italianas, bem como outras na França e mais ao norte da Europa, experimentavam nova vida, com o reacender do comércio de longa distância aberto na esteira das primeiras Cruzadas. À euforia do comércio e do renascer da vida urbana e monetária seguia-se um refluxo espiritual. Acreditava-se que o mundo era local de pecados e pecadores. Poucos encontrariam a salvação prometida a todos, mas ignorada por muitos. Nesse contexto, o luxo e fausto da corte papal contrastavam com os imensos bolsões de pobreza que as cidades amontoavam.

O medievalista Jacques Le Goff escreveu sobre como, nessa época, a pobreza era

impactante e necessária. Impactante por situar-se no âmbito urbano, aos olhos de todos, contrastando com a nova riqueza, ultrajantemente concentrada. Necessária, pois os novos ricos podiam exercer a misericórdia dando esmolas aos pobres que se amontoavam nas praças e nas portas das igrejas. Ali, em público, praticavam a caridade cristã, aliviavam suas consciências, ajudando aqueles necessitados.

Diante desse quadro, as pessoas buscavam sua salvação em mosteiros, vistos como fortalezas da fé e do espírito. Os monges viviam quase sempre enclausurados, rezando por suas almas e pelas do mundo fora das muralhas conventuais.

Francisco, no início de sua jornada espiritual, retirou-se do mundo como um anacoreta dos primeiros tempos do cristianismo. Buscava o isolamento do ambiente urbano, de suas tentações e pecados, de seus contrastes e dores. No interior de sua meditação quase solitária (acompanha-o um amigo de infância), buscava a iluminação, alguma sabedoria.

De volta a Assis, foi ridicularizado em todas as tentativas de mostrar algo de sua recém-adquirida intuição. Talvez o grande ponto de virada, o momento em que teve o estalo que pôs ordem no grande tormento de sua alma diante dos mistérios que não lhe faziam sentido, tenha sido o encontro com um leproso. Corria o ano de 1206. Façamos uma digressão para entendermos melhor o que significava conversar com um leproso como o fez Francisco.

A lepra voltara a assombrar a Europa depois que os cruzados reencontraram cepas da doença que estavam isoladas no Oriente Médio. As cidades que pipocavam na Europa concentravam população e careciam de saneamento. O barril de pólvora encontrava seu pavio e um fósforo aceso. A doença matou muito e sem distinção. Balduíno III, rei cristão de Jerusalém, morreu da mesma forma que muitos anônimos de seu tempo: leproso.

A crença da época achava que o corpo corrompido pela hanseníase era mero

receptáculo de uma alma deteriorada. A medicina de então recomendava o isolamento. A historiadora Françoise Bénéac nos mostra como se atribuía aos doentes e a seu aspecto deformado a culpa por atos hediondos, desregramentos sexuais, conspirações de toda a sorte. Olhava-se para eles com desconfiança e medo. E com ódio, até. Em *Tristão e Isolda*, texto escrito no final do século XII, a personagem que dá título ao livro é entregue a um grupo de leprosos como castigo pela suspeita de adultério. Pede que a queimem na fogueira. Decide-se pelo castigo pior: o leprosário.

Pois é diante de alguém assim que o santo de Assis se viu, enquanto caminhava pelos arredores da cidade. O sino que o pobre coitado usava para identificá-lo emitia uma badalada cuja função era afugentar quem a ouvisse. O seráfico, contudo, foi atraído por ele. Apeou do cavalo, cobriu o corpo do homem com seu manto, beijou-lhe a fronte. Encarnava a parábola do Bom Samaritano (Lc 10:30-37) ou a igualmente icônica passagem de Mateus 25 (34-40), na qual Jesus diz que, ao servir ao irmão pequenino, o necessitado, serve-se a Ele.

Não muito depois, vendeu todos os tecidos do pai por uma ninharia, como forma de obter doação para a reforma da Igreja de São Damião, pequena capela no entorno de Assis, futuro polo das Irmãs Clarissas. Ali nascia a última das etapas de formação do santo. Seu pai se enfureceu, humilhou-o em público, trancafiou-o no porão, tomando-o por louco, preguiçoso. Sua mãe o soltou e ele buscou refúgio com o bispo. Quando encontrado por sua família, abandonou todas as suas vestes e posses e saiu nu de casa para nunca mais voltar. De novo, emulava a Bíblia: abandonava sua vida, sua riqueza e sua família para se dedicar a Deus. Nascia o pobre Francisco, que renunciaria ao mundo para viver nele.

• • •

Francisco nunca se ordenou. Não era um padre, de fato. Logo, nunca pôde presidir uma missa. Tampouco se encaixou no modelo monacal de sua época, o do isolamento em fortalezas de Deus chamadas mosteiros, a rezar pela salvação

de uns poucos e, no processo, garantir a própria entrada no Paraíso. O novo modelo de santo era o do frade, o irmão consagrado. Sua atuação podia se dar em conventos, mas preferencialmente devia se dar no mundo, em meio ao pecado. Menos estudo e mais ação. Pregar de maneira itinerante, de acordo com a necessidade do lugar e das pessoas. Pregar a toda criatura, humana ou não. Uma visão ecológica e holística da natureza como criação divina, sem hierarquias. Baixinho, magricela, barba rala, pés descalços, um manto simples, um cordão com três nós (simbolizando a obediência, a pobreza e a pureza de coração). Formada a imagem icônica do santo pobre, entendamos o novo modelo.

Francisco rumou com seus companheiros num empreendimento típico de seu tempo: uma cruzada. Em 1212, partiram para a Síria com o intuito de converter islâmicos. Falharam e voltaram a Assis. Conta-se que um de seus primeiros milagres foi feito a bordo do navio para a terra sarracena: apaziguou a tempestade que ameaçava a embarcação e multiplicou os víveres a bordo quando a fome se abateu sobre ela.

Dois anos depois, nova tentativa. Dirigiu-se ao Marrocos, mas adoeceu na Espanha. Seus companheiros prosseguiram e foram massacrados pelos mouros. Cinco anos mais tarde, em 1219, foi ao Egito e passou pela Palestina. Peregrinou pela Itália, curou doentes em Ascoli e Narni, expulsou demônios em San Gimignano e pacificou um lobo que assombrava Gubbio.

Seus milagres lembravam muito os de Jesus e dos primeiros apóstolos. O exemplo cristocêntrico andava em desuso. O Nazareno fora pobre, andara com desafortunados e escolhera discípulos tão miseráveis quanto. Francisco elegeria a “senhora pobreza” como uma forma de viver sem apego ao mundano, de dedicar-se ao próximo e à natureza. Não teria pertences porque entendia que nada lhe pertencia. Esse ascetismo extremo lhe trazia alegria, aproximava-o da Graça, de acordo com seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano. Seus seguidores, os primeiros franciscanos, eram instados a fazer o mesmo: não podiam ter residência fixa nem sequer calçados. Viveriam de esmolas. A pobreza também

deveria se estender para os estudos: pretensões intelectuais eram coibidas como vaidade (o que não impediu que a ordem tivesse gigantes do pensamento, como Duns Scotus ou Guilherme de Ockham).

Inaugurava-se a era das ordens mendicantes, aquelas que fazem voto de pobreza. São Domingos de Gusmão, o espanhol fundador da ordem dominicana, responsável pela Inquisição, adotou a estratégia da pobreza na mesma época. Le Goff nos lembra o quanto a fome se juntou à vontade de comer. O mendicante tornou-se quase que desejado nas cidades medievais, pois colocava em evidência a “miséria do homem” ao mesmo tempo em que dava aos que estavam no cume da roda da Fortuna “a oportunidade de trabalhar por sua salvação mediante a esmola.”^[6] Mais uma vez, imitava-se o Cristo: o reino que se prometia não era deste mundo. Logo, o desapego das coisas mundanas era mister para a salvação. Afinal, é mais fácil um camelo passar no buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus, não é mesmo?

• • •

Seguir Jesus, voto de pobreza. Passamos por dois pontos centrais do pensamento franciscano. Falta um terceiro. O episódio do Lobo de Gubbio será nosso guia.

A fera aterrorizava a cidade. Atacava pessoas e animais. Francisco, diante do raivoso canino, chamou-o de irmão, fez-lhe o sinal da cruz. Conversou e arrazoou com o bicho. Vinicius tinha razão: o santo conversava com o vento, com o fogo, com aves e até com uma criatura selvagem. Por isto, poderíamos pensar se tratar apenas de um louco manso, inofensivo, prestes a ser devorado por um animal cumprindo seus instintos mais básicos. Mas não: o lobo obedeceu ao santo e nunca mais fez mal a ninguém. Francisco garantiu que a cidade o alimentaria. Ele foi ainda mais longe e propôs que se criassem regras que obrigassem as pessoas das cidades a alimentar aves selvagens no inverno.

Essa ecologia *avant la lettre* irmanava a ideia da esmola aos pobres. Tudo que

não seja o Criador é criatura. Cuidar de todas as criaturas sem distinção era parte do misticismo franciscano. Uma coisa era exortar a natureza como alegoria, como tantos fizeram antes dele. Francisco o fez de maneira literal. Sentia-se realmente irmão do lobo, das aves e do vento, pois a criação era um todo coerente e interconectado. O medievalista francês a quem citamos tantas vezes nos força a pensar na tensão entre cidade e natureza. Le Goff argumenta que Francisco se distancia do maior movimento social do seu tempo, isto é, do desenvolvimento das cidades. Contrapõe a ele a natureza e a estrada, compõe o belo Cântico das Criaturas.

Como não lembrar, diante dessa ideia tão iluminada, de nosso Mario Quintana, que perguntado sobre São Francisco de Assis respondeu: “Ah... mas ele só gostava dos bichinhos bonitinhos. Por que ele não falou dos irmãos vermes que pululam às cargas, em outras coisas horrorosas? Na irmãzinha aranha... na irmãzinha jararaca... Só falou nas coisas bonitinhas. Ah, não...” O poeta tinha razão na cobrança. A memória hagiográfica não nos legou exemplo algum se o todo da criação era de fato tão completo assim. Será que ele admiraria a irmã barata, daria comida a outros bichos que saem dos esgotos?

• • •

No fim da vida, os êxtases místicos e as visões se multiplicaram. Nossa sensibilidade moderna diria que ele estava senil ou com Alzheimer. Enlouquecera com a idade. Talvez lítio ou algo assim resolvesse, se fosse um desequilíbrio bipolar. Não somos mais sensíveis à ideia de um senhor que tem contato com entidades metafísicas e que conversa com seres que não estão lá.

Setecentos anos antes de Freud e ainda mais tempo distante dos tratamentos com ansiolíticos, a biografia de um santo seria incompleta sem visões e vivências diretas com o divino. Esperavam-se experiências extáticas e comunicação direta com o sagrado. Chiara Frugoni, autora de uma das melhores e mais recentes biografias de Francisco de Assis, dedica todo um capítulo ao ápice a que tais

experiências chegaram: os estigmas.

Era dia da Exaltação da Santa Cruz, 14 de setembro de 1224. O santo, já idoso, era quase um local de peregrinação: gente de todos os cantos vinha tocá-lo, ouvi-lo e buscar milagres. Francisco atingira o estatuto de santo ainda em vida. Naquele dia, recolhido, ele meditava, buscava o conforto do silêncio e da solidão.

Viu, então, uma cruz. Nela, uma espécie de serafim de seis asas estava pregado. A visão o encheu de alegria e júbilo, mas, paradoxalmente, sentia a dor da crucificação e isso o entristecia. Sentia de forma literal, pois, enquanto contemplava aquela imagem, as chagas que Cristo recebeu no seu calvário começaram a se abrir no seu corpo. Era o primeiro cristão a receber os estigmas, as feridas de Cristo. Santa Rita de Cássia e Santa Catarina de Siena também se tornariam estigmatizadas famosas. O termo deriva de uma linha no fim da carta de Paulo aos Gálatas, na qual ele diz que carregava no corpo as marcas de Jesus (6,17). Marca, em grego, é *stigma*.

Francisco sofreu muito com tais feridas. Escondia-as em seu manto com faixas e bandagens. Tinha júbilo de ter sido escolhido para recebê-las, mas não se enviaidava. Velho e ferido, teve que abrir mãos de alguns de seus preceitos. Passou a viajar em lombo de mula, luxo proibido aos franciscanos, que nem sequer podiam levar cajado em suas andanças.

Quando morreu, em 1226, um irmão que velava seu corpo deu notícia de seus estigmas. Seu corpo foi alvo de escrutínio e toda a cidade prestou-lhe as últimas homenagens já tendo ciência do prodígio. Céticos como somos, ficamos imaginando o irmão Elias furando o corpo inerte do *poveretto*. Mas a fé não precisa dessa dúvida diante da certeza do homem que fora (perdão pelo trocadilho espírita) quase uma reencarnação de Jesus. O verbo se fez carne uma segunda vez?

Frugoni retraça o temor da Igreja depois da morte de Francisco. Receava-se a expansão da ordem franciscana. Se os ideais de pobreza e desapego não fossem

suficientemente controlados, o que seria da instituição mais rica da Idade Média? Como vimos, foi inevitável. O cristocentrismo ganhava adeptos e só aumentaria até a modernidade. Foi depois do Concílio de Trento (1545-1563) que começou a perder terreno, muito lentamente. No caso de Francisco, sua proximidade radical com a figura do Cristo, da ideia do amor Ágape, chegava ao extremo das chagas, materializadas em seu corpo.

Tomás de Celano é discreto quanto a esse aspecto. Mas outro biógrafo de Francisco, São Boaventura, seu companheiro de hábito e santidade, escreveu uma obra bem mais fantástica, com evidente intenção de engrandecer o mestre de Assis e fabricar o tecido que compõe a trama complexa da vida de um santo: milagres, êxtases e passagens moralmente indefectíveis. Quando Giotto (fig. 9) e Cimabue ilustraram a vida de Francisco na Basílica de Assis poucas décadas depois de sua morte, seguiram Boaventura e não Celano. Passagens miraculosas e estigmas evidentes fornecem, sem sombra de dúvida, material mais fértil e elementos cênicos mais atrativos à iconografia.

• • •

A narrativa até aqui mostra percalços na vida do santo. Eles são necessários para a santidade. As religiões judaico-cristãs dizem que vidas fáceis, em meio a muito conforto, afastam de Deus e da salvação. Sofrimentos e privações elevam a alma e salvam. Deus ama o povo que escolheu justamente porque ele suporta o sofrimento salvífico. Eduardo Hoornaert, em seu livro sobre as origens do cristianismo, estuda o conteúdo da segunda epístola de Paulo aos Coríntios (11, 25-38). Nela, o apóstolo fundador do *ethos* cristão explica longamente que se transformar para a salvação significa, concretamente, deslocar-se, sofrer, privar-se, lutar incessantemente, preocupar-se. Em outras palavras, mortificar o corpo e testar a resiliência da alma são os caminhos para mostrar a fé.

Francisco teve protetores, como o bispo de Assis e Jacopa de Settesoli, uma fiel amiga, nobre e rica moradora de Roma, que custeou e proveu o necessário ao

sustento do frade até sua morte. Mas também teve sua cota de obstáculos no caminho da constituição da ordem franciscana. Tivesse sido muito fácil...

Quando abandonou a casa dos pais, passou a ajudar, como pedreiro, na reconstrução de igrejas em volta de Assis. A reforma da Porciúncula, sua favorita segundo São Boaventura, data dessa época. Nela, teria descoberto Mateus 10, no qual Jesus diz aos apóstolos o que devem fazer (pregar a boa-nova, curar, ressuscitar, derramar a paz) e como o fazer: sem cobrar, vivendo sem posses, apenas com a roupa do corpo, pois “de graça recebestes, de graça dai”. Era 1208 ou 1209, jamais saberemos ao certo. Começava a vida de Francisco como pregador, missionário não sancionado por nenhuma igreja. Isso poderia ser um perigo. A chance de heresia, ou seja, de uma interpretação distante da canônica, autorizada pela santa Sé, era imensa. Conquistou seus primeiros adeptos. Ricos venderam tudo e doaram o dinheiro aos pobres. Em nossos dias, esse evangelismo radical lhe valeria, no mínimo, a alcunha de esquerdista. Nada mais próximo dos ensinamentos do Cristo.

Já cercado de alguns discípulos, escreveu uma regra para quem quisesse segui-lo. Esse texto original se perdeu. Sabemos dele por relatos indiretos e por algo de seu conteúdo que deve ter ficado plasmado na regra *non bulata* (O que é isso? Já explicaremos!). A regra primitiva preconizava a pobreza extrema, a imitação de Cristo e de seus discípulos. Levou-a ao papa Inocêncio III.

Não se trata de um sumo pontífice qualquer. Inocêncio é considerado um dos homens mais poderosos a se sentar no trono de Roma. Lottario di Segni vinha de poderosa família italiana, os Conti, e assumiu a função com apenas 37 anos. Presidiu o IV Concílio de Latrão, que estabelecia a primazia papal sobre a de todos os demais bispos; convocou duas Cruzadas e esmagou a heresia dos cátaros no Languedoc, contribuindo para o fortalecimento da dinastia dos Capetos na França; e, como vimos, viveu em pé de guerra com o Sacro Imperador.

Há duas versões para como Inocêncio III recebeu Francisco. Uma mostra o papa indignado com aquele pobre homem sujo querendo uma audiência. Teria

mandado que fosse pregar aos porcos. O seráfico, confirmando sua obediência ao bispo de Roma, entrou num chiqueiro e conversou com os irmãos suínos. Voltou ainda mais imundo e malcheiroso. Diante da teimosia ou do exemplo, Inocêncio cedeu e o recebeu (não sem antes mandar que se lavasse). Outra versão conta algo mais milagroso, mas igualmente edificante. O Vigário de Cristo teve um sonho de que a Igreja estava em ruínas. Só não tombava de vez porque um homem baixinho e franzino a segurava. No dia seguinte, reconheceu o homem-coluna em Francisco e correu para abraçá-lo.

Talvez a história tenha se dado em algum lugar a meio caminho dessas narrativas. Dizemos isso porque Inocêncio o recebeu, autorizou sua pregação, mas não concedeu o estatuto de ordem ao seu movimento. Francisco e seus primeiros seguidores retornaram a Assis com a sensação de sucesso parcial.

O grupo crescia e terras beneditinas, bem como a Porciúncula, lhes foram doadas para que tivessem um centro. Em 1212, a primeira mulher se junta a eles, Clara d'Offreducci, fundadora do ramo feminino dos irmãos Menores, as Clarissas. Francisco sempre teve bom relacionamento com Clara e, pessoalmente, cortou seu cabelo. As irmãs de sangue daquela jovem de origem nobre também se tornariam clarissas, assim como sua mãe, quando enviuvou. Hoje é padroeira da TV (diz-se que, idosa e entevada, assistiu a uma missa a distância, sem sair de seu leito, como se ela fosse projetada na parede) e os aviadores pedem a ela que clareie os céus em dias de tempestade.

O grupo crescia, mas carecia de disciplina. Não havia hierarquia, e a liberdade de pensamento (a regra primitiva permitia que se desafiasse qualquer autoridade em caso de empecilho de consciência) gerava choques constantes. Sempre peregrinando, Francisco foi um líder omissos e distante. Rapidamente, com pouco mais de uma década, sua companhia carecia de direção e perigava sucumbir diante das poucas e perigosas regras. O papa interveio. Estabeleceu período probatório para os candidatos a franciscanos, indicou uma espécie de corregedor para supervisionar o grupo. Francisco, com bom senso, mais santo do que CEO, passou a administração da jovem e confusa comunidade para Pietro

Cattani e, deste, para Elias, o irmão que divulgaria as chagas, permanecendo como guia espiritual.

Era hora de aprovar uma regra, solidificar a ordem. O santo escreveu uma *Segunda regra*, entre 1221 e 1223. Era tão rígida no ascetismo e na pobreza quanto a regra primitiva, mas continha mais dispositivos regulatórios da vida dos franciscanos. Era dura, cheia de ideais. O papa não a aceitou. Não publicou uma bula, um documento papal de suma importância, que resolve questões relevantes da Igreja. A regra ficou sem bula, *non bulata* – pronto, explicamos.

Para obter a aprovação do santo padre, o texto recebeu muitos ajustes, simplificações e flexibilizações. Muita gente pôs as mãos na versão final. Alguns nem sequer eram franciscanos. Finalmente, o novo papa, Honório III, concordou com a nova e diminuta regra, a *Regra Bulata*, que está emoldurada na parede da Basílica de Assis.

O resultado prático de menos ênfase na pobreza, permitindo posses (incluindo livros, caros e raros na época), eliminando passagens do Evangelho e pondo dispositivos administrativos e jurídicos no lugar: sucesso. Entre o ideal de Francisco e a prática dos franciscanos há um hiato, mas a ordem só existe e teve tanto sucesso porque o santo cedeu. As dificuldades da vida ascética encontraram barreira intransponível. Francisco viveu esse ideal. Alguns seguidores mais próximos também. Mas ela se chocava com a corte papal e com o desejo dos próprios franciscanos. Menos de um século depois de sua morte, a ordem franciscana era tão rica quanto qualquer outra. A própria Basílica de Assis, ricamente adornada por dois gênios, é prova disso. Cada cena da vida de Francisco que ilustra o templo é antagônica ao custo que aquela arte de vanguarda teve à ordem. Artistas como aqueles custavam caro. Domesticada, a ordem franciscana passara a integrar o esquema mais tradicional dos religiosos regulares e sua estrutura conventual-monacal. Assim, os franciscanos chegariam ao século XVI como a ordem mais importante da Europa. Em 1517, cerca de 50 mil frades usavam o hábito do Santo de Assis.

Não cansamos de imaginar Francisco com cara de descontentamento diante da regra na parede em sua pomposa igreja. Estaria feliz? Achamos que não. Nosso consolo é olhar mais para o lado e, sem o dever de pobreza dele, admirar Cimabue e Giotto.

• • •

Santo mais do que católico, Francisco é popular até entre ateus e protestantes. Ecologistas radicais, no dia do santo, 4 de outubro, comemoram sua causa. Há ordens de inspiração franciscana entre os anglicanos, e até luteranos possuem ordens terceiras (ordem de leigos) que emulam os ensinamentos e a vida do irmãozinho de Assis.

No Brasil, o frei Henrique de Coimbra, bispo franciscano, acompanhava a expedição cabralina e rezou as primeiras de tantas missas que este país ouviu. Em 1º de maio de 1500, ocasião da segunda liturgia, ergueu-se a primeira cruz. Dois seráficos morreriam nas mãos dos índios em 1503 e 1505. Três décadas depois, e encontramos outra dupla de mendicantes batizando as filhas de Diogo Álvares Correia, o Caramuru. Nunca vieram em grande número, mas os textos coloniais não deixam de mencionar um ou outro irmão menor embrenhado em algum rincão da América portuguesa, buscando o martírio e ansiando a santidade de seu fundador. Foi o suficiente para migrarem de Portugal para cá a admiração e a fé no santo de Assis.

Mais recentemente, o papa jesuíta Jorge Mario Bergoglio, primeiro pontífice americano, escolheu o nome de Francisco em homenagem ao santo descalço de Assis. Era seu compromisso com um papado pela erradicação da pobreza e com a luta contra o dinheiro. Nosso conhecido Le Goff, em sua última entrevista, comparou o argentino ao seráfico. No século XIII, o uso do dinheiro tornava-se cada vez mais importante, com o renascimento comercial europeu. São Francisco, um fruto desse contexto, advogou contra os excessos da nova ordem. O papa também é uma resposta aos nossos tempos. “O Papa Francisco é o papa

de crise”, disse o medievalista.

Mais do que isso, vivemos um tempo de paradoxos. Entupimo-nos de bens de consumo e queremos mais. Ao mesmo tempo, sempre com a sensação de copo meio vazio, buscamos o oposto do materialismo numa espiritualidade não necessariamente cristã, muitas vezes em evangelhos modernos de autoajuda. Essa é a centralidade de São Francisco atualizado para o século XXI: o que queremos está neste mundo (e, para quem acredita, no próximo)? Buscamos ter ou ser? Sempre desejamos mais ou, como diz o lema franciscano, seriam suficientes “paz e bem”?

6. Le Goff, J. *Por amor às cidades*. São Paulo: Unesp, 1998, p. 51.

São João, São João: acende a fogueira do meu coração

Era maio de 1935. Carmen Miranda, em seu segundo disco pela Odeon, cantou “Sonho de Papel”, de Alberto Ribeiro. A gravação estouraria em junho, quando foi lançada. Pelo título da canção, pouca gente reconhece o santo e sua festa. Mas quando alguém cantarola “O balão vai subindo, vai caindo a garoa...”, o refrão pipoca imediatamente na cabeça: “São João, São João, acende a fogueira do meu coração.”

A festa é antiga, adquiriu cores próprias Brasil afora, inegavelmente popular em todos os cantos. Balão (proibido!), bandeirinhas, fogueira, comida hipercalórica: as festas juninas são aguardadas no calendário escolar com suas quadrilhas ensaiadas (essa formação de quadrilha pode!), são esteio econômico de algumas cidades nordestinas, espalham-se pelo sudeste e embalam noites frias em Goiás.

Resta-nos a pergunta: o que o homem que batizou Jesus e teve a cabeça servida numa bandeja veio fazer aquecendo corações de pessoas que tomam quentão e comem canjica ao som de sanfonas deste lado do Atlântico?

• • •

São João Batista é um santo histórico. Isso quer dizer que realmente existiu um homem chamado João que batizava pessoas no Rio Jordão e foi contemporâneo de Cristo. Segundo duas fontes razoavelmente distintas, a Bíblia e o texto do

historiador judeu Flávio Josefo, isso ocorreu. Em outras palavras, é muito plausível que tenha havido, na antiga Judeia, um pregador itinerante com o nome de Yochanan, conhecido pela alcunha de Batista por inventar o sacramento do batismo. Tudo mais que se sabe sobre uma das figuras-chave do cristianismo é sólido como a bruma.

Os relatos mais ou menos contemporâneos sobre o nascimento do profeta João são raros. Numa pequena passagem do Evangelho de Lucas, logo no Capítulo 1, ficamos sabendo que João foi anunciado a seu pai, no templo, pelo mesmo anjo Gabriel que anunciaria a Maria que ela seria a mãe de Jesus. O homem que recebeu a visita do arcanjo chamava-se Zacarias, um profeta. Sua esposa, Isabel, não tinha filhos e não podia mais tê-los, pois já havia passado da etapa fértil de sua vida. Zacarias recebeu a notícia com descrença e emudeceu depois dela. Sua língua travara. Um pregador sem palavras.

Isabel, miraculosamente, engravidou. Ela sabia que carregava João no ventre. Quando a criança nasceu, todos queriam que ela carregasse o nome do pai ou o de um parente, como era praxe. A mãe insistiu: ele se chamaria João. Questionado, o pai, mudo, escreveu numa placa: “Seu nome é João”. João significa “Deus é propício” e, ao reconhecer essa bênção no filho, Zacarias voltou a falar e profetizou o futuro de seu menino.

Um semestre mais tarde e Gabriel apareceu para Maria, revelando que ela conceberia um filho por meio do Espírito Santo. Ainda segundo Lucas, a mãe de Jesus era parente de Isabel, uma prima, talvez. Maria realizou uma epopeia: viajou mais de 100 quilômetros de Nazaré, onde vivia, até as montanhas de Judá. Sem meios de transporte modernos, era uma aventura.

Ao chegar, foi saudada pela prima grávida: “Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1:45). O bebê também parece ter cumprimentado o feto na barriga de Maria: João chutou o ventre de Isabel.

Aí está tudo que sabemos sobre a infância de João. O resto é tradição apócrifa ou

da história da arte. Ele é o único santo cujas datas de nascimento e de morte são comemoradas (a norma é celebrar o martírio, apenas). Teria nascido dia 24 de junho e falecido em 29 de agosto. A primeira festa foi fixada, por lógica e tradição, a partir do mesmo Evangelho de Lucas. Se Jesus nasceu no dia 25 de dezembro (data estabelecida pela tradição, perto do solstício de inverno no hemisfério norte) e Isabel engravidou seis meses antes de Maria (informação evangélica), João só pode ter nascido no fim de junho.

O brilhante historiador holandês Johan Huizinga, morto pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial, estudou a arte e a cultura do que chamou de Outono da Idade Média, época de ascensão do individualismo, de críticas às práticas mundanas da Igreja e de um novo sentimento de família e maternidade. Não à toa, por volta do século XV, cenas da infância de João Batista começam a aparecer como temas da arte. Dessa época, por meio de uma série de retábulos e pinturas, temos a impressão de que João era um primo próximo de Jesus, outro sobre quem também temos pouquíssimas informações canônicas da infância. O nascimento de São João Batista foi pintado por Tintoretto, obra atualmente no museu Hermitage, em São Petersburgo. Já maiorzinho, lá está ele na pintura de Giampietrino (c. 1500), na qual a Virgem amamenta seu Filho, mas tem que lidar com o pequeno João na barra de sua saia. Ele atende ao casamento de Nossa Senhora em muitas imagens de dezenas de pintores.

Leonardo da Vinci subverteu e concretizou a lenda. Há duas versões da Virgem do Rochedo, a mais aterradora no Louvre (fig. 11), onde vemos a junção das mãos de Maria e Isabel prefigurando a decapitação do pequeno João, outra mais simpática, na National Gallery de Londres. Em ambas, as primas Isabel e Maria brincam com os priminhos João e Jesus. João abençoa o mais novo, oposto do que os artistas costumavam fazer. Era o prenúncio do batismo de Jesus.

Renascimento adentro, e a moda de mostrar essas reuniões familiares foi plasmando a tradição de Jesus e João como homens próximos desde o ventre. Rafael Sanzio pintou a cena inúmeras vezes: Maria cuida dos dois meninos em *Alba Madonna* (1510), *La belle jardinière* (1507, fig. 10), *Aldobrandini Madonna*

(c. 1509), *Madonna della seggiola* (1514), *Terranuova Madonna* (1505) e *Madonna della tenda* (1514). Na *Madonna dell'Impannata*, ela recebe a ajuda de Isabel (c. 1513).

Leonardo também foi precursor em mostrar João Batista jovem, já com as vestimentas e atributos que a Bíblia descreve no homem adulto. Vestido com pele de camelo, ele também apareceu em obras de Rafael, Ticiano e Guido Reni. Caravaggio, mestre do Barroco, pintou cenas de São João jovem pelo menos três vezes (além de outras duas telas de seu martírio).

Mas, para além dessa tradição do fim do medievo e início de tempos modernos, os evangelhos são omissos. Lucas nos diz que o ministério de João teria se iniciado no 15º ano do reinado de Tibério. Talvez fosse órfão de pai e mãe.

• • •

Pensemos um pouco no que significava batizar pessoas num contexto judaico do início do século I. A purificação por meio de banhos ou lavagem de partes do corpo, como mãos e pés, era requisito da Torá (cf. Lv 11:28; 14:1-9; 15:1-31; Dt 23:10, 11; Ex 30:17-21). Escavações arqueológicas na antiga Jerusalém revelaram que quase todas as casas de elite e os templos tinham sua própria piscina para rituais. Praticados mais de uma vez ao dia, a ideia era lavar o corpo, purificando-o para o contato, por meio de orações e outros ritos, com um Deus inteiramente puro. Algo muito similar ao que os muçulmanos fazem antes de suas rezas diárias.

O que João Batista fazia em seu ritual de purificação itinerante era, contudo, distinto. Estamos ainda em um tempo antes de Jesus. O Messias estava entre nós, mas ainda não havia iniciado seu ministério. Logo, aqueles que acham que São João estava convertendo pessoas ao cristianismo equivocam-se por uma razão cronológica: ainda não havia cristianismo.

A Bíblia, mais uma vez, é vaga. Não sabemos exatamente o que João queria com seus batismos, mas sabemos que ele vinha mergulhando pessoas no Rio Jordão e dizendo que elas estavam renascendo para uma nova vida. De novo, é no Evangelho de Lucas que vislumbramos de maneira um pouco mais clara a prática: São João ensinava e praticava a caridade, admoestava soldados e batizava a todos, quer gentios, judeus ou até mesmo coletores de impostos.

Seu batismo por imersão era uma reinvenção dos banhos purificadores dos judeus. Tinha um significado mais profundo e desafiador. Na lei de Moisés, a purificação tem que ser feita todas as vezes que o fiel se torna impuro. Como somos pecadores por natureza, alguns de nós teriam que passar o dia embaixo do chuveiro.

O batismo joanino, por sua vez, tinha caráter único e excepcional. Um prévio exame de consciência, o arrependimento da situação pregressa e a rejeição do modo de vida que se levava: eis os requisitos do batismo de João. Uma vez mergulhado nas águas purificadoras do rio, lá se foram todos os seus pecados e sua maneira pouco religiosa de viver a vida. Batizada, a pessoa abria-se para uma nova existência, para sempre e de maneira única. Se pecasse (e pecaria de novo, claro), bastava arrepender-se de coração e procurar corrigir seu mal. Não era necessário outro ritual de purificação.

Os sacerdotes estranhavam a prática de João e o relativo sucesso que estava obtendo. O Evangelho de João (1:25) – o evangelista João e João Batista não são a mesma pessoa, antes que alguém possa ser induzido ao erro –, o mais lacônico em relação ao Batista, mostra-nos que eles chegaram a enviar uma delegação para perguntar ao profeta: “Por que batizas?”

Sua fama crescia e seus hábitos intrigavam. Vestia-se, segundo Mateus (3:4), de forma extremamente simples. Um manto de pelo de camelo, um cinto de couro em torno de seus lombos. Sua alimentação era igualmente frugal. Alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. Há certa dubiedade na tradução de *charuv* do hebraico para o grego. A palavra pode se referir a gafanhoto, mas também à

árvore *Ceratonia siliqua*, conhecida como “árvore-do-gafanhoto” ou “pão-de-são-joão”, que produz alfarrobas. João podia alimentar-se não de insetos, mas de frutas silvestres e mel. A dieta, ainda assim, era *kosher*.

É inevitável a comparação com a figura central do profeta Elias, uma das três pessoas arrebatadas em corpo e alma para os céus, segundo a Bíblia. As outras foram Jesus e Enoque. Jesus, depois da Ressurreição, sobe aos céus em carne e osso. Elias foi levado numa carruagem de fogo, diante dos olhos estupefatos de seu discípulo, Eliseu. Enoque... bem Enoque foi levado por Deus, sem muita explicação de quem era ou do porquê. Mistérios divinos.

Elias, um dos grandes profetas veterotestamentários, tal como São João, também usava manto de pele e vivia daquilo que a natureza lhe oferecia. O manto de Elias era símbolo tão conhecido que foi cobiçado por Eliseu e se tornou o mote sobre o qual se construiu a ordem carmelita. Estaria João emulando Elias?

A Bíblia estimula o paralelo. Em seu texto, muitas vezes João foi equiparado ao profeta, dizendo que existia uma incidência do espírito de Elias nas ações de João. O Espiritismo é categórico ao afirmar que João era a reencarnação de Elias, que depois reencarnou como Allan Kardec.

Em Mateus, é o próprio Jesus quem afirma que João era “o Elias que deve de vir” (11:14). Mas, no Evangelho de João, o santo contradiz o Messias e afirma diretamente que não era Elias. Por via das dúvidas, Jesus encontrou-se com Elias e Moisés no momento de sua transfiguração. Mas qual a importância de comparar o Batista ao velho profeta do manto?

Façamos um mergulho ainda mais profundo na teologia e na exegese das escrituras em busca de uma resposta possível. Entendamos que, quando o Novo Testamento estava sendo escrito, havia necessidade de fazê-lo confirmar a Tanach (o velho testamento cristão). Jesus tinha que ser o Messias anunciado, e os sinais de sua vinda tantas vezes acalentada por profetas tinham que encontrar eco em sua vida. A isso damos o nome de leitura tipológica ou prefigurativa.

Na tipologia, o Velho Testamento é lido de forma muito distinta do rito judaico clássico, no qual as escrituras sagradas precisam de interpretação e atualização em relação ao Talmude, mas se bastam. O sagrado está no texto ou em função de outro texto que apenas o confirma sem trazer grandes novidades. Para os cristãos, contudo, a parte antiga da Bíblia, anterior ao nascimento e ministério de Jesus, passa a existir como uma sombra, uma figura, um tipo para o Novo Testamento. O Evangelho é o sagrado em si, uma realidade ou imagem exata, apenas confirmável no Velho Testamento. A chave de leitura de toda a Bíblia é Cristo. Um exemplo claro disso está em 1 Pedro 3:20-21, trecho no qual o apóstolo maior nos explica que o dilúvio de Noé (Gênesis 6-7) foi uma prefiguração, um tipo, uma sombra do batismo cristão. Em outras palavras, “tipo”, nas Escrituras, é uma pessoa, evento ou situação do Antigo Testamento que prenuncia, prefigura, uma pessoa, evento ou situação no Novo Testamento (que, por sua vez, confirma as escrituras antigas, dando coerência ao texto).

Por essa razão, pela própria forma através da qual Novo e Velho Testamentos se entrelaçam, João confirma profecias antigas. O Evangelho de Marcos, por exemplo, numa leitura tipológica, mostra o santo como confirmação de uma confluência de profecias que estão em frases do livro de Isaías, em Malaquias e no Êxodo. João seria o mensageiro que vai à frente do Messias, uma voz que clama no deserto. Ele não seria a luz em si, mas testemunha da luz que viria.

• • •

Voltemos à questão central do batismo e analisemos o de Jesus. Já vimos que a própria cerimônia de redenção dos pecados era, em si, uma inovação no judaísmo. A abertura dela a gentios era outra novidade polêmica.

João arrebanhara algumas dezenas de discípulos, talvez trinta. Estava em seu auge. Jesus mal começara seu caminho como Redentor. O livro Atos dos Apóstolos narra que Jesus só começou suas pregações depois de seu batismo.

Os primos eram jovens de cerca de 30 anos. Se acreditarmos na tradição, cresceram juntos e se conheciam, mas é possível que não se encontrassem havia muito tempo. Agora a pergunta: por que o Filho de Deus, o Verbo que se fez carne, um ser sem pecados, procurou o batismo de João, cuja função era redimir o pecado, era ser um batismo de arrependimento (Mt 3:11)?

João parece reconhecer Jesus de imediato. Sua surpresa em vê-lo ali, pedindo o batismo, leva o próprio santo a perguntar o mesmo que nós: “Eu é que tenho necessidade ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (Mt 3:14). Jesus explica-nos com uma leitura tipológica: “Assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3:15). Como assim?

Cristo estava prestes a começar seu ministério, cumprir sua missão como o Ungido. João era a “voz que clama no deserto”, a voz que anteciparia a vinda do Messias, conclamando os pecadores a se redimirem (Isaías 40:3). Jesus dava, pois, crédito a João, e, este, por sua vez, confirmava publicamente quem era Jesus.

Tão logo emergiu das águas do Jordão, os céus teriam se aberto, e o Espírito Santo, na forma de uma pomba, desceu sobre Jesus, eternizando a ave como símbolo dessa faceta divina. Hoje em dia, diante da cena comum de ver espetos nas fachadas de igrejas, postos ali para evitar que pombas pousem, façam ninhos e danifiquem altares, nichos e estátuas, é possível refletir: coitado do Espírito Santo, se precisasse pousar por aqui.

Quando Jesus foi batizado, uma voz celestial reconheceu o ato: “Tu és o meu Filho amado” (Mc 1:11). Eis o cordeiro de Deus pronto para o sacrifício: “Ecce Agnus Dei”, mote que a arte sacra consagraria junto às imagens de São João. A trindade se reunia: o Pai falava, o Filho estava pronto para sua missão, o Espírito abençoava a cena em formato pombalino.

Jesus manterá o batismo como porta de entrada para a nova religião que nascia. Ordenou que os discípulos se batizassem. As igrejas cristãs continuam

cumprindo o mandamento. Mas há diferenças entre o batismo de João e o de Jesus?

Há. E muita. Mateus torna aguda a diferença entre João e Jesus. O primeiro, segundo o evangelista, teria dito aos fariseus e saduceus a sua frente, símbolos de impostores e farsantes da fé: “Eu vos batizo com água, para arrependimento, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. De fato, eu não sou digno nem ao menos de tirar-lhe as sandálias. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3:11).

Jesus não tinha pecados, mas viera pelos pecadores. O pecado é central no cristianismo. Se não pecássemos, não precisaríamos de Cristo. No entanto, são esses mesmos pecados que o levaram à cruz. Causa e consequência, origem e destino do Messias, o pecador pode escolher uma vida melhor se escolher o batismo de João. Caso não faça, o próprio santo deixou claro que a saída seria o fogo, símbolo de purificação e de holocausto. A Bíblia fala do Juízo Final, quando os puros serão separados dos ímpios. Os primeiros, simbolizados pelo trigo, serão recolhidos no celeiro, no paraíso. Os outros, a palha, queimarão “em fogo inextinguível” (Mt 3:12).

João batizava antes de Jesus, ainda num mundo pré-cristão. Quem emergia das águas estava limpo de pecados, da sua vida pregressa. Além disso, ele era o único a fazê-lo. Sem João, sem batismo.

Jesus, por sua vez, reinventa e sacramenta o rito. Quem emerge das águas (ou as tem aspergida na frente) sai renovado, como em João, mas também renasce como cristão. Renascer em Cristo é mais do que não ter pecados. É garantir o único caminho da salvação, pois ele seria o caminho, a verdade e a luz. É evitar virar palha, escolhendo ser trigo. Além do mais, Jesus terceiriza a atribuição do batismo aos seus seguidores, e estes a quem viesse depois. O efeito multiplicador é exponencial. Como afirmou o controverso e famoso estudioso do chamado “Jesus histórico”, John Dominic Crossan: “João teve um monopólio, mas Jesus teve uma franchise.”^[7]

• • •

Depois do episódio do batismo de Jesus, os evangelhos param de acompanhar João. Ele cumprira seu papel narrativo, confirmando, como um novo Elias, as profecias e batizara o Messias. Quando voltamos a ter notícias dele, João está encarcerado.

O rei Herodes Antipas mandou aprisioná-lo e o manteve no cárcere por dez meses. É provável que o monarca temesse que uma revolução pudesse eclodir entre as fileiras que o Batista reunia. Naquela época, muitos pequenos grupos de revoltosos buscavam romper com o domínio romano e com as lideranças coniventes com a presença estrangeira.

O que se narra a seguir é estarrecedor. Herodes se embebeda numa festa, e sua enteada dança para ele. Embevecido diante do espetáculo, promete aquilo que a dançarina quisesse como prêmio de seu deleite. Havia um limite: até metade de seu reino. A menina pergunta a sua mãe o que deveria pedir. A resposta materna: a cabeça de João Batista.

Talvez a mãe estivesse querendo se vingar. As escrituras dão a entender que João fora contra o casamento de Herodes. Ele estaria contraindo núpcias com sua cunhada, ex-mulher de seu irmão, Filipe. O Velho Testamento proíbe expressamente que isso ocorra, e o santo teria feito pregações contra o novo casal. Retaliação, vingança: uma cabeça santa numa bandeja de prata.

Os evangelhos são contraditórios. Para Marcos, o rei teve conflito de consciência. Ele admirava João e o ouvia na prisão. Mateus mostra o rei desejando a morte do profeta. Há outros problemas factuais nessa história. Flávio Josefo, historiador que viveu no século I, diz que a filha de Herodia se chamava Salomé, mas não a apresenta fazendo a dança dos sete véus para o padrasto. A morte do santo é ligada diretamente ao receio de que ele fosse um líder revolucionário. Mas quem lê a Bíblia atrás de história, tão somente?

O que fica claro no martírio de João é como ele é um protótipo, uma prefiguração de Jesus: foi preso e morto por ser santo, como ocorreria com o Cristo pouco depois. O livro de Atos dos Apóstolos (18:24-19:6) nos mostra como alguns dos discípulos de João passam a seguir Jesus depois da decapitação.

Além disso, o episódio reforça o estigma de Eva sobre boa parte das mulheres. É a frivolidade feminina, mais uma vez, que leva à morte de João, como ocorrera no episódio da Queda, em Gênesis. Na Bíblia, de duas, uma: ou as mulheres prefiguram Maria e são castas, boas mães (ainda que Jesus seja, em si, meio antifamília: basta ler Mt 10, 34-36, que citamos no capítulo de Santa Bárbara) e virtuosas; ou são o protótipo de Eva: maldosas, satânicas, cheias de perfídia e malícia, luxuriantes. Alguma leitura sobre misoginia e debates sobre gênero não faria mal aos evangelistas. Mas Soror Juana Inés de la Cruz, as sufragistas, e Simone de Beauvoir, entre tantas mais, tardariam outros muitos séculos a mostrar as tolices do narrador masculino.

• • •

O que ocorreu com as duas partes dos restos mortais de João? Marcos, de passagem, diz que seus discípulos enterraram seu corpo numa tumba (Mc 6:17-29). Mas onde? A tradição localiza o túmulo na Mesquita de Nabi Yahya em Sebastia, minúscula vila na atual Cisjordânia. João é o Nabi (profeta) Yaḥyā ibn Zakarīyā (João, filho de Zacarias), a quem os muçulmanos rendem cultos por ter presenciado a Palavra de Alá e previsto a vinda do profeta Jesus. Para conhecer a versão islâmica, recomendamos ler a bonita Surata 19 sobre Maria.

Também se acredita que a tumba foi violada e os ossos do santo foram parcialmente queimados no século IV. Parte dos restos teriam sido, então, levados para Jerusalém e, de lá, para Alexandria.

O paradeiro da cabeça decapitada é outro mistério. Versões mostram-na sendo enterrada na Fortaleza de Maquero, local da prisão do santo, ou no palácio de

Herodes, em Jerusalém. Atualmente, inúmeros locais dizem guardar a relíquia. Há uma cabeça em Roma, na Igreja de San Silvestro in Capite; há outra na Catedral de Amiens, na França; uma terceira em Munique. O papa João Paulo II visitou uma tumba de João Batista na Síria, em abril de 2001. Se todas forem reais, João era a Hidra de Lerna.

• • •

A festa de São João é medieval e sempre esteve vinculada à celebração dos chamados Santos Populares (juntamente com Santo Antônio e São Pedro). Em Portugal, marcam o início das festas católicas. A popularidade dos festejos, no entanto, não se restringe à Terrinha. Por todos os lados da Europa, imensas fogueiras juninas são acesas. A data coincide com a antiquíssima e paganíssima tradição de celebrar o solstício de verão, canibalizada pela Igreja católica ao longo da Idade Média.

Muitos teólogos dos primeiros séculos alertavam para essas mestiçagens entre as escrituras e o paganismo. Árvores de natal, coelhos de páscoa e fogueiras nos solstícios são hábitos pouco bíblicos, mas eram muito populares na Europa pré-cristã, na qual rituais de fertilidade e abundância faziam muito mais sentido do que histórias do distante deserto palestino do século I.

Por volta do século VI, a política de conversão dos pagãos na Europa passou a não mais tentar a todo custo extirpar o paganismo e suas práticas, mas fazer o cristianismo brotar nelas, ou seja, se as pessoas faziam fogueiras, por que não as incorporar ao culto de um santo? Se os camponeses visitavam um determinado lugar para fazer oferendas, por que não fazer ali uma igreja e um local de peregrinação às relíquias de outro santo? Os santos ajudaram pagãos animistas e politeístas a aceitar um culto monoteísta.

Não à toa, a fogueira de São João embarcou com os portugueses para este lado do mundo. Sanfona e triângulo vieram junto e se reinventaram por aqui. Da

longínqua Ásia, visitada e saqueada pelos lusos, veio nas mesmas caravelas e galeões o hábito de criar enfeites de papel, balões de ar quente e fogos de artifício.

A sociologia mapeou extensamente como nossa quadrilha junina deriva das danças da corte francesa, que também embarcaram em naus para cá, depois de terem influenciado nossos patrícios. *Anarriê*, *anavantu* e *balancê* são termos que remontam a bailes em Versalhes.

Mestiço como tudo no cristianismo, o nosso São João tem capelinha de melão, um folguedo com enfeites de fita nas dançarinas; tem canjica, feita do milho americano, do leite e dos ovos europeus, e de toneladas de açúcar, cuja origem remonta à Ásia. Tem casamento na roça e tem fogueira. Nenhum batismo nem martírio, mas festa. Na bandeja, por aqui, não vemos cabeça, mas paçoquinha. Viva São João!

7. Crossan, John Dominic. *God and Empire: Jesus Against Rome, Then and Now*. HarperOne, 2007, p. 117.

Meu Glorioso Santo Antônio

Treze de junho abre o ciclo das festas juninas no Brasil. É o dia de Santo Antônio. O poderoso franciscano é casamenteiro e é a ele que pessoas ansiosas pelo altar devem recorrer. A ocasião é precedida por treze dias de orações e de pedidos ao português milagroso: a trezena de Santo Antônio.

Surge aqui um elemento ainda mais mágico do que o usual para santos. O doce santo atende pedidos, mas, como todo ser criado, pode ser pressionado um pouco mais. Ele, em geral, é representado com o menino Jesus ao colo. Assim, há imagens de “Santo Antônio tira menino” com a possibilidade de desacoplar o infante sagrado do colo do casamenteiro. É uma pressão tremenda, quase uma abdução sagrada: sequestro seu objeto de desejo até que você me obtenha a graça desejada.

É estranho a um mundo mais racional a prática de punir alguém que busca o meu bem. Há outros usos bizarros no mesmo campo. Pode-se afogar o santo na água ou colocá-lo de ponta-cabeça. Todo tipo de tortura física e psicológica é incluído no esforço de produzir o resultado que eu desejo. Puro paganismo reincorporado ao Catolicismo? Magia ligando objetos a ideias? Práticas camponesas antigas que funcionam num universo de causa e efeito mais imediato do que a especulação teológica? Sim, mas é mais.

Quando eu consigo imaginar a punição a um santo, incorporo o sagrado como cotidiano, afetivo, próximo e quase em pé de igualdade. Sim, Antônio é santo e poderoso para trazer casamentos ou recuperar objetos, mas está junto a mim e

funciona dentro do meu código. Como a ameaça de surra detinha o desejo infantil de outrora, a punição do santo funciona como objeto coercitivo direto.

Antônio é português de nascimento e italiano pela morte e enterro. Lisboa e Pádua guardam sua glória. Desde muito cedo tornou-se conhecido como milagreiro. Sua santidade foi oficialmente reconhecida antes de um ano completo da sua morte, prazo excepcionalmente curto, só perdendo em rapidez para São Pedro de Verona.

No mundo luso-brasileiro, tornou-se presente em novenas, quermesses, igrejas, oratórios privados e na bênção de pães no seu dia. O pequeno pão abençoado por um frade da sua ordem deve ser levado para casa e guardado no pote do arroz, por exemplo. Assim, a fartura durará o ano todo. A magia antonina não cessa.

Tudo seria mais fácil de explicar se Antônio de Lisboa/Pádua fosse um quase mítico representante da santidade antiga ou da Alta Idade Média. Caso tivesse enfrentado dragões, andado com sua cabeça na mão ou sido descrito numa crônica obscura de outro abade desconhecido, sua magia estaria mais à vontade. Não é o caso. Ele é um homem do século XIII, seu corpo está preservado e, dado seu imenso saber bíblico e teológico, é um doutor da igreja. Antônio mágico é intelectual de primeira grandeza.

Parece uma contradição. Outro doutor, Tomás de Aquino, desperta menos popularidade e raramente favorece casamentos. Mesmo assim, como nada é tão linear, quando Tomás morreu, seu corpo foi colocado em conserva para que se preservassem suas relíquias. Repousa, desde 1369, em Toulouse, região que era muito “atacada” pelas heresias. Colocar um doutor naquele lugar era um esforço mágico de deter o pensamento heterodoxo. A magia convive e preexiste com tudo.

Antônio não é exceção. De alguma forma muito especial, o franciscano é a perfeita intersecção entre o saber teológico e a prática popular. Um signo aberto,

uma luz entre dois mundos. É tanto uma entidade palatável para quem procura algo de forma mágica como um caminho para quem procura algo por meio da reflexão filosófica ou racional. Antônio é o melhor de dois mundos no único mundo que importava para ele: o divino. Quem afinal é este lisboeta cuja língua preservada ainda atrai pessoas a Pádua?

• • •

A casa em que Antônio teria nascido é próxima à Sé, em Lisboa. No local em que se supõe o nascimento construiu-se uma igreja, que, no violento terremoto de 1755, foi destruída como quase tudo no centro da capital portuguesa. Mas um santo forte o é desde o berço, segundo a tradição: a imagem de Antônio e a cripta, que teria sido o quarto do santo, permaneceram quase intactas. Na atual basílica, construída sobre as ruínas da antiga igreja, há uma passagem para o diminuto aposento. Milhares de curiosos e peregrinos afluem para lá todos os anos para ver o local no qual nasceu Fernando, seu nome antes da vida religiosa. A data exata é alvo de debates, oscilando entre 1188 e 1195. Os homens da Idade Média não registravam aniversários de pessoas comuns e havia, como disse um medievalista, uma solene indiferença com números. Batizado, o futuro Antônio deveria comemorar o dia do seu onomástico, ou seja, o dia de São Fernando. O aniversário pessoal nem era guardado pelas pessoas, mas sim o dia da comemoração do santo do seu nome.

Tocado pela ideia religiosa como tantos do seu mundo, o jovem Fernando foi estudar com os agostinianos da capital portuguesa. Demonstrou grande talento para a leitura e a escrita, mas ficava incomodado com as frequentes visitas da família e de amigos. Esta passagem é estranha em sua biografia. Seus biógrafos o retratam como dono de temperamento afável e receptivo. Como poderia recusar visitas? Talvez o jovem fosse apenas tímido ou um estudante aplicado e disciplinado, com horror a interrupções. Podemos apenas especular. O fato é que Antônio pediu para ser deslocado para Coimbra, mais afastada e um grande centro de saber.

A ordem agostiniana era sólida e antiga. Foi um ambiente excelente para o crescimento intelectual do jovem. Porém, a chegada de um novo grupo de frades mendicantes, os franciscanos, tocou o espírito de Antônio. Havia entusiasmo e pobreza, uma alegria emotiva e um desejo de martírio nos novos religiosos que vinham ao encontro da psique do lisboeta. Antônio decidiu tornar-se frade menor quando o fundador da ordem, Francisco de Assis, ainda era vivo. O grupo inspirador rumava para o norte da África, onde dizia que converteria mouros e levaria consolo e salvação. Como vimos no capítulo sobre São Francisco, encontraram o martírio nessa viagem. Seus restos mortais passaram por Portugal no périplo de volta a casa. Coimbra recebeu os despojos com pesar. O jovem Fernando acreditou ter ouvido seu chamado: tornou-se, ele mesmo, um franciscano. Foi encaminhado pela ordem a um eremitério nos Olivais, sob o orago de Santo Antão do Deserto, monge egípcio dos séculos III e IV, que doou seus bens aos pobres e foi viver no deserto. O nome Antão em latim é *Antonius*, e foi assim que Fernando escolheu ser conhecido daquele momento em diante.

Antônio queria o martírio entre infiéis e se dirigiu ao Marrocos. Adoeceu ao chegar e foi convencido a voltar, frustrado. Uma tempestade acabou deslocando seu roteiro de retorno para a Sicília. Uma velha piada medieval, que teria outro sentido hoje, falava que, ao desembarcar na Sicília, supunha estar em terras mouras, pois achava as pessoas muito morenas e não entendia a língua delas.

Ficou na ilha até a primavera de 1221, quando rumou para Assis, a fim de participar do capítulo geral da ordem franciscana – capítulo é como se denomina uma assembleia de membros da Igreja Católica com o fim de discutir um assunto ou resolver um dilema. Esta reunião da ordem dos irmãos menores foi a última em que Francisco atuaria como geral. O encontro dos dois santos deve ter sido curioso. Antônio tinha formação intelectual sofisticada. Francisco era um irmão leigo, um frade que, talvez, não dominasse bem as letras. Ambos eram entusiasmados pela ideia de seguir Jesus até as últimas consequências. Se a vontade de Francisco tivesse prevalecido, o franciscanismo estaria um pouco mais afastado de bibliotecas e disputas teológicas. O cristianismo franciscano original era de entrega, pregação e pobreza, e mais próximo do que seria

chamado de “reação leiga do século XIII”. Diferentemente de beneditinos ou agostinianos, o carisma franciscano era inclinado a tarefas manuais, pregação direta, esmolas e vivência prática do Sermão da Montanha. É possível que a presença de um intelectual como Antônio nos primeiros anos da ordem tenha colaborado para somar a esse carisma a ideia da boa e sólida formação. Nos séculos seguintes explodiu o número de intelectuais com o hábito seráfico, provando que a corrente de Antônio tinha encontrado um leito propício. O próprio Francisco rendeu-se à solidez teológica e a seu carismático dom de falar em público: encarregou o português de formar os jovens franciscanos. Tornou-se o primeiro leitor da Teologia da Ordem.

Foi pregando que Antônio ficou conhecido. O modelo era próximo daquilo que, no futuro, outro ramo franciscano tornaria notável no Brasil: as missões capuchinhas. Um frade entusiasmado, com práticas litúrgicas fortes e fogo nos gestos, falava de Deus, do inferno, dos pecados, do amor de Jesus, do culto a Nossa Senhora. No interior do Nordeste, por exemplo, personagens como frei Damião pertenciam a essa linha: a da pregação popular.

As narrativas não enfatizam um Antônio retórico ou de teatralidade flamejante no púlpito, mas com doçura nas palavras, conhecimento bíblico e reforço pelo exemplo. Antônio arrastava multidões cada vez maiores para ouvirem as suas falas sobre os valores cristãos.

Santo Antônio repetia, nos sermões, parte do milagre da sua fama: agradava doutores e pessoas simples. Temos vários exemplos preservados do que ele falava, mas, naturalmente, não eram transcrições de fato. O século XIII usava menos suporte de escrita do que nós. Pergaminhos eram muito caros e os livros manuscritos, escassos. Os sermões de Antônio preservados devem ser entendidos como uma espécie de manual, agrupados posteriormente, com objetivo de auxiliar na formação de novos pregadores. O carisma de Antônio não está nestes textos. Ao menos não o carisma que se atribui a sua fala. Os textos são mais técnicos e eruditos, com menos poesia do que se atribui por tradição ao santo.

Existe outro grande Antônio português, quatro séculos posterior ao de Pádua: Vieira. Os sermões de Vieira também buscam um aprofundamento da fé, porém foram revisados pelo próprio jesuíta a partir de um critério literário. Vieira era religioso da modernidade e mirava numa posteridade da fama literária. Antônio era um homem da Idade Média e almejava converter e aperfeiçoar as almas dos ouvintes. Entre os dois Antônio surgiram coisas novas como a imprensa e a ideia de autoria. Seria lícito supor que o Antônio de Lisboa era mais no púlpito do que seus sermões escritos traduzem. Não seria equivocado afirmar que Antônio Vieira era mais nos textos publicados do que pregando nas igrejas coloniais e europeias.

Antônio falava bem, muito bem. É interessante notar como sua língua – o órgão mesmo, não o idioma – foi preservada. Alain de Botton, ao comentar este fato em *Religião para ateus*, pergunta qual professor universitário terá sua fala tão amada a ponto de seus alunos pedirem para preservar sua língua? Como já dissemos, a ordem franciscana primitiva não encorajava a formação intelectual, mas isso foi contornado com a sanção da *Regra* pelo papa Honório III, em 1223. O texto dizia que, desde que em segundo plano ao trabalho manual, à oração e à vida espiritual, era possível acumular erudição e viver cercado de livros. Além disso, como vimos, o próprio Francisco curvou-se à eloquência e à capacidade intelectual de Antônio. Com autorização do Seráfico, fixou-se em Bolonha e foi professor de Teologia na universidade. De lá, para outras duas famosas cidades universitárias, Toulouse e Montpellier, desta feita como pregador itinerante.

Em 1226, logo após a morte do fundador da ordem, representou os franciscanos em audiência sobre a *Regra* com o papa Gregório IX, que, segundo a tradição, também teria ficado impressionado com sua eloquência, dando-lhe a alcunha de “Arca do Testamento”.

No ano seguinte, tornou-se ministro provincial da Romanha. Pregou intensamente pela região de Pádua, reunindo, segundo as lendas sobre sua vida, dezenas de milhares de fiéis. Sentindo as suas forças diminuírem, foi dispensado das funções de provincial, mas continuou a vida de poderosos

sermões e de retiros espirituais no mosteiro que havia fundado em Pádua.

• • •

As circunstâncias da morte de Antônio são pouco claras. As hagiografias variam muito. Onde todas coincidem é que ele se sentiu mal algum tempo depois da Páscoa de 1231, quando estava fora de Pádua. Desejando ser levado de volta a sua cidade de residência, pereceu no meio do caminho. A fonte mais usada para estudar o santo, escrita por volta de 1232 por um companheiro de hábito, chama-se *Assidua*. Nela, lemos que irmãs clarissas de Arcella, subúrbio de Pádua, cuidaram do corpo. Era dia 13 de junho.

As crianças teriam espalhado a notícia da morte do santo e uma multidão conduziu seu cadáver até a sepultura, na Igreja de Nossa Senhora, na terça-feira, dia 17 do mesmo mês. Até hoje, na França, localidades de devoção do santo distribuem pão aos pobres nas terças-feiras.

Sua fama levou ao processo de canonização rápido: em menos de um ano, a 30 de maio, justamente na solenidade de Pentecostes, Gregório IX declarou Antônio santo. Para comemorar a notícia da santificação, iniciaram-se os trabalhos de construção de uma basílica em homenagem ao luso-italiano, em Pádua. Quando ficou pronta, em 1263, seus restos mortais foram para lá trasladados. Ao exumarem seu corpo, notou-se que sua língua estava incorrupta. São Boaventura, hagiógrafo-mor da ordem franciscana, escreveu que isso era a prova miraculosa do dom da pregação de Antônio.

Aqui convém pararmos um pouco e abrir um parêntese para observarmos a construção da fama de um santo. Notem que sua vida tem pouco de realmente incomum. Um intelectual, que nunca converteu um muçulmano. Não foi martirizado. Não enfrentou grandes dificuldades para preservar sua fé ou defendê-la de ataques frontais (exceção feita a suas constantes exortações contra as chamadas heresias cátaras). Logo, não era santo mártir nem confessor. Talvez

pudesse ter sido milagreiro. Mas tampouco o foi. A *Assidua* é clara em mostrar que teve uma vida com poucos ou nenhum milagre. O texto menciona um discurso no mosteiro de Forlì, quando o jovem frade, em 1221, recém-chegado, foi pego de surpresa com a incumbência de pregar para seus companheiros. De improviso, em latim, encantou a todos os presentes. Saiu do salão com a fama que nunca o abandonou, a de pregador inspirado. Milagre retórico? Se ao menos estivesse diante de multidões enfurecidas de bárbaros pagãos ou demônios possuindo dragões... Passemos ao seguinte: a conversão do herege Bononillo, em Rimini, cidade costeira da Romanha. Agora sim! Converteu alguém com alguma demonstração inequívoca de sua ligação umbilical com os céus. A cidade de Arimino (antigo nome de Rimini) era lar de cátaros, uma dissidência cristã que não acreditava, entre outras coisas, na transubstanciação, ou seja, que literalmente a hóstia se converteria no corpo de Cristo durante a consagração. Um deles, Bononillo ou Bonovillo, desafiou Antônio em público: se uma mula (ou cavalo, depende da fonte), depois de passar fome por três dias, escolhesse pôr na boca uma hóstia consagrada em vez de cevada, abandonaria sua vida pregressa e abraçaria a fé católica. Passado o prazo, diante da oferta de comida, o faminto animal ajoelhou-se diante de Antônio e aceitou a eucaristia. É de lembrar que os franciscanos têm uma visão holística da criação. Depois, leia o capítulo de Santa Bárbara e veja que nem toda a ortodoxia católica concorda com o tratamento de todas as criaturas da mesma maneira. O mais comum é a exaltação do Homem como ser acima dos demais, por acreditarem que fomos criados à imagem e semelhança de Deus.

Além desse episódio sobrenatural, a *Assidua* ainda menciona como o santo teria conseguido se libertar de um demônio que o tentava sufocar. Teria predito a própria morte também. Um currículo de milagres acima do nosso, mas não dos mais imponentes. A quase ausência de milagres em vida é também referida na *Cum dicat Dominus*, bula de canonização de Antônio.

A fama de milagreiro que o acompanha até hoje é póstuma. Os mesmos documentos que citamos até agora são pródigos em narrativas miraculosas tão logo o corpo do santo foi enterrado. Descalços como os franciscanos andavam,

venezianos, trevisanos, “pessoas de Vicenza, lombardos, eslavônios, da Aquileia, teutônicos, húngaros”: todos atrás de graças e milagres afluem para o túmulo, segundo a *Assidua*. Depois dessa primeira legenda sobre Antônio, outras muitas surgiram ao longo do medievo e explodiram em quantidade a partir do século XVI. O esqueleto básico dessas inúmeras composições é o mesmo aqui apresentado. A novidade é que, a cada hagiografia nova, um conjunto de casos maravilhosos é fantasiado por seus autores, alargando a quantidade de magia na vida do santo. Cada novo milagre – e são tantos! – trazia uma pequena multidão de devoção popular ao santo de Lisboa/Pádua.

Para conhecermos alguns desses milagres pouco prováveis, analisemos a iconografia do santo. Começemos com três afrescos que Ticiano pintou em 1511, na Scuola del Santo, em Pádua (figs. 12, 13 e 14). Em *O milagre da cura do pé amputado*, vemos o santo um momento antes de sanar a ferida autoinfligida por um jovem que havia chutado a própria mãe e se arrependera do pecado com esta medida extrema. Além de colar o membro amputado, Antônio redimira seu pecado. Na segunda imagem, o artista vêneto mostra-nos *O milagre do recém-nascido*, episódio no qual o santo teria feito um bebê falar e apontar seu verdadeiro pai, salvando a mãe de uma injusta acusação de infidelidade matrimonial. Na terceira cena, uma dupla narrativa. Em primeiro plano vemos um marido colérico matando a punhaladas sua esposa erroneamente creditada como adúltera. No segundo plano, à direita, o homem, já tendo descoberto a inocência da mulher, pede de joelhos ao santo a ressurreição dela. O santo absolve o marido e traz a esposa novamente à vida: *O milagre do marido ciumento*.

Como vemos, se gostamos de mais ação e efeitos especiais do que de vida universitária e bons sermões, a tradição é mais interessante que a vida do santo em si. Mesmo episódios mais documentados da existência de Antônio ganharam contornos miraculosos. Dois exemplos. Na audiência com o papa Gregório, muitos religiosos presentes eram estrangeiros, de diversas nações. Imbuído da graça e no melhor estilo de Pentecostes, cada um teria ouvido o sermão de Antônio em seu próprio idioma. Na já miraculosa passagem por Rimini, ficamos

sabendo que o franciscano, cansado de falhar na conversão dos ímpios, teria ido à beira-mar, refletir sobre passagens bíblicas como a de Mateus 4:19, na qual os apóstolos são vistos como “pescadores de homens”. Começou a pregar para os peixes e estes o ouviram atentamente. Quando voltou à cidade, converteu multidões. O episódio ficou tão famoso que o outro Antônio, séculos depois, escreveu o “Sermão de Santo António aos Peixes”.

Talvez um dos milagres mais famosos dos atribuídos ao santo pela tradição é seu encontro com o menino Jesus durante uma de suas orações, no fim da vida, em Camposampiero. Isso grudou na iconografia do santo, tornando-se uma das imagens mais reproduzidas de Antônio desde o século XV: um jovem imberbe (para diferenciá-lo facilmente de Francisco) com hábito franciscano segura o bebê nazareno em uma das mãos. Não raro, fazendo um malabarismo de deixar os pais mais zelosos com frio na barriga, pois a criança está sentada em cima de um livro (símbolo da erudição e apego às Escrituras) nas mãos do santo. Na outra mão, normalmente, um lírio: castidade e pureza. Não tentem isso em casa!

• • •

Por mais que a *Assidua* nos mostre gente de toda a Itália afluindo para a sepultura do santo logo depois de sua morte, o fato é que sua influência ficou restrita ao sul da França, a Portugal e ao norte da Itália por muito tempo. Na sua terra natal, sua fama se espalhou com rapidez, mesmo tendo sido póstuma, apenas. Conta-se em um texto do século XV, as “Florinhas de Santo António”, que, no mesmo dia em que o santo era canonizado na Itália, os sinos dobravam por toda a Lisboa, “sem que ninguém os estivesse a tanger”. Depois do século XV, com o início dos movimentos de reforma da ordem franciscana, a memória do santo espalhou-se por toda a Europa. Já não era mais o santo erudito, mas o milagreiro que ganhava fama. Nesse século, em Lisboa, transformou-se a suposta casa de seus pais em igreja. Imediatamente, tornou-se lugar de peregrinação. Seu nome de hábito, pouco comum em Portugal, começou a tornar-se usual a partir do século XVI, mostrando a força de seu culto. Nas

cercanias de Alcobaça, no litoral central de Portugal, por influência do mosteiro da cidade, Antônio se tornou o nome mais usado e passou-se a registrar sua versão feminina, Antônia. Em nosso país, segundo o censo de 2010, o nome é o terceiro mais comum entre os homens e o quarto entre as mulheres.

Em Lisboa, a festa de seu onomástico é celebrada com amplo consumo de sardinhas e vinho tinto, broa de milho, caldo verde, pão com chouriço. Promessas são feitas, namoros e noivados averbados, casamentos celebrados. Sua fama é a de santo das coisas perdidas, fazendo as vezes de nosso São Longuinho. Há referências quase contemporâneas ao santo que lhe atribuem essa capacidade. Frei Giuliano de Espira, por volta de 1235, compôs um responsório a Santo Antônio, o *Si quaeris miracula* (Se procurais milagres), que deixa claro no estribilho: ele recupera o perdido, acalma os mares. Virou protetor de navegantes por este verso.

Além da tradição do santo casamenteiro e das festividades, outra coisa pitoresca nos une aos lusos quando se trata de Santo Antônio: sua carreira militar. Lembremos que o franciscano nunca foi soldado. Isso não impediu que tenha sido invocado para proteção nas guerras contra os espanhóis, no fim da União Ibérica, em 1640. Os portugueses foram vitoriosos. D. Pedro II (não confundamos com seu homônimo brasileiro do século XIX!) expediu alvará, em 1668, assentando o santo praça no 2º Regimento de Infantaria, em Lagos, “por tão patriótico serviço” contra os espanhóis. Em 1683, D. Afonso VI o promoveu a capitão, atribuindo-lhe soldo. Em 1777, essa tradição quase anedótica de tão pitoresca chegou a novo patamar, quando D. Hércules António Carlos Luís Joseph Maria de Albuquerque e Araújo de Magalhães Homem, major-comandante do regimento de Lagos, endereçou ao rei um auto no qual recomendava a promoção de Antônio a major: “Certifico que não existe alguma nota relativa a Santo Antônio de mau comportamento ou irregularidade praticada por ele; nem de ter sido em tempo algum agoitado, preso ou de qualquer modo punido durante o tempo que serviu como soldado raso no regimento; que durante todo o tempo, em que tem sido capitão, vai quase para cem anos, constantemente cumpriu seu dever com o maior prazer à frente de sua

companhia.”^[8]

O marquês de Pombal suspendeu o soldo do santo, que era, desde o início, recolhido a sua irmandade em Lagos. Manteve sua patente de capitão, contudo. Durante as guerras napoleônicas, D. João VI promoveu-o a tenente-coronel de infantaria. Como a família real veio ao Brasil nesse contexto, em 1808, sua carreira militar também seguiu para as possessões portuguesas na África e na Ásia, além de ter atravessado o Atlântico. Sua última promoção foi assinada pelo príncipe-regente no Rio de Janeiro.

• • •

Quando se tornou tenente-coronel por aqui, Antônio já era famoso em terras brasileiras. Nossa primeira missa foi rezada por um franciscano, e sempre que os irmãos menores podiam, entre os séculos XVI e XVIII, por todo o globo, espalhavam a devoção ao santo.

Tornou-se um de nossos santos favoritos, quando não o mais popular de todos. Suas festas abrem as juninas, como dissemos no início do capítulo. Em todo o país, são celebradíssimas. Em Barbalha, Ceará, ganharam registro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como patrimônio imaterial. Por aqui, o santo mesclou-se por vezes a Exu, orixá da comunicação, por vezes a Ogum, da guerra, mas também aquele que abre caminhos.

Ao longo de nossa história, quase toda igreja ganhou altar ou imagem de Antônio. Muitos lares tinham sua estátua. O santo virou “o meu santo”, aquele para quem se pedem coisas e a quem se trata como se fosse um parente. A historiadora Laura de Mello e Souza, em *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, analisa esse tratamento de afetividade, um elemento forte na fé brasileira: “O santo que se venera, que se adora, com quem se trocam confidências é também aquele que, no contexto da economia religiosa do toma lá dá cá, pode-se atirar num canto, xingar, odiar em rompantes de cólera ou de insatisfação.”^[9]

Desde o tempo da colônia, portanto, o santo tornou-se íntimo, tratado com afeto. Afeto no sentido freudiano, de tudo aquilo que me afeta como pulsão. No mesmo livro, Mello e Souza nos conta dois casos que misturam a fama lusitana de achar coisas e a realidade afetiva e íntima com que o santo era tratado no Brasil do século XVII. Um tal de Lázaro Aranha costumava invocar o santo em seus jogos de carta, rogando ao franciscano que o ajudasse a tirar a desejada. Quando conseguia, dizia, agradecendo ao santo: “Meu velhaquinho!”. Um mameluco de nome Antônio da Costa, querendo reaver um homem escravizado que fugira, apelou ao santo, que tinha fama de encontrar escravos fugidos. Prometeu-lhe uma missa em troca da graça. Achou. Acabou dizendo que “o velhaquinho de Santo Antônio era azevieiro que sabia muito que lhe não quisera deparar o negro senão depois que lhe prometera a missa”. O tal Lázaro Aranha, na exata mesma situação, prometeu um cruzado de esmola ao santo. Mas, uma vez encontrado seu escravo, disse que “cuidava o velhaco de Santo Antônio que lhe havia de dar um cruzado!”. Podemos reparar que data de muitos séculos este tipo de religiosidade de “toma lá dá cá” com os santos.

As muitas formas que Câmara Cascudo registrou para os suplícios a que o santo é submetido pelas moças que querem se casar são prova disso. Como dissemos no início, é mágica e pouco ortodoxa a ideia de privar o santo do menino Jesus ou virá-lo de *cabeça para baixo, tirar-lhe o resplendor*. Mas são nossas tradições ibéricas, nossa relação mais figadal do que cerebral com o santo. Preferimos o Antônio milagreiro, o da tradição.

Antônio juntou dois polos do Catolicismo: Portugal e Itália. Sua imagem com o menino Jesus ao colo é muito difundida. O glorioso Santo Antônio continua atraindo as atenções e buscas por milagres. Um doutor franciscano, um pobre erudito, um português italiano, um santo doméstico: tudo cabe naquele homem que desejava converter infiéis, porém, acabou dialogando com os fiéis do mundo inteiro.

and manners in Portugal". In: *The English Review, Or, An Abstract of English and Foreign Literature*, v. 11. Londres: J. Murray, 1788, p. 303.

9. MELLO E SOUZA, Laura. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 156-157.

Santa Bárbara: na torre e no terreiro

A cruz pesava-lhe sobre as costas. Carregara-a por sete léguas, mais de quarenta quilômetros. Tão logo chegara a Salvador, apressou-se para a Igreja de Santa Bárbara. Ia pagar promessa pela vida de seu grande amigo, Nicolau.

Durante uma forte tempestade, um raio atingira uma árvore próxima de onde estava o fiel companheiro de Zé do Burro. Um galho caiu com o impacto e fendeu a cabeça de Nicolau. O sangue jorrava sem parar.

Zé tentou de tudo. Passou estrume na ferida, o médico mandou tirar, sob o risco de infecção. Depois, mandou voltar, pois acabou o algodão e nada estancou a forte hemorragia. Homem simples, possessor, vivendo no interior da Bahia no fim dos anos 1950, Zé fez o que pôde para salvar aquele burro, seu melhor amigo. Apelou para rezador. Nada. Para a medicina. Nada. Então, num terreiro de Iansã, fez uma promessa de que, se Nicolau vivesse, faria um cruzeiro tão pesado quanto o de Cristo e o levaria à Igreja de Santa Bárbara, pagando o milagre à santa.

Esse é o mote da genial peça de Dias Gomes, *O pagador de promessas*, encenada em 1960 e adaptada às telas por Anselmo Duarte, em 1962. O filme é um clássico de nosso cinema, impactante e atual meio século depois de seu lançamento. Tornou-se coqueluche em Cannes, onde ganhou a única Palma de Ouro dada ao Brasil. Até hoje, há quem visite a Igreja do Santíssimo Sacramento do Passo,

no Centro Histórico de Salvador, surpreendendo-se ao descobrir que o edifício não é, de fato, consagrado à santa do filme e deste capítulo.

O resto da trama de Dias Gomes também é bastante conhecido, mas cuidado: há *spoilers* e feridas escancaradas nas próximas linhas! O pároco não deixa Zé do Burro entrar na igreja. O posseiro se choca e não consegue, em sua rusticidade e pureza, entender por que não. A cena é interpretada por Leonardo Villar, e Dionísio Azevedo nos conta os motivos: de um lado, a dureza da ortodoxia católica; de outro, a fé viva, mestiça e orgânica do roceiro. O personagem de Azevedo diz que o de Villar jamais poderia entrar, pois fizera a promessa num terreiro, caíra num engodo de um culto fetichista, erro histórico que datava do tempo dos escravos, habituados a enganar seus senhores. Além disso, o jovem e rigoroso padre acusa o protagonista de querer igualar-se, pretensiosamente, ao Cristo. Zé responde que é católico, assim como seu burro. Deixa claro que sabe que Iansã é Santa Bárbara e que se houvesse imagem dela em outro lugar que não no terreiro teria procurado em solo católico. Mas não tinha. Nada vê de errado no que está fazendo. Erro seria não cumprir a promessa.

Mas quem é Santa Bárbara, essa entidade que é e não é Iansã? Quem é Iansã, essa entidade que é e não é Santa Bárbara? Como as duas podem se juntar numa só em nosso país?

• • •

Bárbara é mais um dos milhares de santos mártires dos primeiros séculos do cristianismo. Sua existência concreta é altamente questionável. No movimento de verificação e atualização de sua lista hagiológica feito pelo Vaticano nos anos 1960, retirou-se a santa do rol dos mártires oficiais. Ou quase. Ela ainda consta do martirológio, mas a data de 4 de dezembro, sua festa, e mesmo o seu nome foram removidos do calendário da Igreja na reforma de 1969. Isso significa que a Igreja reconhece o culto e a popularidade de Bárbara, mas não afirma categoricamente sua existência.

As muitas versões para sua vida e seu martírio começaram a ganhar consistência a partir do século IX, quando martirológios orientais passaram a mencioná-la mais e mais. Já os ocidentais tardaram a reconhecê-la. A *Legenda Áurea*, um dos mais conhecidos, nem sequer lhe dedica uma linha. Na arte, é do século XV em diante que sua presença vai ficando mais constante, sem nunca ter se tornado hegemônica.

Sua vida lendária teria se passado no século III, na atual Turquia, na antiga localidade de Nicomédia. Bárbara seria filha única de um rico proprietário de terras, politeísta, como a maioria das pessoas na região. A menina foi confinada numa torre para ser educada longe dos vícios e problemas da turbulenta vida urbana. Quando atingiu a adolescência, seu pai quis lhe arranjar casamento. Ela recusou sistematicamente, um a um, seus pretendentes. Algo dentro dela a impelia à cidade e fazia com que se mantivesse casta, virgem.

Autorizada finalmente pelo pai a conhecer a cidade, Bárbara chocou-se com a pobreza, com a fome e a doença. Assim como se passara com Sidarta, no Oriente alguns séculos antes, a vida encastelada em confortos a impedira de saber que isso tudo existia. Diante da terrível novidade da miséria e sofrimento humanos, ela procurava ajudar os muitos necessitados que encontrava.

Numa dessas aventuras pela cidade, conheceu um grupo de cristãos, perseguidos e praticando o Evangelho em segredo, que, como Bárbara, dedicava-se a ajudar ao próximo. Ela se interessou muito pela mensagem que traziam e aceitou a fé em Cristo sem demora. Foi batizada por um sacerdote de Alexandria que passava por ali.

Seu pai, antes de sair para uma longa viagem de negócios, ordenou que se instalasse na torre onde ela habitava um banheiro para a filha, colocando duas janelas no novo cômodo, para que Bárbara pudesse contemplar a cidade que tanto a atraía. Na ausência paterna, a garota ordenou mudanças no projeto: seriam três janelas na torre, uma para cada faceta da Santíssima Trindade. No regresso do pai, ela lhe contou a respeito de sua nova fé. Ainda que nada tivesse

dito, ele já desconfiava, e a janela tríptica não ajudava a esconder.

O rico comerciante tentou demover a filha daquela fé. Em vão. Ameaçou-a. Pouco adiantou. Ela preferia Cristo ao pai. Paremos um pouco a narrativa, bem neste ponto, para analisarmos a biografia de Bárbara. Virgem, casta e cheia de virtudes: o modelo da santa feminina por excelência. Nem todas as santas são virgens, mas inegavelmente a maioria o é. Castidade e virtuose, contudo, são onipresentes.

O martírio de Bárbara é tétrico. Seu pai a condenou e a perseguiu. Denunciada para as autoridades da cidade, fugiu. Foi encontrada e salva magicamente por intervenção divina algumas vezes. Mas um santo mártir precisa morrer para dar sentido a sua vida. Presa, foi torturada com tochas que eram apagadas em seu corpo. Teve os seios amputados. Todas essas torturas e humilhações deveriam fazê-la abjurar da nova fé e reafirmar seu credo pagão anterior. Ela persistiu, como era de se esperar. O pior espreita o fim: seu próprio pai a decapitou. Logo após sua cabeça tocar o chão, um raio rasgou os céus e fulminou o infanticida.

A mensagem é bíblica. “Não penseis que vim trazer a paz à terra. Não vim trazer paz, mas a espada. Com efeito, vim contrapor o homem ao seu pai, a filha à sua mãe e a nora à sua sogra. Em suma: os inimigos do homem serão seus próprios familiares” (Mt 10, 34-36). Seguir Cristo acima da própria família, acreditar em sua fé acima de todas as coisas. Ainda que isso lhe custe a vida.

• • •

A iconografia de Santa Bárbara acabou incorporando muitos dos aspectos de sua lenda. É comum vermos uma torre com três janelas no fundo de suas representações ou sendo carregada como símbolo da fortaleza da fé em seus braços. A palma em uma de suas mãos nos mostra seu martírio e o triunfo de Cristo sobre a morte. O santo que a carrega foi mártir e testemunha da ressurreição. Bárbara está coroada pelo mesmo motivo.

Outros dois atributos comuns são um cálice, símbolo da comunhão cristã e da remissão dos pecados pelo sangue do Nazareno. Ela o carrega como forma de deixar clara sua conversão irrevogável e a oferece a quem a vê. Na outra mão, comumente, a espada com que seu pai a decapitou, símbolo de seu martírio e do exemplo paulino. Paulo escreveu a seu discípulo Timóteo no fim da vida (o santo também teve a cabeça decepada): “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé” (2Tm 4,7).

Santa Bárbara passou a ser conhecida como protetora contra os relâmpagos e tempestades. Pela morte súbita do pai, é considerada padroeira dos artilheiros, dos mineiros, de todos que trabalham com fogo ou com profissões em que a morte pode vir num segundo. Muitas divisões de exércitos mundo afora a cultuam pela mesma razão.

Este tipo de proteção prática, a de um para-raios cósmico, valeu-lhe um lugar entre os catorze santos auxiliares. Este é um grupo de santificados muito especial, uma espécie de Liga da Justiça espiritual a ser invocada por cristãos com necessidades especiais, concretas, imediatas e específicas. Chovendo forte, tempestade de raios brava: invoque Santa Bárbara, que também pode ser chamada para evitar morte súbita ou amainar febres. Dores de cabeça renitentes, Santo Acácio ou São Denis. Não se assuste se ambos aparecerem segurando as próprias cabeças! E quem nunca ouviu ou disse: “São Brás, São Brás, desafoque este rapaz”? A rima é mais difícil caso a afogada seja menina.

• • •

Ao noroeste, na imensa costa atlântica da África, em forma de arco, um imenso rio corta as terras de diversos países. O Níger é o principal curso d’água da África Ocidental e o terceiro maior de todo o continente. Sua nascente razoavelmente modesta se localiza na região montanhosa entre a Guiné e Serra Leoa. De lá, corta o Mali, o deserto do Saara, delimita naturalmente a fronteira artificial entre Níger e Benim. Finalmente, depois de mais de quatro mil quilômetros, o

potentoso rio faz um gigantesco delta no sul da Nigéria, desaguardo no mar da Guiné.

Essa região foi (e ainda é) um dos grandes centros das religiões e das culturas iorubá. Também foi palco de muita violência advinda dos séculos de diáspora africana. Dali (e de muitos outros pontos do continente), milhões de seres humanos foram escravizados e levados à força para as Américas. Junto deles, suas formas de entender o mundo também embarcaram e, de maneira próspera e subterrânea, deram origem, entre outras, à Santeria, em Cuba, e à Umbanda e ao Candomblé, no Brasil. Não seríamos uma nação como somos sem essa profunda e profícua mestiçagem.

O rio Níger pertence a Oyá, orixá feminino dos mais conhecidos pelas culturas nagôs. Ela, no Brasil, é mais referida como Iansã. Guerreira, irascível, sanguínea, a entidade foi amante de Xangô, senhor maior de toda a justiça. Não suporta trabalhos domésticos e afazeres comezinhos. Por isso, não se junta muito aos demais orixás femininos, preferindo companhia masculina.

Senhora dos ventos e das tempestades, Iansã é invocada depois de raios caírem. Não porque eles lhe pertençam. São propriedade de Xangô. Mas sim porque, para não ser atingido por uma descarga elétrica dessas, busca-se lisonjear a amante do proprietário. Xangô, justo como sempre, não atingiria ninguém que invocasse o nome de sua amada, certo?

Oyá/Iansã é vista sempre com espada em mãos e vestida de vermelho, símbolos de sua belicosidade. Mas o mesmo sangue fervente que a torna pronta para qualquer batalha também acende suas muitas paixões e alimenta seus muitos amores.

Seus filhos são gente muito viva, muito alegre, apegada às festas e aos prazeres. Gente competitiva ao extremo, vive o dia a dia procurando enroscos, batalhando seu sustento, alternando ferozes e coléricos ataques contra tudo e todos. Felizes, mas egoístas, esses filhos são estraga-prazeres em festas, aquele tipo que bebe e

começa a gritar verdades sobre todos os presentes, querendo que alguém o interpele só para poder bater boca. Lembrou-se de alguém na família? Se os filhos de Ogum/São Jorge têm filhos guerreiros, mas meticolosos estrategistas, Iansã é orixá da cabeça dos soldados sangue quente. A estratégia? Lutar!

Instáveis, exagerados, egocêntricos e dramáticos. Parece uma descrição de boa parte de nossa geração. Iansã cresce em importância em dias de *selfies* e redes sociais, nas quais amizades e inimizades se resolvem com cliques.

• • •

O que uma santa abnegada tem a ver com um orixá sangue quente e algo egoísta? A Umbanda, por exemplo. Santa Bárbara/Iansã talvez nasça da associação atlântica e mestiça entre a entidade e o raio de justiça, a proteção clara que fornecem aos fiéis que dela necessitam numa tempestade (real ou metafórica). A cor de seus mantos, vermelha, também as aproxima, ainda que uma simbolize o sangue do martírio, a confirmação da Paixão do Salvador, e a outra seja símbolo da natureza explosiva. A espada nas mãos delas, então, nem se fala! Tem naturezas teológicas distintas, mas quem se interessa por teologia quando se precisa de uma intervenção de um santo ou orixá?

Para acabarmos nossa reflexão, pensemos um pouco mais sobre este outro exemplo de sincretismo religioso: mestiçagem. Ele parece mascarar, por meio da harmonia das formas, uma violência, gênese de nosso racismo. Retomemos o pagador de promessas para tentar entender.

Deixamos Zé do Burro debatendo com o padre Olavo nas escadarias da igreja fictícia de Santa Bárbara, em Salvador. Aquele diálogo é emblemático, uma chaga aberta bem real em nosso país, com seu racismo cada vez mais se escancarando. No Brasil, ninguém se assume abertamente racista, mas todo mundo conhece alguém que é indubitavelmente preconceituoso. A conta não fecha. Chamamos isso de racismo velado, ou seja, escondido, quase

envergonhado. Não nos enganemos: racismo é racismo, criminoso e imoral sempre. Velado não quer dizer inativo. Mesmo sabendo que negros ganham menos, têm menos oportunidades e são alvos de discriminação de toda sorte, o brasileiro se mexe pouco para resolver a situação. Experimente discutir cotas raciais e você verá gente impoluta bradar que isso é perpetuação ou criação de racismo. Em sua maioria, brancos. Por aqui, políticas afirmativas são “racismo às avessas”.

Continuamos como o padre Olavo da peça de Dias Gomes: até somos capazes de ouvir a história de Zé do Burro, ainda que sem muita paciência, loucos para corrigir os enganos de nosso interlocutor. Escutamos, mas não o deixamos entrar em nossa igreja. Santa Bárbara e seus milagres (aliás, uma graça e não um milagre, retificaria o douto sacerdote) são para católicos, para seguidores de uma religião verdadeira. Iansã fica do lado de fora, reduzida a fetichismo, algo não dito nem estudado.

Por outro lado, antes velado e crônico, o racismo nosso de cada dia parece estar se escancarando como todos os demais ânimos que se acirram nesta segunda década do século XXI. A ferida em nossa cabeça não para de sangrar – literalmente. Em 2015, num exemplo lamentavelmente não isolado, Kailane Campos, uma menina carioca de onze anos, foi apedrejada na saída de um culto de candomblé, na Vila da Penha, Rio de Janeiro. Sua cabeça sangrou enquanto os agressores agiam em um misto perigoso entre o dogmatismo do padre Olavo e a violência do Secreta, policial que mata Zé do Burro no fim da peça.

Esse é um dado histórico. Eduardo Hoornaert, teólogo belga estabelecido no Brasil há mais de cinquenta anos, lembra-nos de como o Padre Vieira comparava a mestiçagem ao purgatório. Os negros, entregues às forças do mal, misturavam-se aos brancos, que, como cristãos, representavam o bem. “O sincretismo entre as formas ‘pagãs’ (africanas, indígenas) e as formas ‘cristãs’ (leia-se: europeias) também é interpretado assim, de forma pedagógica, como estádio intermediário entre o mal e o bem, entre o pecado e a virtude.”^[10]

Peter Fry, antropólogo, há mais de trinta anos nos chamou a atenção sobre como, em nosso país, de duas, uma: ou damos ênfase ao fato de sermos uma cultura única, mestiça, sincrética, mas homogênea, ou, de outro lado, acreditamos em formas multiculturais, que convivem nem sempre harmonicamente. Somos uma mistura que resultou numa única coisa: sincretismo. Somos uma mistura que resultou em outra mistura: um monte de especificidades culturais com alguns pontos de contato.

Não temos a resposta à esfinge de Fry. Mas não custa lembrar: não existem culturas, raças nem religiões puras. Todas as formas que se julgam homogêneas são uma construção, em si, mestiça. Iansã é uma Oyá revistada ao longo de séculos no Brasil. Bárbara, uma santa fantasma, inoculada por centúrias de valores cristãos sempre se metamorfoseando. Qual seria o problema de ambas se fundirem mais uma vez? Seria possível juntar o ego guerreiro e autocentrado de Iansã ao martírio abnegado e altruísta de Bárbara? Na verdade, essa poderia muito bem ser uma solução para nossas angústias contemporâneas.

• • •

Todos os santos anulam o ego em prol dos desprovidos e desvalidos. Não a minha vontade, mas a sua, como no Pai-Nosso, única oração que Jesus nos deixou na Bíblia. Em uma sociedade altamente ególatra como a nossa, virtudes assim são raras. Talvez indesejáveis. Somos mais carrascos do que candidatos ao pescoço no cepo. Quem faz algo pelo próximo, o faz para si: um prato de sopa para o mendigo e uma *selfie* no Instagram, com cara estudada de pesar. Caridade medida em *likes*. Mas, cuidado. O extremo oposto, a vida salvífica do modelo hagiográfico, é o exemplo do mártir. Desde Freud, sabemos que a anulação do ego e do desejo pode ser muito danosa ao indivíduo. Viver exclusivamente para o outro mata, literalmente, o *Self*. Qual a justa medida entre o descentrar-me que vem do santo e o centrar-me que vem do orixá?

O raciocínio que pode nos dar a resposta vem da astrofísica. Grandes nomes da

divulgação científica, como Marcelo Gleiser, nos brindam, em linguagem de leigos, com as novidades de quem estuda as estrelas e seus mistérios matemáticos. Aqui, vamos nos valer de Gleiser, mas extrapolá-lo na direção de nossos argumentos. Vejam a sequência lógica que leva ao entendimento de nossa pequenez.

Meu ego é tudo o que sei. Por meio dele, conheço o mundo. Penso, logo existo, não é mesmo? E *minha* existência é a única que posso, realmente, experimentar. Portanto, sou a criatura mais importante do universo, ao menos para mim mesmo.

Por outro lado, sou um em meio a outros sete bilhões de indivíduos no mundo. Se enfileirássemos todos os egos humanos vivos, daria para voltar o mundo pouco mais de 55 vezes. Isso já nos relativiza. Entre tanta gente, talvez minha opinião não seja a única forma de ver as coisas. Sigamos.

Todos esses bilhões de vidas, das quais sou apenas mais uma, vivem em pequenos pedaços de terra seca num planeta que é composto majoritariamente de água. Hoje sabemos que a Terra é um pequeno corpo celeste, orbitando um sol que é 1,3 milhão de vezes maior em volume do que nosso planeta. Ainda assim, o sol é uma estrela longe das maiores em tamanho, e é apenas mais uma num sistema solar periférico da Via Láctea, galáxia que, por sua vez, contém centenas de bilhões de outras estrelas. Isso, em si, já seria o suficiente para que eu me sentisse insignificante diante da grandeza do universo. Estamos longe do fim, contudo.

A Via Láctea é somente mais uma galáxia no meio de tantas outras, em um universo ainda em franca expansão. A imensidão é tão grande que um grão de areia na maior praia do mundo talvez desse conta de parte da dimensão real que a importância do meu narciso tem para o universo. Uma lição inequívoca de humildade, reconhecimento maiêutico de que nada sei e de descentramento e relativização. Parece que não nos resta outro caminho que não o de Santa Bárbara: não sou nada.

Gleiser, nesse ponto, em livros como a *Criação imperfeita*, *Poeira de estrelas* ou a *Ilha do conhecimento*, inverte a chave e nos obriga a pensar o contrário. Em toda essa vasta imensidão, temos notícia de apenas um minúsculo grânulo de poeira cósmica que contém vida inteligente. Logo, em vez de varrer esse cisco cheio de vida para debaixo do tapete, vale a pena pensarmos no quanto somos, de fato, especiais e quanto nossa existência é singular no universo. Posso me inflar como Iansã: sou especial.

Infinitesimalmente pequeno diante do cosmos, meu ego se conforma de não ser a última bolacha do pacote. Não preciso pôr minhas vísceras em qualquer discussão nem me preocupar, em demorado, se saí bem na foto. Quem sabe, menos preocupado com o espelho, possa olhar para o lado. Especial o suficiente para não precisar me anular por completo como um santo, talvez eu possa me permitir sentir prazer em minha própria companhia e nas pequenas coisas da vida, mais orixá.

Esse raciocínio vale para a escala macroscópica do universo como também para a microscópica. Você pode se sentir único e exclusivo andando por aí, mas carrega dentro e fora de si alguns milhões ou bilhões de micro-organismos que ajudam seu corpo a funcionar. O mesmo na régua do tempo. Minha existência, única porta para entender algo do mundo, é indubitavelmente importante, mas se resume a um nada diante dos bilhões de anos do universo.

Santa Bárbara nunca olhou por um telescópio nem por um microscópio. Tampouco consultou um relógio ou, como o fez Santo Agostinho de forma brilhante, se questionou sobre a natureza do tempo e nossa existência nele. O mundo da santa era o de sua pequena cidade, e a abertura que procurava na existência era de ordem espiritual. Iansã tampouco precisou se preocupar com uma tempestade. Tinha costas quentes com Xangô. Entre desembainhar a espada por qualquer motivo ou exibi-la como triunfo de minha própria dor, a serenidade mora no meio do caminho. Por via das dúvidas: Eparrei! Valei-me Santa Bárbara!

10. HOORNAERT, E. "A questão do corpo nos documentos da primeira evangelização". In: MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). *Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 27.

Santos fora do altar: no coração do povo e longe da Igreja

A avó paterna do Luiz era católica. Missas e terços todos os dias, sagrado coração de Jesus e de Maria na estante, uma devoção inquebrantável a Nossa Senhora. Cuidou do marido, dos filhos, dos netos, do comércio da família. Filha de imigrantes espanhóis, nasceu no campo e morreu na cidade, testemunhando a imensa mudança que a urbanização trouxe ao nosso país depois de 1930. Como toda frequentadora assídua de liturgias, vó Maria reclamava do padre quando ele era muito prolixo, além de recear coisas pouco bíblicas: *“No creo en brujas, pero que las hay, las hay.”* Para sua família, foi uma santa.

Tinha alimentação frugal. Jantava duas laranjas. Mas induzia à gula. Cozinhava divinamente (outro traço de sua ligação privilegiada com os céus). Comida à mesa, no lugar de se alimentar, ficava vigiando se todos estavam comendo bem. Quando um comensal incauto olhava para o lado, servia-lhe um bife a mais no prato junto da frase: “Coma mais um pouquinho.” Indução à gula é pecado? Infelizmente, é. Outro defeito grave da vovó: o racismo velado, comum a tantos brasileiros. Racismo é crime; logo, deve ser pecado também.

Seu filho mais velho, Ary, sátiro de plantão, costuma dizer que ela faz estágio no purgatório, mas será canonizada a seguir. Purga ao lado de um anjo negro que lhe dá de comer: “Coma mais um pouquinho, Dona Maria!”, repete, enquanto põe outro nababesco pedaço de frango assado ou de bife à milanesa no prato dela.

Por que contamos esta história no último capítulo de nosso livro? Porque, como já dissemos, a vovó era santa. Pelo menos na família, não há quem duvide. Sua

avó, leitor ou leitora, também deve ter sido. Se não sua matriarca, alguém no clã certamente o foi ou é.

Usamos a expressão “fulano é um santo” quase diuturnamente. A rigor, *sanctu*, em latim, “sancionado, de acordo com a lei”, é aquele que leva uma vida colada aos preceitos cristãos e que já está nos céus, aguardando a parusia. Protestantes acreditam que essa santidade está em todos nós, ao menos potencialmente, pois somos feitos à imagem e semelhança do Criador. Católicos também pensam assim, mas dão um lugar especial aos que se destacam na retidão de suas vidas e os põem num altar para serem reverenciados. Logo, não está de todo equivocado chamar alguém da família ou que nos ajuda de santo. Mesmo que essa pessoa tenha pecados, o importante é o quadro geral.

Embora a Igreja tenha todo um procedimento especial e complexo para oficializar a santidade de alguém (simplificado por João Paulo II, mas, ainda assim, cheio de etapas longas e caras), as pessoas, em seu cotidiano, têm fome de Deus, expressão de Jean Delumeau para essa crença popular, não teológica, na proteção e amparo que a religião pode prover. Há quem diga que essa busca de um escudo divino que não se apega muito à teologia ou à ortodoxia se chama “catolicismo popular”. A expressão descreve bem o objeto, mas tem problemas.

Catolicismo popular pressupõe que exista outro catolicismo que não o seja. Esse seria mais erudito, dogmático. Em teoria, ele existe. É o catolicismo dos teólogos e do alto clero. Mas, na prática, já se escreveram rios de tinta sobre como as chamadas culturas erudita e a popular não têm fronteiras tão bem definidas. Muito pelo contrário, retroalimentam-se num círculo sem fim. Vamos ver um ou dois exemplos.

O Anel do Nibelungo é uma ópera de Wagner. O gênero já foi mais popular, mas é inegavelmente música considerada erudita. Deuses, Valquírias, guerreiros, gnomos são temas populares na Alemanha que foram reapropriados pelo músico ao criar sua obra. Décadas depois de ser patrocinada pelo Rei Ludwig e encenada para a elite vienense, o desenho Pernalonga, nos anos 1950, recriou o musical.

Na animação, o coelho e Hortelino Troca-Letras interpretam, de forma pouco convencional, Brunilda e Sigurdo. Pouco tempo se passou e o cinema de massas de Francis Ford Coppola popularizou ainda mais a *Cavalcada das valquírias*, na cena antológica do bombardeio a uma praia no Vietnã em *Apocalypse Now*. Nunca é demais lembrar que o filme foi baseado, por sua vez, num romance de Joseph Conrad, *Coração das trevas*. E o racismo que amparou esse clássico da literatura era bem popular. O ciclo entre erudito e popular é, de fato, infinito.

Além de entendermos que as fronteiras entre o erudito e o popular são bem porosas, precisamos pensar que a expressão “catolicismo popular” também soa estranho porque ninguém que o pratica sabe que o está praticando. Caso perguntado, alguém que leva um ex-voto ao santuário de Monte Alto, túmulo da menina Izildinha, agradecendo a graça alcançada, não dirá: sou católico popular. Dirá simplesmente: sou católico.

A expressão, por mais problemática que seja, descreve uma forma de expressão da fé. Refere-se àquele tipo de ligação entre o fiel e o santo que independe da sanção da Igreja, ainda que não prescindia dela. Trata-se de uma ligação mais de foro íntimo com o sagrado, algo pouco doutrinal. Esse sentimento é de uma democracia sem barreiras de classe, cor, idade ou gênero. Como um círculo, é justamente nessa fé que muitas canonizações oficiais se baseiam. Os fiéis se apegam a um santo e lhe atribuem milagres, curas e graças alcançadas. A Igreja investiga e, em muitos casos, acaba por sancionar o santo popular. Antes um santo fora do altar, depois um santo canônico, oficial. Em outros casos, o diálogo entre o dogma e a prática é mais tenso, e canonizações populares e espontâneas são tudo o que o santo pode esperar.

• • •

Existem milhares de santos canônicos aceitos e reconhecidos pela Igreja. Diariamente é dia de mais de vinte santos. A maior parte deles é de devoção local e nunca ultrapassa os limites de uma pequena vila ou cidade. Outros, com o

tempo, sem fiéis que lhes peçam milagres ou graças, caem no esquecimento. Tantos são os que passam um tempo nesse limbo devocional e voltam à ativa depois de décadas, porque uma corrente na internet, na TV ou no rádio os reabilitou (lembra-se de Santo Expedito em São Paulo?).

Nosso país passa por um vertiginoso crescimento de religiões neopentecostais. Mas a renovação carismática parece ter estancado parte da sangria que se abateu na Igreja depois dos anos 1980. Em 2013, os evangélicos eram mais de 19% de nossa população, segundo o Datafolha. Se somados aos protestantes tradicionais, 28%. Mas o país continua majoritariamente se declarando católico: mais de 60% da população professa a fé romana. O detalhe da pesquisa é o mais interessante: por volta de 80% dos nossos católicos se dizem não praticantes, ou seja, não praticam a fé nem frequentam a Igreja. Dos poucos que vão às missas, quantos de fato compreendem a liturgia até seu âmago? Quantos sacerdotes praticam o que dizem como santos? Difícil saber. Podemos, porém, citar Oswald de Andrade sem muita dificuldade: “Nunca fomos catequizados.” Mas, a rigor, quem o foi? Algum rincão da Europa é católico instruído de forma mistagógica, ou seja, compreendeu com profundidade os mistérios de sua religião? É para duvidar: basta ver quantas bruxas, duendes, árvores de natal e coelhos da páscoa andam por lá.

Em Lucas 17:5,6, Jesus compara a fé a um grão de mostarda, pequenino, forte e resiliente. O cardeal Ratzinger, e, depois papa Bento XVI, fez questão de salientar isso mais de uma vez: preferia uma Igreja pequena, mas coesa, com católicos realmente praticantes. Não foi um pontífice dos mais populares. O papa Francisco parece ter invertido a lógica: Igreja cheia é melhor. A verdadeira fé deve brotar daquele que não a tem ou não a compreende inteiramente. Sua popularidade é inegável. Conclusão: as pessoas não querem a aridez da norma, mas o carisma e a proteção.

Nesse sentido, é inegável que os santos se tornam cada vez mais populares. Mas, até pouco tempo, o maior país católico do mundo não tinha santos nativos. João Paulo II canonizou Madre Paulina. O nacionalismo queria mais, pois a santa

viveu aqui, mas nasceu na Itália. Vieram o Frei Galvão e suas pílulas mágicas. Nascido em Guaratinguetá, tornou-se o primeiro santo tupiniquim com eira e beira. Em outubro de 2017, o papa Francisco anunciou a canonização de trinta novos santos brasileiros: os mártires de Cunhaú e Uruaçu, no Rio Grande do Norte. Nada mal. Saímos de nenhum para dezenas de santos oficiais em pouco mais de uma década e meia.

Somente o papa Wojtyla proclamou mais de 480 santos mundo afora em seus quase 27 anos de pontificado. Isso é uma vez e meia o que todos os demais papas do século XX fizeram. Na verdade, mais que nos 400 anos que o precederam. O teólogo Fernando Altimeyer escreveu sobre a convicção de João Paulo II de que a humanidade precisava de novos referenciais cristãos: reconhecer a santidade e a beatitude era “um exercício de renovação da fé cristã”, explicou, com razão. O papa Bergoglio vai na mesma toada. Isso aproxima os fiéis da Igreja, perceberam os pontífices. Aproxima porque é um esforço da Santa Sé em reconhecer os santos fora do altar, já canonizados pelos fiéis. Há inegável vontade popular por santos. Quem busca um santo, o faz, no mais das vezes, por questões muito concretas. Procuram-se consolo e proteção. Rezam para o santo, acreditam no milagre dele. Não o veem como a ortodoxia vê. Veem-no como alguém próximo o suficiente para chamá-lo de “meu santo” ou “meu santinho”. Por vezes, o fiel amplia o papel do santo e o transforma no próprio veículo da devoção e da cura. Apegar-se a um santo tão pessoal e tão poderoso é coisa séria. Muda-se a vida, troca-se grupo de amigos, casa-se com gente da mesma devoção: o meu santo bate com o seu, dizemos.

• • •

O Brasil, bem como qualquer país de matriz católica, está cheio de santos fora do altar, esperando o reconhecimento da Igreja. Ou nem sequer necessitando dele. A canonização é espontânea. O postulante a santo pode ser um padre ou um bandido, pobre coitado ou ricoço com fama de evérgeta, criança ou velho. Muitos transitam nas fronteiras da fé católica com outras. Em Sorocaba, João de

Camargo é inequivocamente um santo popular, milagreiro e preto-velho, sendo venerado na umbanda por católicos e por espíritas. Em Lages, o cemitério Cruz das Almas tem um túmulo concorrido: o de Sebinca Christo, uma cigana de origem grega. Gente em busca de curas, emprego, casamento e tantas outras coisas aflui para o jazigo da cigana, escreve o pedido com batom na lápide e agradece as graças alcançadas com cigarros e perfumes.

Outro exemplo tem sotaque carioca. É muito provável que ela nem sequer tenha existido, mas sua biografia junta sofrimentos bem reais das pessoas escravizadas. Em 1968, uma exposição na Igreja do Rosário comemorava os oitenta anos da Abolição. Uma das gravuras expostas, de autoria de Étienne Victor Arago, mostrava uma mulher usando uma Máscara de Flandres. A ilustração incensou o imaginário popular. Ao se fundir a crenças anteriores, o culto a Anastácia, a escrava torturada da imagem, espalhou-se como rastilho de pólvora. Dizia-se que ela era uma mulher linda, abusada pelo dono do engenho. Estoicamente, resistiu aos abusos, ao que foi punida com diversos castigos corporais como a famigerada máscara. Boa como poucas pessoas, ajudou a curar o filho do dono da fazenda quando ele foi acometido por uma rara doença. Teria morrido pouco depois com o rosto todo deformado. Nada disso tem base empírica, mas é fácil entender como a história mescla muitas coisas potencialmente reais, como as violências da escravidão, e muitos anseios populares, como cura, proteção e perdão.

O culto a Anastácia se intensificou nos anos 1980 e saiu de sua base original nas comunidades de negros pobres, atingindo parte de uma classe média branca. Tornou-se popular entre enfermeiras e prisioneiros. Símbolo de esforço pela harmonia racial. A umbanda a incorporou plenamente: tornou-se “a Santa”, entidade milagreira. A Igreja negou sua existência em 1987 e mandou que se retirassem as imagens de Anastácia de todo recinto católico. Nada adiantou. Santuários já funcionavam por toda a cidade e continuam com movimento.

Mesmo entre pessoas de carne e osso, a canonização popular pode ser bastante eclética. Minas Gerais tem suas contribuições. Nhá Chica, como é chamada

Francisca de Paula de Jesus, é santa em São João Del Rey. A Igreja já a beatificou. Mas seu santuário, em Baependi, recebe romeiros que acham pouco o título oficial. Lembram-se dela como milagreira, “mãe dos pobres”, alguém que foi capaz de levitar sobre plantações de laranjas. Floripes Dornellas de Jesus é outra santa popular, aclamada ainda em vida. Talvez você a conheça por Lola, a Santa de Rio Pomba, morta em 1999. Paralítica desde os 23 anos, essa senhora simples passou a se alimentar apenas de hóstias. Chegou a fundar uma ordem masculina de oração que reuniu mais de mil seguidores. Já é considerada serva de Deus pelo Vaticano.

Nas linhas abaixo, examinaremos mais de perto exemplos dessas figuras. Alguns, como o Padre Cícero, estão ainda longe de serem efetivamente canonizados, mas, como veremos, isso afeta muito pouco a devoção de seus fiéis. Outros, como os santos de cemitério (de que falaremos adiante), talvez progridam mais rapidamente para santos canônicos. Em todos os casos, são santos inequivocamente fortes e populares.

• • •

Uma das maiores estátuas do Brasil homenageia um santo fora do altar. Padim Ciço foi retratado em um colosso de 27 metros de altura (fig. 15), em Juazeiro, a quinhentos quilômetros de Fortaleza, em 1969. A cidade não existia antes da chegada de Cícero Romão Batista à região. Juazeiro era um povoado em volta de uma fazenda, dependente da cidade do Crato. No natal de 1871, o jovem e recém-ordenado padre visitou a localidade pela primeira vez, celebrando a Missa do Galo. Tinha 28 anos. Fez sucesso naquele mundo quase esquecido. A seu pedido, em abril de 1872 instalou-se em definitivo como pároco local.

Não fora estudante de destaque, mas teve formação nos melhores colégios que seus pais puderam pagar e que, mais importante que o dinheiro, os padrinhos políticos de sua família puderam lhe prover. Naquele tempo, o coronelismo era a forma pela qual as pessoas se entendiam na região. Ou se era coronel, ou

cangaceiro, ou se obedecia a um dos dois grupos. Difícil fugir da lógica. O pai era um comerciante modesto de Crato e morreu quando Cícero era ainda muito jovem. Para completar seus estudos, dependeu de favores do coronel Antonio Luís Alves Pequeno. Ordenou-se sacerdote em 1870.

Bom de conversa e disponível a seus fiéis, percorria casa por casa do pequeno vilarejo, chamando todos os habitantes pelo nome. Interferia na vida familiar das pessoas, pôs-se em cruzada contra a prostituição e repreendia moralmente qualquer falha que considerasse grave, como beber em demasia. Conquistou fama crescente e era muito popular. Começou a adquirir terras e gado na região, ao mesmo tempo em que dialogava com os poderosos coronéis do sertão do Cariri, todos de alguma forma tributários da família Accioli.

Durante a eucaristia, numa missa celebrada em 1889, a hóstia ministrada por Cícero teria se transformado em sangue na boca de Maria de Araújo. Ela era uma órfã de família muito humilde. Morava com o Padre Cícero, que lhe mandava ensinar costura e outras habilidades manuais às crianças carentes. Muito religiosa, passou a se vestir com o hábito de freira e o povo a via como beata.

Por mais de dois anos, o fenômeno se repetiu com regularidade. Muitos romeiros vinham de longe ver o suposto milagre. Os paninhos que limpavam o sangue da boca da beata eram exibidos quase como relíquias. Cícero tornou-se ainda mais popular e era parado na rua para dar bênçãos e escutar os favores que lhe pediam.

Aumentavam a fama e a infâmia. O bispo logo soube e mandou formar uma comissão para investigar o tal milagre de Juazeiro. O parecer ficou pronto em outubro de 1891, depois que os investigadores da diocese presenciaram o suposto milagre, avaliaram o sacerdote e Maria. Como não conseguiram encontrar nada que supusesse um embuste, consideraram tudo verídico.

O bispo, Dom Joaquim José Vieira, não se conformou. Ordenou que se

compusesse outra comissão. A nova equipe foi a Juazeiro, convocou a beata, ministrou-lhe a comunhão e nada ocorreu. A hóstia desfizera-se, mas não virara sangue. Concluiu-se que não havia milagre, mas indícios de engodo.

Padre Cícero e seus amigos sacerdotes protestaram. Dom Joaquim viu o ato como insubordinação, mandando parecer e relatório direto à Santa Sé. Os padres se retrataram, mas Cícero teve punição severa: suas ordens sacerdotais foram suspensas, acusado de manipulação da fé e de desobediência. A beata Maria de Araújo foi enclausurada. Morreu nessa condição em 1914. O padre passaria o resto de sua vida tentando revogar a pena, mas sem sucesso. Chegou a ir a Roma em 1898, conseguiu um abrandamento, mas ele nunca foi efetivado. Sua situação, com o tempo, piorou, e ele foi excomungado pelo papa.

Proibido de rezar missas, Cícero entrou formalmente para a política, filiando-se ao Partido Republicano Conservador (PRC). Quando Juazeiro foi elevada a cidade, em 1911, ele se tornou seu primeiro prefeito. Em outubro daquele ano, promoveu a reunião de poderosos líderes regionais, firmando um acordo de cooperação mútua e uma aliança em prol do governador Antônio Pinto Nogueira Accioli. A história consagrou o encontro como o Pacto dos Coronéis. No texto do acordo, a cidade já aparece como “Juazeiro do Padre Cícero” e ele é tratado por reverendo. Na década de 1920, Cícero ainda seria eleito deputado federal e vice-governador, mas não tomou posse em nenhum dos casos.

Com mais de 70 anos e formalmente afastado da Igreja, a popularidade só fazia aumentar. Pessoas vinham de longe para tocar o Padim Ciço, pedir sua bênção. A cidade cresceu vertiginosamente e ultrapassou o Crato em importância. Mas a saúde começava a quebrantar. Depois da ascensão de Getúlio Vargas, muito do poder do velho milagreiro declinou rapidamente. Morreu em 1934, aos 90 anos. Doou os seus bens para a Igreja.

Um de seus principais biógrafos, o norte-americano Ralph Della Cava, pondera que o maior feito de Cícero foi ser, sem cálculo prévio, o homem certo na hora certa. Numa região já fértil em crenças milenaristas e propensa a crer em

misticismos, o padre, defensor de um suposto milagre, foi perseguido pela diocese como impostor, ora se aliou, ora confrontou coronéis e caciques políticos, aumentando sua fama como agitador político perigoso. Ao mesmo tempo, foi aclamado em vida como santo por legiões de sertanejos. Seus fidelíssimos seguidores o viam como injustiçado, homem bom, capaz de livrá-los de seus problemas terrenos e espirituais. A junção dessa habilidade política de ocasião com sua proximidade com o povo que atendia catalisou um forte e robusto movimento popular que transformou um vilarejo na principal cidade do interior do Ceará.

Recentemente, o bispo local iniciou uma campanha pela reabilitação formal de Cícero para a Igreja Católica. O máximo que conseguiu foi uma carta assinada por um cardeal, em nome do papa Francisco, dizendo que o Vaticano reconhece valores e virtudes do ex-sacerdote, principalmente porque valoriza a fé dos milhares de romeiros que afluem para seu santuário, ou seja, a Igreja reconhece a ação pastoral de Padim Ciço, mas ainda está longe de considerá-lo um santo. Uma pergunta que não cala: precisa-se realmente desse endosso para um santo existir? Meio milhão de pessoas no feriado de finados de 2016 parece dizer que não.

• • •

Analisemos um último fenômeno: os túmulos sagrados, os santos de cemitério. Em 1918, nascia um santo na cidade de São Paulo. Antoninho da Rocha Marmo viveu pouquíssimo, apenas 12 anos. Foi o suficiente. Filho de pais de classe média católicos, há fotos do menino rezando missa no jardim, todo paramentado como sacerdote. Enfermo, teria previsto a própria morte, consolando a todos. Faleceu de tuberculose e foi sepultado no Cemitério da Consolação.

Logo após sua morte, o túmulo passou a atrair pessoas pedindo curas e graças ao defunto. Olivia Bueno de Lima, uma jovem negra e pobre, rezou para Antoninho, menino branco de classe média. Teria escapado milagrosamente de

amputar seu braço direito. Seu túmulo está recheado de relatos como esses e vive cheio de flores. Recebe uma média de mil visitas por mês. Seu processo de beatificação já está em curso: bom menino católico, tísico e próximo à família, que cura pessoas. Começou bem.

Vizinha de cemitério é Maria Judith de Barros, morta depois de uma violenta agressão do marido, em 1938. Seu jazigo recebe muitos devotos que lhe pedem proteção, incluindo vestibulandos. Se passarem na prova, enfrentarem a graduação e chegarem à pós, poderão pedir graças a Felisbina Muller, morta em 1923 e enterrada no Cemitério da Quarta Parada, cujo corpo estaria incorrupto. Muller teria o poder de curar doenças e ajudar a concluir mestrados e doutorados.

Em 1911, uma epopeia de enterros e exumações teve início. No processo, surgia uma santa popular. Maria Izilda de Castro Ribeiro, a Izildinha, tinha 13 anos quando a leucemia ceifou sua vida em Guimarães, Portugal. Mais de 40 anos depois, no início da década de 1950, a família de Izildinha pediu o traslado de seus restos mortais para São Paulo, onde os Ribeiro residiam. Diz-se que seu corpo, roupas e flores que com ele foram enterradas estavam incorruptos.

Ela foi, então, enterrada uma segunda vez, no Cemitério São Paulo. A comunidade de origem portuguesa logo soube da notícia, e o túmulo começou a receber peregrinos atrás de graças, milagres. Em 1958, a família se mudou para a cidade de Monte Alto, a 350 quilômetros da capital. Nova exumação e novo enterro. Já com fama que a precedia, Izildinha ganhou um mausoléu na praça central da cidade.

Quando o irmão decidiu voltar para São Paulo, levando consigo os despojos da santa menina, Monte Alto se mobilizou e impediu que nova exumação ocorresse. A menina fora incorporada à cidade como patrimônio. Mas, no Cemitério São Paulo, o túmulo que um dia abrigou Izildinha continua recebendo flores e placas de agradecimentos por graças alcançadas. A fé não precisa de corpo.

O cemitério Campo Santo, em Porto Alegre, também tem uma santa popular. Morta em 1899, aos 21 anos, Maria Francelina Trens é popularmente conhecida como Maria Degolada, Maria dos Amores contrariados. No bairro do Partenon há capelas em sua homenagem. Ela protegeria mulheres agredidas por seus cônjuges e ajudaria a acalmar relações turbulentas. Tudo isso porque, aos 21 anos, foi degolada pelo namorado, um soldado, durante um piquenique. O caso não difere muito do de Ana Lúcia Braga, morta em Brasília, em 1973, com apenas 7 anos. Ela sumiu da escola e seu corpo foi encontrado no dia seguinte, brutalmente violentado, perto da UnB. Seu lugar de descanso é parada de pessoas em busca de crianças desaparecidas ou doentes. Como Maria Degolada, ela atende quem teve fim similar ao seu.

• • •

Chegamos ao fim acompanhados de uma reflexão de Frei Betto que retoma o mote com o qual começamos o capítulo. Quem merece o título de santo e quem o concede? A Igreja sempre dirá que todos os que merecem o paraíso são santos, mas alguns chegam lá antes. Essas pessoas especiais têm a santidade reconhecida pela Santa Sé, não outorgada por ela, ou seja, quem é santo, é santo antes de ser assim considerado oficialmente. Os exemplos deste livro mostraram homens e mulheres reais, outros nem tanto. Muitos foram pecadores arrependidos, outros de reputação ilibada desde o berço. Os santos populares tendem a observar as mesmas regras dos canônicos, pois o segundo tipo teve, quase sempre, origem no primeiro grupo. Mas e nossas avós e mães? Seriam realmente santas, apesar de seus pecadinhos ou pecados graves?

O papa Francisco argumenta com frequência que todos nós somos pecadores. De forma laica, mas com igual efeito, Nelson Rodrigues afirmou que, de perto, ninguém é normal. Gente comendo só hóstias para viver pode ter grave distúrbio mental e alimentar. Abandonar a casa dos pais como Francisco o fez pode ser visto como gesto horrível e egoísta (que dirá ignorar os animais feios e peçonhentos!). Chico Buarque, em “Ciranda da Bailarina”, assevera:

“Procurando bem, todo mundo tem pereba.” Pedro é santo, pedra fundamental da Igreja, e negou Jesus três vezes. São Tomé não acreditou no que viu, homem de pouca fé. “Até o papa tem pecados”, disse Francisco em maio de 2013.

Como disse Frei Betto, em 2014, em sua coluna quinzenal no jornal *O Globo*: “Santo não é, portanto, quem é perfeito, e sim aquele que, em meio às contradições, erros e defeitos, faz de sua capacidade de amar um serviço libertador a quem sofre ou vive excluído e oprimido.” Isso, segundo o escritor, também se estenderia aos que não são católicos e até mesmo para quem é ateu. Ufa! Vovó era mesmo santa! Ou, pelo menos, tem chance de ser.

O futuro dos santos e o nosso futuro: conclusões em aberto

O mundo do século XXI gosta de heróis. Em plena era da velocidade informática, os cinemas lotam com filmes sobre personagens fictícias como a Mulher Maravilha ou Wolverine. Crianças usam fantasias deles. Há encontros concorridos com cultuadores das histórias, alguns nem tão crianças assim. O jovem que coloca uma camiseta com o símbolo do Super-Homem ou Batman sente-se, de alguma forma, poderoso. Colecionam-se bonecos e quadrinhos dentro das embalagens originais, ocupando espaços em estantes como se fossem altares. Seriam novas formas de culto ou de relíquias? Como alguns imaginam que os santos do final do Império Romano substituíram os cultos pagãos, como o de Apolo, seria correto pensar que os santos, um dia, serão substituídos pelas personagens da ficção? Ou será que substituir é um verbo errôneo para esta situação?

Há várias teorias em ciências sociais que enfatizam a mudança como um processo de responder ao mesmo problema ou desejo através de novas roupagens. Assim, nossa busca de proteção seria permanente, variando apenas a epiderme.

Ao final da sua obra fundamental, *Religião e o declínio da magia*, o pesquisador inglês Sir Keith Thomas conclui que, se a magia é a resposta para perguntas que não podem ser atendidas de outra forma, o pensamento mágico sempre existirá. Por quê? Até o momento, nenhum avanço da medicina conseguiu dar aos humanos a imortalidade. Moradores ricos dos mais avançados centros do mundo

e dispondo dos recursos mais extraordinários do ramo médico morrerão como o mais miserável habitante de uma área desassistida. Em geral, o primeiro terá menos dor, mais tempo e mais limpeza. O dia da morte será, na média, adiado mais vezes em lugares mais ricos. Insistimos: apenas protelado o encontro com a indesejada, nunca desmarcado. Aí está uma parte da razão da insistência de Thomas quanto à sobrevida de respostas menos racionais, em meio ao triunfo da racionalidade científica a partir do século XIX.

Só a morte? Ela é o mal final, mas o mundo contemporâneo multiplica doenças novas e cura poucas antigas. O mundo atual ainda tem medo de pestes, tanto que grandes cidades quase se esvaziaram há alguns anos com a simples notícia de um vírus novo e forte. Proibimos que pessoas circulem livremente e as pomos em quarentena por mera suspeita de epidemias.

Há mais. Não importa como sua cidade seja segura e sua polícia eficiente. Existe a violência na rua, intensa em alguns lugares, escassa em outros. Todos os pais do planeta ficam ansiosos quando seus rebentos saem à rua. Há o risco de assaltos, chances de atentados, o drama de loucos e violentos mesmo nos lugares mais sofisticados que a espécie humana constituiu. Amar pessoas é, obrigatoriamente, desenvolver medos, e eles costumam colaborar para a busca da proteção. Tal busca por um santo forte, expressão associada no Brasil a corpo fechado, pessoa imune às turbulências da vida, pode ser buscada de duas formas. A primeira é quando é tratada diretamente com o Criador, como fariam, por exemplo, judeus, islâmicos e protestantes, ao menos em suas versões ideais e essencializadas. Porque, na prática, judeus desenvolveram muitas formas esotéricas e místicas, como a Cabala, e, ao longo de toda a Idade Média e ao menos até o século XVIII, muitos deles tiveram formas crípticas e sincréticas de manter sua religiosidade, uma vez que a maior parte da Europa era profundamente intolerante aos judeus. Muçulmanos também desenvolveram o sufismo, e muitos islâmicos acreditam em *djinns*, algo como gênios. Protestantes, especialmente nos cultos neopentecostais, dão aos demônios e à feitiçaria um valor longe do preconizado por Lutero ou Calvino. A busca por proteção também pode se dar, como para católicos romanos e ortodoxos, por meio de

Deus e seus intermediários. Recorrendo a santos ou ao Santo dos Santos, orações correm com frequência em meio a angústias.

Poderia multiplicar os riscos e medos, mas todos os conhecemos. O simples ato de andar pela rua de qualquer cidade do mundo implica muitas questões. Ficar em casa é ligeiramente mais seguro, mas nenhum lar é um *bunker* infalível. O acaso tece tramas que a racionalidade médica de segurança ou de procedimentos lógicos não consegue cobrir. Existir foi e será sempre perigoso. Viver é um desafio permanente, e acidentes podem apenas ser diminuídos, nunca eliminados.

• • •

Falamos de medos, e isso pareceria indicar que os santos ou a proteção do sagrado são fruto da insegurança. Não existe dúvida: angústia ajuda a estimular orações pelo mundo, mas o medo por si só não explicaria a fé em geral e nos santos em particular.

Vimos, nas páginas anteriores, que modelos são fundamentais. Santos reais mudaram a vida de muitas pessoas, e seu culto cria uma identidade e uma sociabilidade. São Genaro une napolitanos como grande parte da cidade de Aparecida vive em torno da Virgem do dia 12 de outubro. Difícil conceber a maioria dos portugueses sem Fátima ou os mexicanos desprovidos de Guadalupe. Os santos e os cultos marianos podem ser uma espécie de sobrenome coletivo de um grupo que se identifica com imagem e com práticas litúrgicas.

A partir da década de 1980, o papa João Paulo II decidiu facilitar o processo de canonização. Antes bem mais burocrático e demorado, os candidatos aos altares passavam por décadas ou século de testes e exames sob o crivo permanente do advogado do diabo, alguém encarregado de achar problemas na biografia ou nas ideias do bem-aventurado. O papa polonês simplificou o processo. Em poucos

anos, mais santos foram proclamados do que nos séculos anteriores. Continuamos com grande presença de religiosos, especialmente homens, mas surgem personagens bem mais próximas e contemporâneas a partir de então. Madre Teresa de Calcutá é um exemplo de uma santa que muitos podem ter conhecido em vida. O próprio João Paulo II foi declarado santo, beneficiado pelo decreto por ele outorgado. Faz parte da liberdade de imaginação supor sua recepção celeste: nunca um papa havia oficializado tantas pessoas no Paraíso. A festa celeste deve ter sido concorrida.

De tempos em tempos surgem anúncios sobre o fim das religiões em geral e da Igreja Católica em particular. O século XVIII foi o momento do Iluminismo, e uma geração de anticlericais e racionalistas teve a convicção de que o futuro da humanidade não contaria com a instituição romana. No XIX, o avanço do Liberalismo e uma nova onda conservadora dentro da Igreja, especialmente com o papa Pio IX, pareciam indicar uma contradição insolúvel entre o mundo moderno e o catolicismo. O século da ciência, de Marx, de Darwin, de maçons em choque com o papado, de políticos laicizantes e de avanços impactantes na medicina era o século do orgulho autossuficiente e racional do progresso. O papa foi visto como o suspiro final e reacionário da “infame”, qualificativo que Voltaire havia jogado sobre a Igreja Católica.

O papa Pio XII, no século XX, viveu e testemunhou a escalada de violência da Segunda Guerra e, diante das dores contemporâneas, continuava a ser o “papa de cera”, o rosto conservador e medieval sob a tiara. Em 1958, por exemplo, os jovens buscaram o existencialismo como resposta; o mundo se angustiaava com o risco nuclear, e o rock era uma expressão massiva e rebelde. O mundo católico apresentava iniciativas novas, porém, a Igreja continuava parecendo pesada, arcaica, fora de seu tempo.

Naquele ano, faleceu Pio XII e foi eleito João XXIII. Uma mudança imensa. O ex-patriarca de Veneza sorria, era afável e se comunicava com as massas. O papa bom, o papa João, era um fenômeno pop. Seu curto governo iniciou uma reviravolta. Convocou-se um Concílio Ecumênico, o Vaticano II, o qual deveria

fazer uma abertura das janelas da Igreja Católica para o mundo.

O processo de *aggiornamento* de João XXIII foi concluído com Paulo VI. A missa foi transformada, passou a ser celebrada em língua vernácula, hábitos deram lugar a roupas comuns para os religiosos, e uma Igreja nova surgiu aos olhos do mundo.

O resultado foi inquietante. A década de 1960, o período do florescimento da nova igreja renovada e com o sol entrando, foi o de maior perda de vocações da história recente. Era quase uma nova reforma luterana. Milhares de religiosos abandonaram os votos. Seminários foram esvaziados. As “guitarras” da missa rezada na língua de cada povo não lotaram a maioria das paróquias.

Voltemos ao Brasil. Na periferia das grandes cidades cresciam movimentos pentecostais e neopentecostais. A Teologia da Libertação nas comunidades eclesiais de base desenvolvia um método de crítica social bastante racional, mas quem lotava cada vez mais os espaços dos templos eram os pastores que exorcizavam e abençoavam fiéis.

Uma prática católica menos mágica, menos pomposa, mais aberta ao mundo contemporâneo e até revolucionária em relação à desigualdade social assistia a uma crise de público e de clero ainda maior do que o momento em que se criticava o reacionarismo de Pio IX ou a pompa de Pio XII. Modernizada pelo Concílio, a Igreja parecia viver uma crise irreversível.

Difícil saber o momento da virada. Há vários elementos. Nenhum é absoluto. A eleição de João Paulo II trouxe uma face nova ao papado. O papa viajante, comunicativo, presente em muitos lugares e levando palavras de conforto e atraindo atenção midiática. Tomemos apenas um exemplo: nunca um papa havia visitado o Brasil, maior país católico do mundo, em quase 500 anos de história. João Paulo II esteve entre nós três vezes. Visitas triunfais, a primeira em particular, colocava holofotes sobre a Igreja. Sem dúvida, a virada passa pelo papa polonês.

Após um período mais radical de modernização de práticas litúrgicas, muitos padres voltaram a procissões tradicionais, bênçãos de saúde, paramentos completos e festas religiosas. O impulso crítico da Teologia da Libertação foi esvaziado, em parte, pela própria hierarquia romana. Teólogos mais à esquerda foram silenciados, como frei Leonardo Boff. Houve intervenções em dioceses e seminários. O vento midiático de João Paulo II também era um vento mais conservador.

As hipóteses interpretativas são muitas e ainda é cedo para uma avaliação definitiva, se é que algum dia a teremos. Temos sintomas claros de uma retomada religiosa católica por todos os lados. Exemplos?

As jornadas da juventude, como a ocorrida no Brasil em 2013 com a presença do papa Francisco, mostraram uma força imensa. Jovens do Brasil e do mundo acorreram à praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, emocionados.

Práticas devocionais como o rosário, que pareciam associadas ao passado, voltaram com força. Houve a introdução de um novo ciclo de mistérios, os de luz. Terços encontram boa venda em lojas religiosas. Não é difícil de ver em muitos veículos as contas do terço penduradas no espelho retrovisor ou o adesivo de Maria e um rosário fixados na lataria. A medalha milagrosa de Nossa Senhora das Graças é um produto de venda fácil. A divulgação da tradicional imagem da medalha de São Bento parece ter crescido muito. Como vimos no livro, igrejas como a de São Judas, em São Paulo, ou a de São Jorge, no Rio, parecem ter mais fiéis no século XXI do que tinham há cinquenta anos.

Nos anos rebeldes da contracultura, o casamento oficial era um rito falido do Ocidente, diziam hippies em busca de mantras hindus ou budistas e roupas coloridas. O amor livre era o futuro e as noivas de branco, um arcaísmo intolerável.

Tente, caro leitor, estimada leitora, obter uma data de casamento nas principais e concorridas igrejas das grandes cidades do Brasil. Se você marcou um casamento

para daqui a dois anos (um prazo mais ou menos seguro para obter datas do seu desejo) e, nesse meio-tempo, romper com seu noivado, talvez seja melhor manter a data e ir em busca de um par distinto. Os casamentos estão em alta, com noivas de branco, Ave-Maria e toda a pompa e circunstância possíveis de acordo com o orçamento de cada pessoa.

Os seminários não lotaram novamente. Há carência enorme de padres por todo o Brasil. A vinda de missionários europeus, antes abundante, hoje é escassa. Faltam padres na Europa, também. Porém, o quadro de esvaziamento das décadas de 1960 e 1970 está superado. O ritmo ainda cresce, mas sem saltos espetaculares, e já não inspira mais o medo de há meio século.

Em 1970 era difícil encontrar uma rádio religiosa. Atualmente é complexo encontrar uma que não seja. Rádios católicas e evangélicas são presença forte. Canais de TV religiosos, também.

A força política de deputados e senadores ligados a grupos organizados de igreja é visível no Parlamento. No período do Segundo Reinado, quando o Brasil era oficialmente católico, dois bispos foram presos – era a questão religiosa. Hoje, quando a Constituição proíbe um culto oficial e o Brasil é um Estado laico, a hipótese de prender um bispo está mais distante do que há 150 anos.

Talvez seja o esvaziamento de sentido e o relativismo moderno. Pode ser o cansaço da falta de regras claras ou a embriaguez da liberdade. Não é possível ficar em Woodstock para sempre. Pode apenas ser o movimento pendular da história. As religiões estão na moda e a moda parece aumentar.

As orações a santos correm em grupos de WhatsApp e sites variados. A santidade atingiu o mundo virtual e, como sabemos, Santo Isidoro de Sevilha é o padroeiro da internet. Eles estão de volta e por todo lugar. Você estar lendo este pequeno livro sobre santos é a última definitiva prova do sucesso dos bem-aventurados.

Os santos voltaram mesmo. O terceiro centenário do achamento da imagem de

Nossa Senhora Aparecida é imensamente mais comemorado do que foi o segundo, em 1917. Será o quarto, em 2117, um fato ainda mais extraordinário?

O futuro, dizem as pessoas de fé, a Deus pertence. O Todo-Poderoso, Senhor do devir e única fonte de poder, permanece insondável nos seus desígnios supremos. A majestade divina é impenetrável e sequer podemos olhar para Deus, pois, como foi dito na experiência de muitos líderes religiosos como Moisés, a glória d'Aquele que é excede nossa possibilidade de contemplação. Ora, se não é possível estar diretamente de frente a Deus, muitos católicos e ortodoxos podem contar com seres intermediários para que a graça divina se espalhe e seja presente entre nós. Temos amigos na corte celeste e recorremos a eles com frequência. Temos advogados celestes e uma relação especial inclusive com Sua mãe. Gostamos dos avós Joaquim e Ana; falamos com os amigos de caminhadas como Judas Tadeu; festejamos seu primo João Batista; sabemos até do cara que o viu morrer, Longuinho, e, por fim, todos os que seguiam diretamente a ele como Jorge, Francisco, Bárbara e outros. Seu pai de criação é nosso íntimo José. Seus amigos são nossos amigos. Sua família nos toca profundamente. Seus seguidores e seu fã-clubes fazem parte do nosso cotidiano. Assim, sem dúvida, estamos fortemente ligados a toda turma e criamos a chance de um convite para esta festa eterna. Se nos barrarem na porta, podemos invocar, como bons brasileiros: mas eu conheço toda a família do cara! Os autores, apesar de variadas percepções sobre o sagrado, desejam muito que São Leandro de Sevilha e São Luís IX, rei da França, também estejam na festa celeste. Bastará gritar da porta:

“E aí, xará, podemos entrar?” Amém.





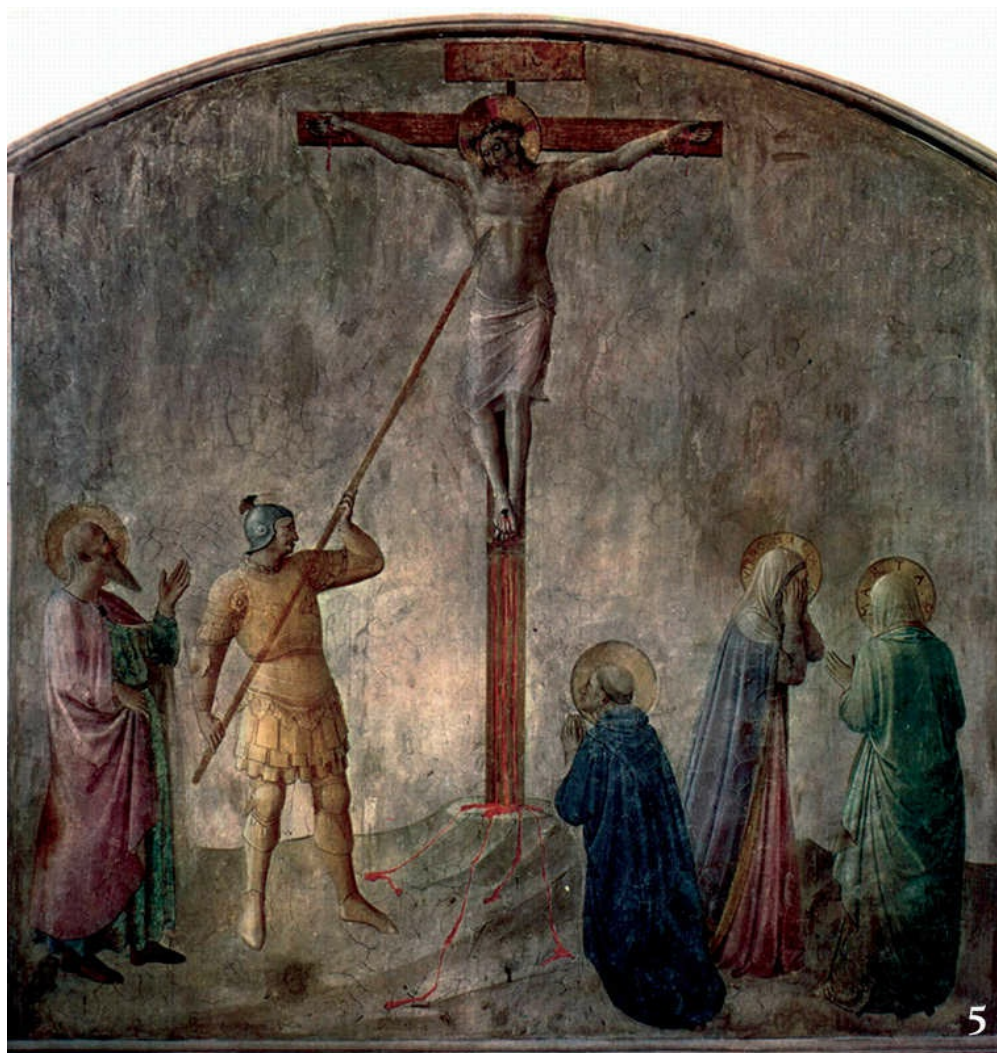
Bernini (c. 1646) recria o êxtase de Santa Teresa D'Ávila, canonizada em 1622. A imagem [fig. 1] fica na igreja de Santa Maria della Vittoria, em Roma. Um dos maiores escultores de sua época, Bernini também recriou outro êxtase: o da Beata Albertoni, na Igreja de San Francesco a Ripa. A obra [fig. 2] adorna o túmulo da beata e foi feita depois da cena de Santa Teresa, em 1674. Ambas as religiosas afirmavam ter visões místicas e êxtases espirituais. A Igreja da Contrarreforma apostava nessa fórmula de experiências religiosas intensas.



São Jorge tem mais de uma igreja no Rio de Janeiro. Na Zona Norte, em Quintino, fica a Igreja Matriz de São Jorge. Outra, no Centro, em plena Praça da República, tem o nome oficial de Igreja São Gonçalo Garcia e São Jorge [fig. 3]. Santo de existência debatida, Jorge se fundiu ao poderoso Ogum, num culto capaz de reunir até meio milhão de pessoas no dia 23 de abril.



Antonello da Messina, um dos grandes nomes da pintura do século XV, criou este São Sebastião por volta de 1476. Uma aula de perspectiva, o quadro é a quintessência do Renascimento, atualizando uma cena antiga à época do artista. Os trajes exíguos e o torso nu, indiferente às flechas, são tópicos mais uma vez atualizados: artistas contemporâneos associam tais características à homossexualidade ou ao masoquismo.



Fra Angelico produziu uma representação de São Longuinho no afresco de Cristo na cruz, pintado entre os anos de 1437 e 1445, no Museu Nacional de São Marcos, em Florença. Na cena, vemos o Nazareno em seus derradeiros momentos, ladeado por São Domingos (ajoelhado ao pé da cruz, o santo viveria mais de um milênio depois de Cristo), São Marcos Evangelista, Maria, e Marta ou Maria Madalena. Perfurando seu flanco, Longuinho é apenas um soldado romano, ainda sem o halo da santidade.



O grandioso São Longuinho de Bernini, na Basílica de São Pedro, no Vaticano, foi esculpido nos anos 1630. A lança de sempre está em suas mãos, mas o santo aparece já com o elmo aos pés, símbolo de sua conversão e da iluminação. Longuinho é santo corriqueiro dos brasileiros, a quem se recorre sempre que se perde algo.



O marianismo é particularmente expressivo no catolicismo. Os ex-votos, como estes da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, são prática comum no Brasil desde pelo menos o século XVIII e podem ser pinturas com inscrições ou figuras de cera, postas como pagamento de promessa ou em honra a uma graça alcançada.



Vamos da padroeira do Brasil para a das Américas, Nossa Senhora de Guadalupe. Em 1531, São Juan Diego Cuauhtlatoatzin teria avistado Maria nas colinas onde a antiga deidade mexicana, Tonantzin, costumava ser adorada. Colheu rosas que aquela senhora ordenou, envolveu-as no seu tecido rústico, e as levou para o bispo. Diante do religioso, abriu seu manto: no lugar das flores, uma imagem.



Giotto Di Bondone foi um dos responsáveis pela decoração da Basílica de Assis, não muito depois da morte de São Francisco. Assim como outros artistas da época, baseou suas pinturas num programa estabelecido pelas primeiras hagiografias que davam ênfase aos milagres e êxtases. A iconografia de São Francisco manteve-se razoavelmente inalterada até o Barroco: jovem, com barba rala ou imberbe, magro e baixo, as representações mostram o “pobrezinho” como um homem tão santo que quase se afigura um segundo Jesus. Não à toa, surgem os estigmas. Nesta têmpera de grandes proporções (314 x 162 cm), feita por volta de 1300, e conservada no Louvre, em Paris, Giotto inova em relação ao cânone bizantino, ao mostrar as figuras em ligeiro escorço e voltadas uma para a outra, não ao público. Francisco recebe as chagas do próprio Salvador em forma de querubim.



A tradição iconográfica criou muito do que contamos sobre São João Batista, primo de Jesus. Aqui, dois grandes mestres do Renascimento italiano, Rafael Sanzio e Leonardo da Vinci, nos contam suas versões da infância em família dos meninos sagrados. Nesta, em especial, alcunhada de “A bela jardineira”, vemos o Batista já com as suas vestes de adulto, a cruz nas mãos, anunciando aquele que viria depois dele, a quem se curva. Notem que Rafael o põe abaixo da cruz e de seu primo mais novo.



Já na cena criada por Da Vinci, um dos mestres de Rafael, vemos uma composição não usual, com a virgem sentada em um rochedo. Há duas versões da “Virgem dos rochedos”. Esta é a mais antiga, de fins do século XV, e está no Louvre. João Batista aparece sem seus atributos comuns, como a roupa, a cruz (presentes na segunda versão da pintura, hoje em Londres) ou a água. A virgem o segura pelos ombros e ele se curva ao menino Jesus. Maria, com a mão esquerda, parece abençoar o filho. Cristo está amparado pelo Arcanjo Gabriel, o mesmo que teria anunciado ambos os bebês. O sombrio da composição é o martírio prefigurado das duas crianças. Jesus está literalmente à beira do precipício, mostrando a inevitabilidade de sua morte. O anjo aponta para João. Seu dedo indicador sugere, segundo alguns intérpretes, a cabeça decepada do Batista. A flora presente (íris e acônitos) é símbolo da paixão e morte do Nazareno.



Aqui vemos os três murais de Ticiano na Scuola del Santo, em Pádua, mostrando cenas de Santo Antônio, que, ao longo da Idade Média, foi transformado de santo intelectual e orador em popular milagreiro. Em *O milagre da cura do pé amputado* [fig. 12], Ticiano cerca o santo de curiosos que parecem esperar o pé cortado voltar ao lugar. Em *O milagre do recém-nascido* [fig. 14], a multidão testemunha o santo, de joelhos ao centro, segurar um infante que identifica seu pai. Já em *O milagre do marido ciumento* [fig. 13], o primeiro plano é cedido ao homem que, entorpecido de infundados ciúmes, mata a esposa. Ao fundo, o santo acolhe o marido arrependido.





Conforme argumentamos várias vezes no livro, a devoção popular canoniza sem precisar do processo do Vaticano. Nesta imagem, um dos santos mais populares do Brasil, o padre Cícero, foi representado por Armando Lacerda (com engenharia de Rômulo Ayres Montenegro) em 1969. É um colosso de 27 metros de altura. Em sua base, sempre muito movimentada por turistas e romeiros, há um pequeno museu e uma igreja. Juazeiro do Norte era um ponto isolado no mapa nordestino. Hoje é centro de romaria. O padre Cícero é santo popular e ainda não consagrado pela Igreja oficial.

Crédito das imagens

- 1: Gnzevenaar sob licença CC BY-SA 3.0
- 2: ho visto nina volare sob licença CC BY-SA 2.0
- 3: Fábio Motta/Estadão Conteúdo
- 8: José Luiz Bernardes Ribeiro sob licença CC BY-SA 3.0
- 15: Allan Patrick sob licença CC BY-SA 2.0
- 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13 e 14 em domínio público

Copyright © 2017 by Leandro Karnal &
Luiz Estevam de Oliveira Fernandes

ANFITEATRO

O selo de ideias e debates da Editora Rocco Ltda.

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Coordenação editorial: BRUNO FIUZA

Coordenação Digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub

CECÍLIA CAVALCANTI

Edição digital: outubro, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

K28s

Karnal, Leandro

Santos fortes [recurso eletrônico] / Leandro Karnal, Luiz Estevam de Oliveira Fernandes. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

recurso digital

ISBN 978-85-69474-36-4 (recurso eletrônico)

1. Santos católicos - História. 2. Hagiografia cristã - Brasil - História e crítica. 3. Livros eletrônicos. Fernandes, Luiz Estevam de Oliveira. II. Título.

17-43575

CDD: 253.2

CDU: 27-36

Os Autores

Leandro Karnal é doutor em História Social pela USP e professor da Unicamp. Seus livros mais recentes são *Pecar e perdoar* (Nova Fronteira), *Todos contra todos* (Leya) e *Diálogo de culturas* (Contexto).

Luiz Estevam de Oliveira Fernandes é doutor em História Cultural pela Unicamp, com pós-doutorados pela Unicamp e pela University of Texas at Austin, e professor da UFOP. Publicou *História dos Estados Unidos* (com Leandro Karnal, Marcus Morais e Sean Purdy, Contexto), e *História da América* (Edufop), entre outros.